

Magazine mensal illustrado

LIVRARIA FERREIRA, Editora

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 90 — LISBOA
Telephone 305

SERÕES

N.º 58 — Abril 1910

Assignatura	Semestre..	1\$200
	Anno	2\$200
Numero avulso		200

Composto e impresso
na Typ. do Annuario Commercial





A MAIOR E MAIS IMPORTANTE FABRICA PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construção de pontes,
vigamentos e estruturas metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR
MOTORES A GAZ POBRE

CONSTRUCOES MECHANICAS CIVIS E NAVAES

Alfaías e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos

SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero
de machinas

Materias primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRITORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE

N.º 256—BELEM

Telegrammas

Santamaro

LISBOA

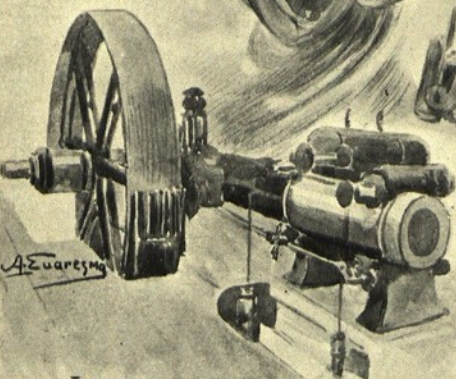
Deposito d'Exposição Permanente

AVENIDA DE D. CARLOS

E

RUA VASCO DA GAMA

LISBOA



A ILUSTRADORA L. DO Carmo 17, LISBOA

Summario

MAGAZINE

PAG.

ALEXANDRE HERCULANO

(*Frontispicio*) 242

OS ULTIMOS DIAS DE ALEXANDRE HERCULANO

(*1 illustração e 1 vinheta*) por BULHÃO PATO 243

O DEVER (*Versos*) de IGNOTUS 248

OS AMORES DE PAULO E FRANCESCA

(*2 illustrações e 1 vinheta*) por B. DE SALLES 249

VOX DEI (*Versos*) de CELESTINO MONTEIRO 252

LUTHERO BURBANK

(*7 illustrações*) por ALVARO COELHO 253

NOIVA (*Versos*)

(*1 illustração*) por AUGUSTO GIL 256

ARSENAL DO ARSENAL

(*6 illustrações*) por HENRIQUE MARQUES JUNIOR 257

BRANCA HERMINIA (*Versos*) de LUCILIO 262

IMPRESSÕES DE VIAGEM — CANNIBALISMO N'UM COMBOIO

(*1 vinheta*) versão de MANUEL DE MACEDO 263

EM TANAGRA (*Versos*) de M. CARDOSO MARTHA 268

O CAMPO GRANDE

(*6 illustrações*) por EUGENIO VIEIRA 269

ARISTOPHANES E A SUA ESCOLA

(*6 illustrações e 1 vinheta*) compilado por EDUARDO DE NORONHA 275

O PAPA PIO X

(*14 illustrações e 1 vinheta*) por S. B. 287

ROXO (*Versos*) de RAUL DO VALLE 296

O CAMPO DE SANT'ANNA — RECORDAÇÕES DE ENTÃO

(*10 illustrações e 1 vinheta*) por CARLOS ABREU 297

A MOLEIRA (*Versos*)

(*1 illustração*) por J. DE OLIVEIRA SIMÕES 305

ESCOLHA DE ADUBOS PELO METHODO DO CESTO E DA PARAFFINA

(*2 vinhetas*) pelo VISCONDE D'ALTE 306

ECCOS E REFLEXOS

(*8 illustrações*) 308

A MUSICA DOS SERÕES

MINUETE, original de JOSÉ M CORREIA 4 pag.

A Quebradura curada

Vê V. este pedreiro fechando a abertura nesta parede?



E' essa a fôrma porque eu curo a quebradura. Enchendo a abertura com materia novo e mais forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura numa parede, a parede de musculo que protege os intestinos e outros órgãos internos. E' quasi tão facil curar uma ferida ou rotura neste musculo como em um braço ou mão.

Comtudo esta rotura não é talvez maior que a cabeça de um dedo.

Mas é sufficientemente grande para deixar que os intestinos passem através. E' claro que isto não pôde cicatrizar sem que a natureza seja auxiliada.

E é isso precisamente o que o meu methodo faz. Permite-lhe a V. reter a protusão dentro da parede no seu mesmo sitio.

Depois dou a V. um Desenvolvente Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra através da pelle até aos bordos da abertura e remove o anel calloso que se tem formado ao redor da rotura.

Então começa o processo de cicatrização. A natureza livre já do intestino saído e do anel calloso da abertura, e estimulada pela acção do Lymphol deita uma porção de lymphá e a abertura é outra vez occupada com novo musculo.

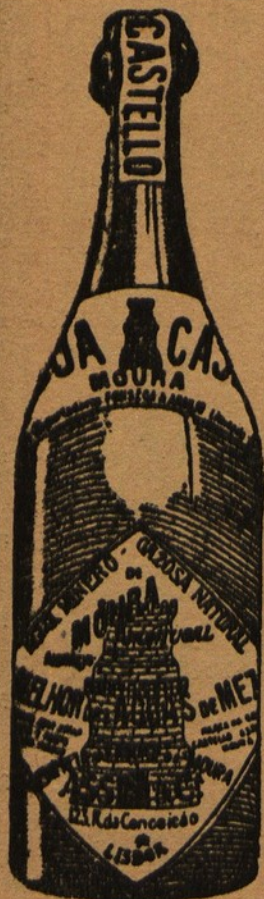
Não é isto simples? Não é isto razoavel? Tenho provado os seus meritos em milhares de casos. Proval-o-hei a qualquer herniado que me envie o seu nome.

Escreva-me V. indicando o numero a que corresponde o seu caso e eu lhe enviarei pelo correio uma amostra gratuita do meu Desenvolvente Lymphol e um livro lindamente illustrado ácerca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me envie V. dinheiro. Só o seu nome e endereço.

Wm. S. RICE, R. S. Ltd.,

(ESPECIALISTAS)

(G. P. O. Box n.º 5) (Depot.º S. 351), 8 & 9, STONECUTTER ST.,
LONDRES, E. C., INGLATERRA



AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

— DE —

— MOURA —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empresa das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

CALDEIRA PIRES

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escriptorios, escolas, quartéis, policia, etc., etc.

Ligeira noticia da capital, e todas as suas differentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3\$000 réis

Colladas em panno, envernizada, com reguas de madeira

5\$000 réis

Propriedade e deposito geral

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de abril de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer lugar e dia (excepto domingos e dias santificados) no

SALÃO FOZ

(Calçada da Gloria, em frente da rua do mesmo nome)

durante o mez de abril de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer lugar nos espectaculos realizados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de abril de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de abril de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para aquisição de um exemplar do

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de abril de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON

46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de abril de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer encomenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.^a

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de abril de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para aquisição de um exemplar da

AGENDA

do **Anuario Commercial de Portugal**

Praça dos Restauradores, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de abril de 1910.





Alexandre Herculano



Os ultimos dias de Alexandre Herculano

O trecho que abaixo segue, devido á penna sentida e brilhante do inspirado poeta Bulhão Pato, é transcripto, com a devida venia, do primeiro volume das suas «Memorias», trabalho litterario primoroso e em tudo digno do seu auctor. Julgamos assim honrar a memoria do insigne extincto, honrando ao mesmo tempo a individualidade do seu grande amigo vivo.

SABBADO — 8 de setembro de 1877 — depois de jantar, saí da casa, onde então morava, — calçada da Estrella, proximo ao largo, — e fui visitar o meu amigo Zacharias d'Aça, que habitava na rua de S. Felix, á Lapa.

Eram dois passos. Ia conversar, e convidar-o para darmos, no dia seguinte, uma volta de caça pelo juncal da Costa. Ia com animo desafogado, bem disposto, como vulgarmente se diz.

Estava uma tarde magnifica, illuminada pelo sol, ainda vivo, do declinar do verão.

Quando entrei em casa do meu amigo, achei-o preocupado e triste.

Perguntei-lhe, se tinha alguma coisa. Respondeu-me, que não. Em seguida propuz-lhe o nosso passeio á Costa. Calou-se um momento; depois disse-me, com certa precipitação:

— E' verdade, o Alexandre Herculano está doente. Parece-me ser coisa grave. O Reis (Henrique Augusto de Souza Reis, tenente coronel de artilheria, amigo de Herculano) já partiu para lá com o dr. Alves Branco.

Apertou-se-me o coração, que estava expansivo e alegre, dizendo commigo:

— O mestre está morto!

Escrevi um bilhete á minha irmã, e saí immediatamente. Zacharias d'Aça acompanhou-me.

Chegámos á livraria Bertrand, onde encontrei Augusto Saraiva de Carvalho. Perguntei-lhe novas.

— No telegramma que recebo agora, diz-se que é uma perniciosa — respondeu-me elle.

Segui para o Caminho de ferro. Tinha-se aberto a porta. A casa estava deserta. Entrei a passear d'alto a baixo. Os viajantes vinham confluindo. Eu acotovellava este, pisava aquelle...

Ha horas, em que nós quasi perdemos a consciencia do mundo exterior.

Minutos antes de partir o comboio appareceu á porta o dr. José d'Avellar.

Fiz-lhe logo uma serie de perguntas importunas. Suppunha, allucinadamente, que o medico me podesse consolar!

— Socega-te. Eu não sei nada. Lá veremos o que ha.

Chegámos a Valle de Lobos ás 11 horas da noite, pouco mais ou menos.

Estava lá o medico assistente, dr. Pedroso, e Alves Branco. As physionomias

d'ambos não me influíram animo. Outro tanto me succedeu, quando José d'Avellar voltou do quarto do doente.

Alexandre Herculano estava em pleno uso das suas faculdades, porém extremamente agitado.

Sobre a madrugada partimos. Poucas palavras trocámos. José d'Avellar disse para o seu collega Alves Branco:

— Não gosto d'isto.

— Nem eu! respondeu Alves Branco.

Depois começaram a falar, na linguagem da sciencia. Julguei perceber, que o mal não estava ainda bem caracterisado, mas que o prognostico era mau.

Não me atrevi a perguntar nada.

N'um telegramma de domingo — 9 — havia algumas palavras um nadinha animadoras.

Uma carta de José Basto, escripta ao irmão João Basto, e datada de domingo á noite, dizia que o doente tomára os caldos com menos fastio, e até pedira uma colher de vinho do Porto, coisa que até ahi lhe repugnava grandemente.

Fui, a correr, levar esta noticia a Henrique Reis e José d'Avellar, que esperavam por mim na tabacaria Lusitana. N'aquellas circumstancias esta noticia deu-nos alma nova.

Reis disse-me:

— D'aqui por meia hora devo ter telegramma em casa. Se as noticias forem boas, vamos dar um passeio ao campo, e depois de jantar partimos para Valle de Lobos.

Passada meia hora acompanhei Henrique até sua casa, em frente da Bibliotheca. Fiquei á espera no largo. Bastou-me vel-o sair da porta, com o telegramma na mão, para me convencer que as novas eram lastimosas!

Não me enganei.

* *

Antonio da Silva Tullio, extremamente commovido, tinha corrido ao Paço a pedir a Magalhães Coutinho, que acudisse com a sua sciencia e grande talento ao amigo de tantos annos.

Mandou-se pôr um expresso. A's seis e meia entravamos na estação. Lá estava Magalhães Coutinho. Partimos. Eramos cinco: Magalhães Coutinho, João Galhardo, sobri-

nho de Alexandre Herculano, por affinidade, Henrique de Souza Reis, José d'Avellar e eu.

O expresso silvava constantemente, cortando o terreno, como as aves cortam os ares. Pareceu-nos, que ia devagar!

Chegando a Valle de Lobos, Magalhães Coutinho não auscultou o doente. Tomou-lhe o pulso, e disse-lhe algumas phrases vagas. Falou-lhe, com insistencia, de um alto personagem, que se interessava pelo seu estado.

Quando Magalhães Coutinho saíu do quarto, Alexandre Herculano, muito commovido, disse para José d'Avellar:

— Isto dá vontade de a gente morrer.

Era a friesa desconsolada do medico e do amigo? Seria sentir que o homem de superior talento, talento que elle apreciava tanto, não lhe podendo já acudir com a sciencia, quera, áquellas tardias horas, consolal-o com a satisfação das vaidades humanas?

Fosse o que fosse, alguma coisa acerba lhe atravessou o espirito, n'esse atribulado momento!

D'alli a pouco, recobrando a sua habitual serenidade, disse-me:

— Os de casa, coitados, andam com a cabeça perdida. Dê uma vista d'olhos áquillo lá por baixo, para que arranjem a ceia. Veja os melões. Este anno são magnificos.

De madrugada regressámos a Lisboa.

* *

N'esse dia á noite — 11 — José d'Avellar voltou a Valle de Lobos.

Damos-lhe agora a palavra:

«Meu querido Bulhão Pato. — Para completos a tua triste narrativa, queres que recontre o que se passou, desde o dia em que tiveste de retirar de Valle de Lobos, e eu tive de ficar ao lado do nosso nobilissimo e chorado amigo, na qualidade de enfermeiro, qualidade que nunca ultrapassei, como sabes. Vou cumprir as tuas ordens, e em breves palavras direi os poucos e melancholicos episodios, que a minha fraca memoria não deixou escapar.

«No dia 12 resolveram propôr ao enfermo, que aproveitasse a presença do tabelião — que era seu respeitoso amigo, e que o vinha visitar — para fazer o seu testa-

mento, ao que elle accedeu sem a menor hesitação, demonstrando, todavia, bem accentuadamente n'um quasi desdenhoso sorriso, que não acreditava na coincidência d'aquella visita.

«Assisti ao acto como testemunha.

«Dictou tudo, palavra por palavra, com a maior serenidade, e sem differença de tom na voz, quando falou das disposições do seu proprio enterro, que deixava ao arbitrio e vontade de sua viuva.

«Fui eu, e Santos, que o amparámos, para se sentar na cama, e assignar o testamento. Como a primeira penna — que era d'ave, e com essas é que sempre escrevia, — não servisse, por estar resequida e com os bicos revirados, por não ter uso havia alguns dias, fui ao escriptorio procurar outra, que preparei rapidamente, molhando-a na tinta, e collocando-lh'a entre os dedos.

«Com estas curtas demoras, e na posição que conservava, — ainda que amparado nos braços de Santos, — tinha-se afadigado extraordinariamente; a respiração era já muito frequente e curtissima, porque a maior parte dos pulmões não funcionava, e só com muito esforço e vigor de vontade conseguiu — a muito custo e com letra muito tremida e deformada — assignar o seu — A. Herculano.

«A palavra que, decerto, o grande escriptor traçara sempre com menos attenção e quasi automaticamente, foi a ultima, que escreveu, e com tantas difficuldades e cansado trabalho, como quem realmente grava no bronze eterno a rubrica da propria immortalidade!

«Deixou-se cair, offegante, sobre as almofadas, com a respiração estridula e fer-

vorosa de quem já não tinha força para expectorar.

«Disse-me ainda que os rapazes — os seus testamenteiros — poderiam publicar uns cinco volumes de opusculos com os manuscriptos, que deixava, e os artigos dispersos nos jornaes.

«Depois ficou n'um torpôr de repouso apparente, e nós deixámo-lo como a dormir.

«Estava exausto: poucas horas tinham de decorrer para começar a agonia.

«De noite voltaste, e como não o desamparaste mais, melhor do que eu sabes como passaram os ultimos momentos do homem, do grande e inimitavel historiadore!

«Teu velho amigo

José d'Avellar.»



ALEXANDRE HERCULANO

Os telegrammas do dia 12 eram cada vez mais aterradores.

Henrique de Souza Reis estava descoroçoado, mas queria ainda levar o dr. Alves Branco a vêr o seu amigo.

Era um fio de esperança; agarrava-se a elle!

No comboio da noite partimos.

A viagem foi soturna.

Quando chegámos a Valle de Lobos, e entrámos no quarto, Alexandre Herculano olhou para Henrique, e abraçou-o.

Era um agradecimento mudo pela sua sollicitude.

O dr. Alves Branco observou detidamente o enfermo. Não despregavamos os olhos d'elle. O habilissimo medico forcejava por apparentar a maxima serenidade, falando affectivamente com Alexandre Herculano, que lhe dizia:

— Ainda que chegasse a levantar-me d'aqui, como ficaria eu? Valeria a penna es-

gotar os recursos da sciencia com um homem, que já nada poderia produzir? Estou cansado, doutor, tenho trabalhado muito!

Quando entrámos no escriptorio, Alves Branco sentou-se, esteve alguns momentos calado, e depois, como respondendo á nossa ansiosa expectativa, disse-nos, com as lagrimas nos olhos:

— E' um homem irremediavelmente perdido!

Meia hora depois Henrique, morta a esperanza, voltava com o doutor para Lisboa. Eu ficava.

Abraçámo-nos sem trocar palavra.

Sobre a madrugada desci á casa de jantar, sentei-me n'uma cadeira de braços, e adormeci. D'alli a pouco acordei sobresaltado.

Cantavam os passaros, vinha rompendo a manhã.

Subi ao quarto. Eduardo Galhardo, sobrinho de Herculano, filho de sua irmã, estava alli.

A luz, que entrava pelas frinchas da janella, sobrelevava já ao clarão mortiço da lampada accessa no quarto proximo ao do enfermo.

Alexandre Herculano disse:

— Abram a janella. Quero ver as arvores.

Eduardo abriu as portas da janella. O orvalho, aos clarões vivos e virginaes da alvorada, brilhava como pedras preciosas, correndo em lagrimas pelos vidros empanados.

Eduardo limpou os vidros com o lenço. N'esse mesmo momento tinham entrado o quarto José Basto, José Candido dos Santos, um dedicado amigo de Valle de Lobos, hoje morto, a ex.^{ma} sr.^a D. Marianna Herminia Meira, e as amigas intimas, que a acompanhavam. Não me recordo de algumas pessoas mais.

A luz da manhã crescia em ondas. Alexandre Herculano estava extremamente pallido. O queixo inferior, que de ordinario, quando falava, tremia um pouco, agora tremia constante e fortemente.

Não havia nem lagrimas nos olhos, nem palavra na bocca de ninguem.

Nada ás vezes é mais eloquente, do que o completo silencio!

Herculano, vendo entrar as senhoras, olhou fixo para sua mulher, que elle amava

extremosamente, com expressão dolorosa e affectiva.

Depois, estendendo o braço, disse com energia:

— Levem d'aqui as mulheres. Mulheres não são para vêr isto!

Que se passaria n'aquelle forte, e ao mesmo tempo amantissimo coração, ao proferir estas palavras em tal instante e com tal hombridade!?

O medico assistente, dr. Pedroso, chegou pelas oito horas. Na consternação da sua boa e intelligente physionomia lia-se a sentença fatal!

O creado Manoel, que Alexandre Herculano tivera em sua casa de pequeno, e mandára educar, veio trazer-lhe um caldo.

Herculano fez um gesto repulsivo.

Manuel insistiu sollicitamente.

O doente respondeu:

— Bebe-o tu, coitado, que necessitas, eu já não preciso de nada!

A's onze horas da manhã chegou o duque de Palmella.

O duque, desde muito rapaz, tivera relações intimas com Alexandre Herculano.

Quando elle entrou no quarto, Alexandre Herculano estava deitado sobre o lado esquerdo. Sem proferir palavra, estendeu o braço direito, e lançou-o em volta do pescoço do seu amigo.

O duque fez grande esforço para conter o impeto da commoção; ainda assim não o pôde conseguir.

Nas largas e afflictivas horas d'aquelle dia — horas negras que, por uma antithese cruel, contrastavam com o aspecto do Valle, cujas arvores e vinhedos, batidos pelo sol magnifico, pareciam nadar n'um banho de luz — houve para mim um momento de singular consolo.

Vendo que a respiração do doente era por extremo anhelante, o que me opprimia o peito, perguntei-lhe, como machinalmente:

— Custa-lhe muito a respirar?

— Não, não, respiro bem, muito bem.

Disse isto com tanta convicção e naturalidade, que eu fiquei alliviado d'um grande peso!

Queixava-se muito de dôres no lugar do caustico. Pediu, que lh'o tirassem. Como houvesse hesitação disse:

— Tirem, tirem. Agora para que serve? Os olhos, que elle tinha de um grande

brilho, apesar da terrível enfermidade, não haviam amortecido muito; conservavam a sua expressão reflexiva e boa.

O semblante estava dolorido, macerado; mas não havia sombras. E' que as não tinha, aquella alma limpida e serena!

Não cabe aqui n'estas linhas o retrato moral d'esse homem verdadeiramente superior.

Um dia, talvez em breve, tentarei fazel-o, narrando factos da sua vida particular, factos característicos — eloquentes! A' falta d'arte haverá verdade e sinceridade. Conheci muito de perto aquella vida immaculada no decurso de trinta annos.

Volto á minha narrativa.

A respiração continuava anhelante, porém menos ruidosa. Cada vez maior difficuldade de expectorar.

Tinha alguns minutos de apparente somnolencia; depois, estremecendo, abria os olhos.

Seriam três da tarde. Interrompendo um longo silencio, disse, apontando para os pés: — A morte já ahi vem a subir.

Em seguida, levando a mão á testa ampla e proeminente, bateu repetidas vezes, accrescentando:

— Isto ainda está bom. Foi muito rijo.

Esteve alguns minutos fitando-me, e continuou:

— Agora, vocês é que ficam sendo os velhos!

Nas horas em que estive ao pé d'elle, durante a enfermidade, foi n'esse momento que, pela primeira vez, lhe vi os olhos humidos de lagrimas.

A tarde começou a declinar.

Eu estava no gabinete de trabalho proximo do quarto. Eduardo Galhardo chegou-se a mim.

— Olha, o tio recitou agora alguns versos, mas eu não pude perceber bem.

Abeirei-me do leito, e falei-lhe.

Respondeu:

— Ainda lhe comprava mais dois centos. Tornei a falar-lhe.

Repetiu as mesmas palavras, e, passado breve espaço, accrescentou:

— Tanchões d'oliveiras.

Os olhos haviam tomado expressão diversa — espantados, desvairados!

Estava em delirio.

Saí, ou antes, fugi do quarto.

Quando vi transtornada aquella soberana razão, que desde os meus dezeseis annos me habituára a venerar e a admirar, em diurna convivencia, perdi completamente o animo.

Sem me despedir de ninguem metti-me com o duque de Palmella n'uma caleche, e parti.

D'alli a pouco mais de duas horas, Alexandre Herculano estava morto.

*
*
*

Voltei no dia seguinte — 14 — á noite. Não achei conducção na Ribeira de Santarem, e só na cidade, de madrugada, pude obter um trem, que me levasse a Valle de Lobos.

Era a ultima despedida.

A alma humana, sob qualquer fórma, ha de tender sempre para estas manifestações, ter estas exigencias, por mais que os espiritos positivos lhes chamem puerilidade.

Não foram, ha pouco ainda, os communistas da França, que não acreditam em Deus, levar corôas de perpetuas á valla, onde haviam caído, trucidados pela reacção aterrada e enfurecida, — o medo é feroz! — milhares dos seus camaradas?

Eram vermelhas as corôas.

A côr que importa?

Quando entrei no Valle, vinha clareando a manhã.

As duas enormes faias do eremiterio, meneando-se e acurvando-se com a aragem viva da madrugada, pareciam chamar, convidando o recém-chegado a que viesse commemorar com uma lagrima a solidão em que as deixára a perda do seu amigo!

O sol, crescendo em torrentes de luz, inundava d'alli a pouco a paisagem.

No ar, onde rutilavam columnas de pó doirado, nos claros das alamedas, zumbiam os insectos com uma vibração alegre — ironica e cruel para a alma dos tristes!

As folhas de terra do fundo do valle, e as encostas de bacello, denunciando prospera colheita, estavam alli para confirmar a solicitude e mestria da mão, que as cultivára.

Valle de Lobos, nos ultimos annos, foi uma granja modelo, onde até os mais contumazes na rotina vinham estudar e aprender.

Era ainda um serviço prestado por aquelle homem de eleição, entre tantos que fizera ao seu paiz.

* * *

Com o altear do dia foram chegando os que vinham para o acampar no prestito.

O firmamento sem uma nuvem, d'um azul vivo e profundo, ostentava a sua serenidade olympica sobre as lagrimas e miserias d'este mundo!

As aguas da mina, refervendo, desciam por encanamentos, para irem regar a varzea; as vaccas turinas, com a barbella pendendo em dobras, o pescoço recachado, os uberes turgidos, replectas, e descançando, deitadas no hervaçal, voltavam vagarosamente a cabeça, a reparar para a linha negra e taciturna dos convidados, que seguia pela bordada do valle, e fitavam, estremecendo, a orelha vellosa, como attonitas de verem na sua alegre paizagem aquelles inusitados e sombrios vultos!

Na clareira do Valle, e no fundo verde escuro do outeiro, resafam as casas da aldeia com as chapadas de luz da força do dia.

Agosto, 30 de 1880.

Entre os que seguiam no prestito um homem de verdadeira sciencia e talento — Antonio Augusto de Aguiar — proferiu, á beira da sepultura do grande historiador, algumas palavras notaveis e commoventes. Não as ouvi, porque não fui ao cemiterio.

Os camponeses offereciam ramos de oliveira ás pessoas, que tinham vindo de Lisboa.

As oliveiras, que elle lhes ensinára a tratar!

Prestavam esta homenagem, na sua rustica e affectuosa sinceridade, não ao escriptor que não conheciam, mas ao amigo de tantos annos, que respeitavam, porque lhes acudira sempre com o conselho e com o remedio.

D'aqui a poucos dias completam-se tres annos — 13 de setembro — que desapareceu a luz d'um dos mais elevados engenhos que tem tido Portugal, e acabou para mim um grande amigo.

Estas linhas são um desafogo.

Creio que o paiz não verá com indifferença a historia, religiosamente verdadeira, das ultimas horas e das ultimas palavras do seu mais illustre cidadão.

BULHÃO PATO.



O Dever

*Não mentir, trabalhar e ser honrado,
Estricto cumprimento é do Dever;
Assim como tambem, mal não fazer,
Motivo não dará p'ra ser louvado.*

*Porventura, na guerra, tal soldado,
Collocado entre a honra e o morrer,
Tem acaso o direito de escolher:
— Se melhor é viver, mas deshonrado ?!*

*Se p'las chammás e fumo atravessando,
Em um fogo, um bombeiro destemido,
Mesmo a propria vida desprezando,*

*Um qualquer foi salvar, alli esquecido,
Fez mais que o seu dever!? Assim salvando
Esse ente, que nem é... seu conhecido!!*

IGNOTUS.



(Historia d'amor, por Claude e Alice Askew)

«Estás assustada, o que receias?»

Tomou-lhe uma das mãos, e cobriu-lh'a de beijos. Estava pallido como um phantasma errante; mas o seu olhar era quente e cheio de amor.

«Assustada?» — Francesca sorriu melancolicamente; depois, retirou as suas mãosinhas brancas e pequenas, para que Paulo as não beijasse; Paulo, o irmão de seu marido Giovanni, Tyranno de Rimini; Paulo, que era da sua idade, joven corajoso e bello. Pensou em Giovanni, já velho, de barba grisalha, repellente, o homem com quem a tinham casado por motivos politicos — e suspirou.

«Porque suspiras?» — a sua voz era profunda e doce; o seu peito respirava opresso.

«Desejava» — disse ella com a doce simplicidade dos seus dezeseis annos, — «nunca ter sahido do convento, Paulo. Estava-se alli tão bem, havia tanta tranquillidade! O sol, passando através os vitraes das janellas, dava-nos toda a luz de que carecíamos; a musica era tão santa, tão pura, que era encanto, ouvil-a; o mundo deslumbra-me; tudo é tão forte, tão brilhante!»

«És infeliz!» — Paulo approximou-se mais d'ella, esquecendo o grande amôr que tinha a seu irmão, esquecendo tudo, excepto o dourado cabello de Francesca, os meigos olhos que pareciam violetas em que o orvalho tivesse pousado, e a encantadora delicadeza do seu corpo gentil.

«Tenho medo;» — e estremeceu ao dizer

isto, e o seu coração pareceu bater mais apressado, sob os bordados de perolas do seu vestido de seda. — «E' tão grave, tão velho, esse marido com quem casaram a minha juventude! Quando elle põe a mão no meu hombro, todo o meu sangue se gela; e a sua voz, sempre alta, parece estar contando uma batalha sanguinolenta.»

«Francesca,» — e de novo lhe tomou as mãos que apertou apaixonadamente, — «tive esta noite um sonho.»

«Um sonho?» — repetiu a joven fixando n'elle os seus olhos côr de violeta.

«Foi um delicioso sonho,» — continuou Paulo ternamente; — «mas não tornarei a sonhal-o. Eras minha mulher, n'esse sonho!»

«Tua mulher?» — O rosto purpureou-se-lhe, depois as suas faces ficaram pallidas e tristes, como as tristes rosas brancas, flôres d'enterro.

«Eras minha mulher,» — repetiu elle com bastante firmeza. — «Andavamos vagueando pelos campos, juntos; era na primavera; os passaros cantavam; o verde tapete d'hervas, estava todo esmaltado de flôres. Não havia homens armados para a guerra, nem castello sombrio, nem escuras tapeçarias. Estavamos n'um campo e era na primavera.»

«Tambem eu tive o mesmo sonho,» — suspirou Francesca baixando os olhos; — «porque será que se é sempre tão feliz emquanto se sonha, e é tão triste a realidade?»

Francesca estava de pé, n'uma das salas do palacio de Rimini; uma grande sala de

cujas paredes pendiam longas tapeçarias, mobilada com severa riqueza, em que havia um ar de mysterio e desconforto; nada havia de commum entre a sua sombria gravidade, e a brilhante juventude d'aquella que o habitava.

«Achas que são sempre bons os sonhos?» — perguntou Paulo, olhando fixamente para a mulher de seu irmão.

«Sonhei com um outro sitio que não era um campo...» — e fez uma pausa.

«Continua,» — murmurou Francesca offe-gante, unindo as pequeninas mãos.

«Um lugar de escuridão, em que havia, ao mesmo tempo, um estranho clarão avermelhado, um horrivel clarão, Francesca. E ouvia-se alli o sibillar do vento, tão tumultuoso, tão violento! Vi duas almas açoutadas por esse vento aspero, como folhas de arvore, que o outono agitasse e impelisse, lançadas para um céu que parecia feito de chammass. Que pensas d'este meu horrivel sonho? Francesca, tens pena d'essas duas pobres almas, brinquedos do vento e do fogo?»

«Quem teriam sido, na terra?» — perguntou ella perturbada. E o seu rosto d'uma suave meiguice, perdeu a sua habitual e innocente expressão.

«Uma mulher e um homem,» — disse Paulo, fitando-a com uma insistencia quasi cruel; — «uma mulher e um homem que amaram e peccaram.»

«Que amaram e peccaram involuntariamente,» — continuou elle; — «sim, Francesca, estou certo de que peccaram involuntariamente, e por isso Deus, apiedando-se d'elles,

ordenou que cumprissem juntos o castigo, sempre, para sempre, juntos.»

«E seria isso castigo?» — perguntou a joven com doce simplicidade; — oh! Paulo, pensa bem! estar só com aquelle que se ama e para sempre! Achas isso castigo?»

«Francesca, Francesca!» — Murmurou Paulo unindo a a si.

Mas ella afastou-se, pallida, fremente, com o olhar receioso e afflicto.

«Para que voltaste a Rimini? Para quê, Paulo, para quê?»

«Foi elle que assim o quiz. Teu ma-

rido e meu irmão, ordenou que te trouxesse as suas cartas. Recusei-me a principio, Francesca, dei mil desculpas; mas bem conheces Giovanni; mandou, tive que obedecer.»

Ella curvou a cabeça. Na sala, a escuridão augmentava; não podiam quasi ver o rosto um do outro; e fóra, o vento soprava triste, agoirento.



E ENVOLVEU-O NOS SEUS BRAÇOS...

«Bem sei, — suspirou Francesca, — que ninguém pôde contrariar um capricho de Giovanni. E' bem o Tyranno de Rimini. Giovanni incendeia cidades, arrasa campos, faz de esposas felizes, viúvas inconsoláveis e rouba filhos a suas mães. A sua mão está sempre nos copos da espada e os seus sonhos são povoados de batalhas. Para que me tiraram do convento, — continuou com gesto afflicto, — para que me trouxeram para este grande palacio? E porque te vi eu a ti, Paulo, antes de o vêr a elle? Para que te mandou teu irmão buscar-lhe a noiva? Foi cruel, oh! foi muito cruel!»

«Cala-te» — disse elle erguendo altivamente o rosto energico. — «Não fales no passado, esqueçamo-lo, Francesca.»

«Para que fugiste de Rimini?» — e aproximou-se d'elle ao dizer isto, — abandonando a festa do casamento? Giovanni encolerisou-se contigo, Paulo, disse que era uma descortezia para comigo.»

«Porque deixei Rimini?! Porque nem me atrevia a verte. Eras demasiado linda e nova, para viver n'este triste palacio; não me atrevi a ficar, receioso do encanto que já operava em mim a tua radiosa juventude.

«Eu amava-te como um irmão, — disse Francesca; — amei-te assim, até que partiste, Paulo; então, comecei a pensar, a sentir a tua falta, a desejar a tua volta, e comecei a comprehender que te amava, não como irmão, mas sim como...»

«Querida innocente!» — exclamou Paulo tomando-lhe as mãos; — «nunca fui um irmão para ti, nunca. Sei agora bem que nos amá-

mos desde o primeiro momento. Creio até, que em tempos passados, as nossas almas se conheceram e se amaram já. Parece-me que te adorava antes mesmo de nasceres, porque ao ver-te, reconheci o teu rosto, e a doçura dos teus olhos; a tua voz, nada teve para mim d'extranho, querida. Eras aquella que eu encontrava de novo, e eras minha desde sempre.»

«O mesmo me succedeu, Paulo, — disse Francesca reclinando a cabeça no seu peito, — antes de te vêr, parecia-me estar adormecida; quando te vi, a minha alma acordou; ignorava que tinha um coração, até que o fizeste bater, pulsar!»

«Querido amor!» — respondeu Paulo, beijando-a na fronte. — «Que fizemos nós, Francesca para sermos vencidos por este amor fatal; devias ter-me rasgado o coração, para te não amar, e eu, quando fugi de ti, devia ter tido a coragem de não mais voltar, devia ter confessado a verdade a Giovanni, dizer-lhe que te amava e não podia voltar aqui.»

«Que é isto?» — disse ella, soltando-se dos braços, que já a enlaçavam. — Ouvi o som das patas d'um cavallo, no pateo, não devemos ser encontrados aqui, juntos!»

Paulo tranquillizou-a.

«Ninguém aqui pôde entrar esta noite a não ser Giovanni, e esse, está bem longe de Rimini. Vês o anel de meu irmão?» — Ergueu a mão; — «não podes vê-lo, está demasiado escuro, aqui. Pois bem, eu uso o anel do Tyranno de Rimini, e a não ser por ordem minha, ninguém pôde sahir ou entrar, esta noite. Francesca, estamos ambos aqui, e sós!



APERTANDO, CONVULSIVAMENTE,
OS COPOS DA ESPADA...

«Sós!» — repetiu ella n'uma doce alegria de promessa, em que a creança desaparecia, para se transformar em mulher apaixonada.

«Parece-me que nascemos para esta noite, uma noite escura, nem uma estrella no céu, o silencio que envolve a terra, é cúmplice do nosso amor...

«Tenho medo de ti e de mim, Paulo, receio ouvir a voz do meu coração, que me diz quanto seria doce, não resistir ao amor!...

«Francesca», — disse Paulo beijando-a loucamente nos labios; — se do nosso amor viesse a morte, amar-me-hias ainda?»

Ella sorriu.

«A vida sem amor, é morte. Ah! Paulo, amámo-nos involuntariamente, e agora não podemos retroceder.» — E envolveu-o nos seus braços, com toda a sua força, emquanto falava.

«Minha! minha!» — disse Paulo erguendo-a nos braços. — «Minha por amor, attrahida pelo meu amor, sagrada por elle. Minha, ainda mesmo que me esperem as penas infernaes.»

Arrastou-a para o aposento contiguo emquanto ella sorria a uma doçura até alli desconhecida, emquanto o vento soprava cada vez mais forte, em volta do palacio de Rimini.

Giovanni, o Tyrano, que tinha percorrido muitas milhas por causa d'uma súbita desconfiança, d'uma repentina suspeita, entrou no castello, ouviu aquelles que deviam ter esperado a sua volta, e encaminhou-se para os seus aposentos apertando convulsivamente os côpos da espada.

«Francesca!»

«Paulo!»

Foi o que elles disseram, quando as suas almas, despidas do envolucro terrestre voaram no espaço; o mesmo repetiram emquanto o vento as levava, sem um signal de arrependimento ou de receio, nas vozes.

O vento pôde arrastal-os pelo espaços, as chammass podem cercal-os; as suas almas fundiram-se n'uma só alma.

B. DE SALLES.



Vox Dei

A uma mulher

*Aquella que eu escuto quando o vento
Sibila na floresta tenebrosa,
E a agua na corrente caudalosa
Semeia a morte, em tragico lamento;*

*O Espirito que tem o seu assento
Na muda immensidade mysteriosa,
Que ao pé dos tristes cardos pôs a rosa,
E na noite as estrellas em que attento;*

*O Bem, o summo Amôr, o claro Dia,
Acordou-me do sonho em que soffria,
E disse-me baixinho quem tu eras.*

*E logo a pallida visão morreu,
Repetindo, distincto, o nome teu
A musica divina das espheras.*



UM FRUCTO NOVO

A' esquerda a amora de silva da California, á direita a framboesa da Siberia, ao centro o fructo obtido pelo cruzamento das duas

Luthero Burbank

Bem poucos dos nossos leitores conhecerão este nome — não admira; o homem que o possui não é nenhum politico em evidencia, nenhum general, com o peito constellado de condecorações, não é presidente de república; mas conseguiu o que nenhum politico, general ou chefe de estado alcançou, ou alcançará jamais; Burbank possui o dom que só — nos bons velhos tempos — possuíram as fadas: o poder de dominar a natureza.

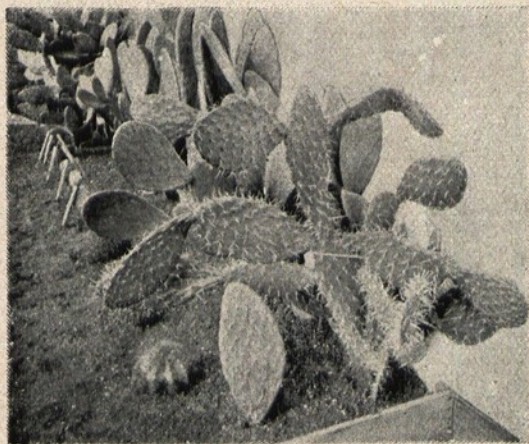
O que Burbank tem realisado parecerá inacreditavel; nas suas mãos

os fructos transformam-se: a ameixa passa a não ter caroço, ou attinge dimensões colossaes; a figueira de palma perde os espinhos; as flores adquirem colorido ou dimensões verdadeiramente extraordinarias.

Luthero Burbank nasceu ha 60 annos, em Lancaster, no Estado de Massachussets, na America do Norte; era o decimo terceiro dos quinze filhos de Samuel Burbank. Muito creança ainda revelou especial interesse pelas plantas e preferia aos brinquedos um vasinho com um cacto, que fazia as suas de-



LUTHERO BURBANK



FIGUEIRAS DE PALMA, ESPINHOSA E INERME

licias; um bello dia, o vaso caiu, fazendo-se em cacos, e a plantazinha ficou com as folhas completamente dilaceradas. Burbank, que via no cacto um amigo querido, tentou curar-lhe as feridas e ligando as folhas conseguiu salvar a planta.

Assim se revelou o genial modificador do mundo das plantas, que veio provar á evidencia quanto havia de errado na celebre formula «*natura saltus non facit*».

A natureza compraz-se, de vez em quando, em formar, *por desporto*, como dizia Darwin, uma especie nova, e toda a arte do jardineiro consiste em provocar esse desporto e não o deixar perder.

Chegado á adolescencia, Burbank foi collocado como aprendiz numa grande fabrica, dirigida por um de seus tios, que era tambem amador de horticultura. Aos 16 annos, mostrava elle qual seria o seu genio inventivo, introduzindo um aperfeiçoamento de tal modo importante nas machinas da fabrica que os proprietarios della offereciam-lhe um elevado salario, com a condição de elle procurar novas invenções que se pudessem utilizar.

Mas as plantas atrahiam-no; abandonou a fabrica e fez-se horticultor. Por sementeira obteve uma especie nova de batata muito productiva e resistente ás doenças, e a venda deste producto trouxe-lhe os capitães neces-

sarios para os seus trabalhos e uma riqueza para o seu paiz.

O «*Agricultural Department*» verificava, ha pouco, que a cultura da batata de Burbank representava para os Estados Unidos um accrescimento annual de producção no valor de cerca de 17:000 contos de réis.

Ha trinta annos, Burbank, com o auxilio de um subsidio do Estado, estabeleceu-se em Santa Rosa, na California; ahi vive numa modesta casinhola de madeira, cercada pelos alfombres e estufins, onde produz maravilhas que exigem uma larga despesa cultural, a par de uma paciencia benedictina.

Para que, nas plantas que dão flôres, se produza o fructo, é necessario, como se sabe, que o pollen, ou pó dos estames, vá entrar no ovario, que então se transformará em fructo; são o vento ou os insectos, que na maior parte dos casos se encarregam deste trabalho.

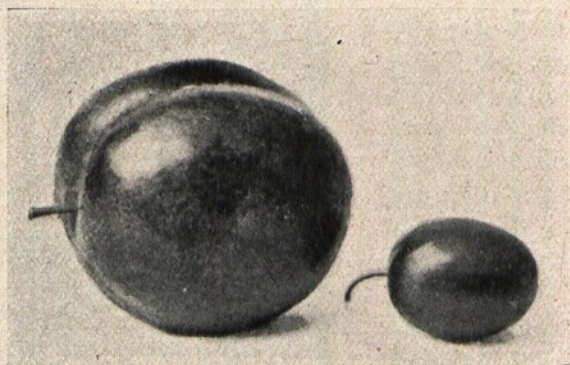
Se em vez de deixar isto ao acaso, o jardineiro escolher o ovario de uma flôr e o pollen doutra, ter-se-á a fecundação artificial que Burbank emprega.

Mas quantas decepções estão reservadas, ao que opera assim; muitos dos productos obtidos não

representam progresso algum, e é necessario por vezes cultivar milhares de plantas para obter uma aproveitavel. Bas-



RAINHA MARGARIDA SHASTA



UMA DAS AMEIXAS DE BURBANK

A' direita a ameixa de que ella provém

tará dizer que Burbank operou sobre 300:000 ameixeiras para obter as suas variedades e que de uma só especie de lirio, o tigrino, empregou 100:000 exemplares.

A variedade obtida é por vezes reproduzida por enxerto; — mas, quando não ha possibilidade de o fazer, as difficuldades augmentam, naturalmente; muitas vezes obtem-se uma nova planta que dá lindas flôres, mas não produz semente e é annual; neste caso alcançou-se uma victoria ephemera, que apenas poderá, talvez, indicar a marcha a seguir no futuro.

As gravuras que acompanham este artigo dão uma pallida idéa das producções de Burbank. A framboesa branca foi obtida por uma serie longa de cruzamentos com a amora de silva da California; as ameixas, que como já dissemos, foram objecto de uma larga cultura, deram variedades notaveis:

a ameixa sem caroço, que tem só no centro uma pequena semente que se pode cortar com uma faca; a ameixa-gigante, que mede de circumferencia mais de 16 centimetros.

Uma das mais notaveis conquistas, do celebre cultor, é a figueira de palma sem espinhos, que lhe levou 10 annos a alcançar, esta planta é perfeitamente cosmopolita; vive nos terrenos aridos e secos como no mais bem adubado e irrigado jardim, vive sobre a neve, ou sob o sol ardente das regiões equatoriaes; — as suas folhas são um alimento magnifico para os gados, espe-

cialmente para as vacas, e o seu fructo, comestivel, tem o sabor e o aroma do ananaz; essa planta seria esplendida para a cultura em o nosso Alemtejo.

A rainha-margari-da, que a nossa gravura representa, é uma das mais bellas flôres obtidas por Burbank; — é de dimensões taes que cobriria por completo uma das paginas dos *Serões*; tem o centro amarello cercado de ligulas brancas; foi produzida por cruzamento com uma variedade japonesa e dahi o nome Shasta.

Burbank não descança, porém; procura realizar novas transformações no mundo vegetal, e pretende, actualmente, obter uma especie de trigo, cuja espiga produza um nu-

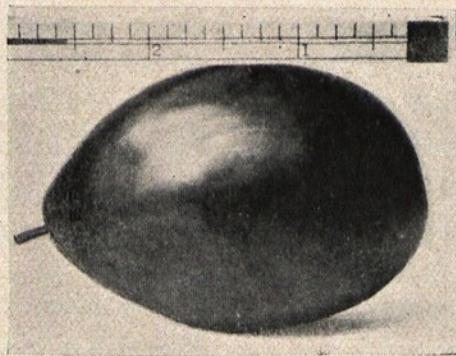
mero de grãos muito maior do que aquelle que produzem hoje as melhores variedades, e os resultados obtidos indicam todos a possibilidade de bom exito.

Se conseguir realizar o seu intento, terá resolvido um largo e grave problema economico — o tornar muito mais barato o pão, que é hoje, sem duvida, o alimento principal da maioria da humanidade, que deve contar Burbank no numero dos seus maiores bemfeitores.

Mas se o não alcançar, poderá ainda assim dizer-se que Burbank preencheu a missão destinada ao homem: consumir os seus dias em beneficio dos seus semelhantes, ou ensinando-lhes alguma coisa ignorada.



FRAMBOESA BRANCA



AMEIXA-GIGANTE

A regua collocada acima mostra o comprimento em pollegadas



NOIVA

A João da Silva

«Anda a dôr dissimulada
Mas ella dará seu fructo.»

CRISFAL

«Vae ser pedida. Casa qualquer dia»
(Trecho d'uma carta)

*Tive noticias hoje a teu respeito:
«Vae ser pedida. Casa qualquer dia».
E o coração tranquillo no meu peito
— Continuou a bater como batia...*

*Surpreso duma tal serenidade,
Todo eu, intimamente, me sondava:
Pois nem ciume? Nem sequer saudade?!
— E nem ciumes, nem saudade achava...*

*Saudades, não; que o teu amor antigo
Guardam-no as cinzas (neste coração)
Como em Pompeia aquelles grãos de trigo
Que após centenas d'annos deram pão...*

*Saudades! Mas de quê?! Pois não sei eu
A lei antiga como o proprio mundo
De que o prazer mal chega, já morreu,
E só a dôr nas almas eava fundo?*

*Causei-te longas horas d'amargura,
Não consegues voltar a ser feliz;
A chaga que te abri não terá cura,
E se curar — lá fica a cicatriz.*

*A' luz dum juramento que trahiste
Tu has de vêr-me toda a vida pois.
Ergueste-o a Deus num dia amargo e triste
E Deus casou-nos esse dia, aos dois...*

*Ciumes tambem não, por te venderes.
Desgraçadinha! Antes te houvesses dado;
Não deseerias tanto entre as mulheres,
Seria mais humono o teu peccado.*

*Porém, embora a tua falta aponte,
P'ra mim és a que foste (ou que eu supuz);
O sol desaparece no horisonte
— E a gente vê-o ainda a dar-nos luz...*

*Póde a desgraça erguer em frente a mim
Altas montanhas d'elevados cumes.
O sol do amôr doiral-as-ha, e assim,
Vendo-o tão alto, não terei ciumes.*

*Ciumes! «Elle» é que hade tel-os, quando,
Em claras noites de luar silente,
Ouvir vibrar alguma voz, cantando
Os versos que te fiz devotamente.*

*Versos para te ungirem os ouvidos
E os labios d'anemica e de santa,
Tão pobres, tão ingenuos, tão sentidos,
Que o povo humilde os acolheu e os canta.*

*Então, se te olhar bem, logo adivinha...
Logo sombriamente se convence
De que a tua alma se fundiu na minha
— E apenas o teu corpo lhe pertence.*

Augusto Gil.



FACHADA PRINCIPAL

Arsenal do Exército



O n.º 51 d'este interessante mensario (setembro, de 1909), démos uma succinta noticia ácerca do Arsenal da Marinha. Vamos agora tractar, ainda que um tanto pela rama — pois que a indole d'esta revista não comporta nem deve comportar largas monographias — do Arsenal do Exército, esse importante estabelecimento ao qual anda annexo o curiosissimo Museu d'Artilheria, proficientemente dirigido pelo general sr. Carlos Ernesto d'Arbués Moreira, que exerce tão honroso cargo desde o mez de setembro ultimo. Secretaria-o o sr. Ludgario Pereira, activo e intelligente amanuense d'este Museu e cavalheiro muito amavel.

Cabe aqui um agradecimento muito cor-deal pela correcção e delicadeza com que aquelle distincto militar nos acolheu, chegando a sua amabilidade ao extrêmo de nos ceder a maioria das photographias que illustram o nosso modesto artigo.

Feito este rapido exordio, entremos no assumpto a que este artigo respeita.

*
* *

O Arsenal do Exército não data de tão remota origem como o Arsenal da Marinha, visto como nas primeiras eras da monarchia, quando soia travar-se alguma guerra, as tropas eram constituídas, na sua mór-parte, pelos vassallos dos gran-senhores e por soldados pertencentes aos concelhos e villas, e

armados por elles, percebendo *soldo d'el-rei*, só emquanto durava a campanha, não sendo, portanto, os governos constituídos que armavam e dispunham as tropas, como hoje em dia.

Todos esses grandes senhores possuíam casas d'armas nos seus castellos ou moradias. Não podiam, porém, dispôr d'ellas — isto é alienal-as — pois por sua morte haviam de passar ao seu successor no senhorio, quer por direito de successão, quer por nova nomeação régia.

As empresas d'além-mar vieram modificar esta organização, e tanto assim que D. João I — o Mestre d'Aviz — para satisfazer as necessidades das suas expedições africanas, montou um enorme deposito d'armas, mas simples deposito, sem officinas para seu fabrico. Até essa epocha — e ainda n'essa epocha — as armas eram fabricadas pelos alfagemes particulares, que se encontravam em varios pontos do paiz.

Foi por então que se creou a primeira fundição de canhões, sendo ainda muito recente a introdução da artilheria no reino; fundou essa officina d'armas D. Manuel, tendo escolhido para esse fim Barcarena, para onde chamou mestres de Biscaia, ordenando que em determinadas cidades e villas existissem officiaes que fizes-



GENERAL CARLOS ERNESTO D'ARBUÉS MOREIRA

sem armas, e juncto aos seus Paços da Ribeira, creou armazens para o mesmo effeito. Além d'isso, nas vastas salas d'este magnifico palacio — que existia no local, aonde agora se vêem as secretarias do Estado — arrecadavam-se armas sufficientes para um contingente de setenta mil homens.

Foi este mesmo soberano quem ordenou a construcção das *Terrenas da Porta de Sancta-Cruz* e as de *Cataque-farás*, com officinas d'armas e fundição d'artilheria, e bem assim uma fabrica de polvora, mais tarde transferida para a ribeira d'Alcantara, d'onde, alguns annos depois, passou para Barcarena, local em que está presentemente.

Para avaliar do excellente abastecimento em que estavam os depositos de armamento, basta dizer-se que — levando a parte portugueza da Invencivel Armada duas mil e quatrocentas peças — ainda ficaram duas mil e quinhentas nos armazens, afóra um incalculavel numero de cossoletes, piques, lanças, arcabuzes e mosquêtes, consoante nos testemunha um escriptor d'essa epocha.

Os monarchas D. João III e D. Sebastião melhoraram muito estes arsenaes; mas, logo que se deu a usurpação philippina, decaíram extraordinariamente, como seria de prevêr.

Só com a Restaura-



GENERAL EDUARDO CASTELLO BRANCO

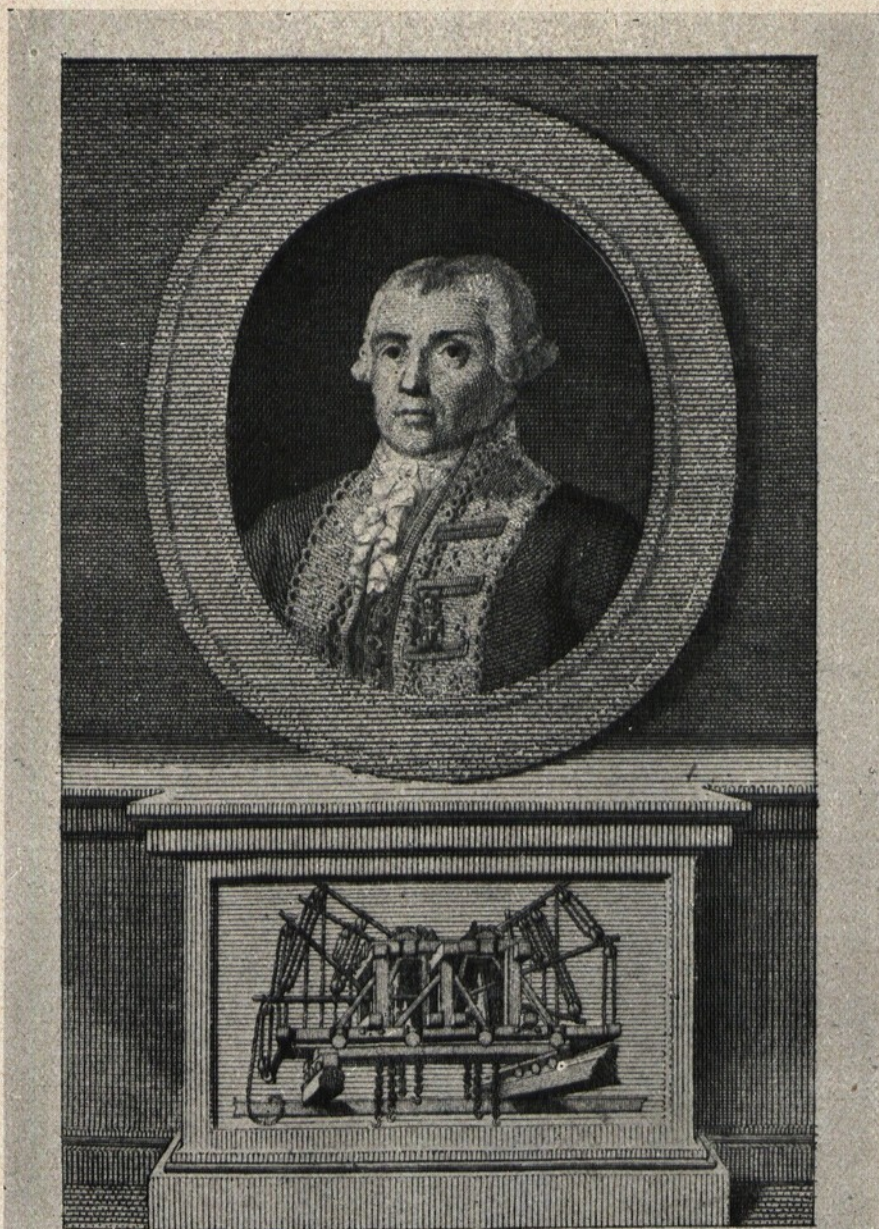
ção de 1640, crearam novo alento e depois d'essa data largas reformas se fizeram tendentes a organizar as instituições militares; logo a 28 de dezembro d'esse mesmo anno, foi nomeado Ruy Correia Lucas para o logar de tenente-general, enquanto que nas primeiras côrtes de 1641, e n'um dos seus capitulos, foi discutido que se montassem fabricas e officinas para a manufactura das armas e da artilheria.

Os apontamentos d'esse tempo levam-nos a crêr que o fabrico da polvora, das armas e demais material de guerra, era executado por empresas particulares e ainda esses estabelecimentos, por motivos de conveniencia para o Estado — contando-se entre elles as officinas de Barcarena — eram entregues a mestres dos diversos mistêres, que se obrigavam, sob condições estipuladas, a certos fornecimentos, em prazos marcados e por preços convencionados.

Os artigos de diversa proveniencia entravam nos armazens da tenencia, que estavam a cargo de diferentes almoxarifes.

Nas provincias — principalmente no Alentejo — havia os *trens* para construcção de reparos, peças d'artilheria, etc.

Tal era, até o fim do seculo xvii e principios do xviii, o modo por que se obtinha o material de guerra que então se usava.



BARTHOLOMEU DA COSTA

MAQUINA com que foi suspendida a Estatua Equestre do S. D. JOZE I.º na Caza da Fundação, e se tirou para fóra por hũ angulo recto, para se pôr no Carro de transporte.

A 11 de junho de 1726 foram as *Terceiras* destruidas por um grande incendio, causando enormes estragos nas officinas. D. João V curou logo de mandar restaurar

o velho edificio, encarregando da direcção dos principaes trabalhos um engenheiro francez, Larre.

Ainda não estavam promptas as obras quando o tremor de terra de 1755 as ruiu, mantendo-se como o terramoto as deixou até 1760, anno em que mais uma vez se recommçou a construcção.



VESTIBULO

Pela reforma do exercito, decretada pelo conde de Lippe e pelo alvará de 24 de março de 1764, a tenencia passou a denominar-se Arsenal do Exercito; a sua direcção, porém, continuou confiada a Manuel Gomes de Carvalho, que era então tenente-general, um simples paisano que, pela influencia de Bartholomeu da Costa, subiu a marechal de campo. Bartholomeu da Costa destacou-se a quando da superintendencia dos trabalhos da fundição da es-

tatua de D. José que hoje admiramos no Terreiro do Paço. Em 1762 — ao ser extinto o logar de tenente-general — foi elle o encarregado de dirigir o Arsenal sob inspecção e mando da Junta dos Tres Estados.

Para se ajuizar do grau de incremento tomado por este estabelecimento com a superintendencia de tão benemerito varão,

basta apontar que, em 1800, o numero de officiaes era de vinte e tres, além de dois mil individuos, entre os quaes mil e quinhentos e tantos operarios, o que importava um dispendio de seiscentos oitenta e um contos por anno.

Com o passamento de Bartholomeu da Costa, occorrido em 1802, o Arsenal começou a decaír.

Assim que D. Pedro IV entrou em Lisboa a 24 de julho de 1833, uma das primeiras cousas que decretou foi a extincção da Junta de Fazenda — provavelmente a Junta dos Tres Estados a que temos alludido — e entregou a direcção do estabelecimento a um inspector e nomeou uma commissão que tractasse do regulamento em que fosse

explanado o novo methodo de organização.

Em 1834 foi a despeza calculada em noventa e um contos para ferias de operarios e manutenção do estabelecimento.

Eis até aqui uma summula da historia do Arsenal do Exercito propriamente dicto; crêmos, porém, que o amavel leitor se não enfastiará ouvindo o que colhemos de então para cá ácerca do Museu d'Artilheria; em seguida a essa palestra preliminar, terá a bondade de nos acompanhar para o visitar—

mos afim de vêrmos, quando mais não seja, as gloriosas reliquias que lá se arrecadam.

*
*
*

Em 27 de março de 1840, foi publicado um decreto, em que se nomeava inspector do Arsenal do Exercito, José Baptista da Silva Lopes, barão de Monte-Pedral, um dos heroes das campanhas da Liberdade. Esse inclito varão determinou — na ordem da Inspecção Geral, numero 224, publicada a 15 de novembro de 1842 — que o major João Carlos de Sequeira, commandante da Repartição de

Sancta Clara, fosse incumbido de dispôr e classificar os modelos de machinas e aparelhos, bem como todos os objectos preciosos e raros que existiam n'esse Arsenal, na sala contigua á officina de correeiros, ficando tudo sob sua alçada; que os objectos, que por



SALA VASCO DA GAMA

qualquer circumstancia se não pudessem collocar na referida sala, ficassem em outros locaes que o dicto major apontaria; tudo quanto respeitasse a armas de fogo portateis, brancas ou defensivas, ficaria na sala das Armas na repartição da Fundição de Baixo, e o seu arranjo sujeito á responsabilidade do encarregado do terceiro deposito; os objectos que, por sua indole e melhor arranjo, devessem ficar na repartição da Fundição de Cima, seriam classificados pelo tenente-coronel Mattos, que d'elles se encarregaria.

Cumpriram-se immediatamente essas ordens e — apesar dos objectos ficarem disseminados, provavelmente por conveniencia da sua conservação e guarda, ou por não existir casa onde coubessem todos — o Museu

de Artilheria estava montado, realizando-se assim os ferventes desejos do seu inspector.

Este pensamento organizador e patriotico teve tão bons auspicios que foi confirmado pelo decreto de 10 de dezembro de 1851, que creou o Arsenal do Exercito e que garantia a existencia do Museu de Artilheria, então installado n'aquelle edificio.

A 13 de dezembro de 1869 foi novamente reformado este estabelecimento, passando por essa epocha o Museu a estar sob as ordens do director da fabrica d'armas.

Em 1876, o general Antonio Florencio de Sousa Pinto ordenou que se transferisse o Museu para o edificio da Calçada Nova,

onde estivera installado o extincto collegio dos aprendizes do Arsenal do Exercito, e a 5 de outubro d'esse anno foi nomeado para seu director o capitão de artilheria Eduardo Ernesto de Castel branco, que morreu general de brigada a 24 de fevereiro de 1905.

Se ao barão

de Monte-Pedral se deve a criação do Museu de Artilheria, á memoria de Castelbranco se deve tambem muito, pois foi um fervoroso amigo d'esse estabelecimento que dirigiu com criterio, zelo e amor. Engrandeceu-o o mais que foi possivel, e pôl-o em destaque, de maneira a chamar a attenção do publico para as preciosidades que alli se encontram.

Achando-se em parte arruinado o edificio da Fundição de Baixo — aonde estava o commando geral d'artilheria — cuidou-se, em 1895, de uma reparação radical, de fôrma a evitar uma ruina completa do edificio; essa reparação foi referendada pelo conselheiro Pimentel Pinto, á epocha ministro da guerra. Foi feita primeiramente a reedificação da parte antiga, e em seguida

tractou-se do seu alargamento até o largo de Sancta Apolonia. Em outubro de 1896 começava a instalação do commando geral d'artilheria no rez-do-chão do edificio, passando o andar nobre e o pateo da Fundação de Baixo para o Museu de Artilheria.

Eis a largos traços o que sabemos do

Museu. Mais um pouco de paciência, e o amavel leitor vae acompanhar-me a visitar as salas do Museu, para que tomaremos por guia o bem elaborado catalogo do general Zephyrino Brandão, a que nos cingimos para, ao de leve, descrevermos as suas salas, como n'outro numero se verá.

(Continúa.)

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.



Branca Herminia

Quando a vejo passar, linda e galante,
Com um fio de perolas franzino
A realçar-lhe o peito alabastrino,
Ella sorri a todos, inconstante!

Leva desnudo o collo deslumbrante,
Rebrilha gracioso o olhar divino,
Ondulando gentil o corpo fino
Encarcerado em renda fluctuante!

Caminha seductora e caprichosa,
Exhibindo soberba e donairoza,
A sua esbelta e rara formosura.

Mas se encanta e fascina a toda gente,
Mais contrista, e magôa fundamente,
Vê-la assim tão formosa — e tão impura —!

Mark Twain

Impressões de viagem — Cannibalismo n'um comboio



REGRESSANDO eu ultimamente de uma visita a S. Luis, eis que, na bifurcação da Terra-Alta (territorio de Indiana), sobe para o meu compartimento e se senta ao pé de mim um sujeito, de quarenta a cincoenta annos, fisionomia sympathica, maneiras affaveis; conversámos o sufficiente para me dar azo a apreciar-lhe a intelligencia e o encanto da conversação. Quando, no decurso da palestra, soube que eu era de Washington, pediu-me com instancia umas «locaes» ácerca dos homens politicos, dos negocios governamentaes; não tardei, aliás, em perceber que estava em dia com os mais insignificantes pormenores, com as intrigas de bastidor e os pôdres da politica, e que falava de cadeira com respeito aos factos e gestos dos senadores e dos representantes das camaras nas assembleias legislativas. Em uma das estações immediatas, sentaram-se perto nós dois individuos, e um delles disse ao outro:

«Harry, se me fizeres o que te pedi, cem annos que eu viva jámais o esquecerei.»

Os olhos do meu novo companheiro de viagem fulgiram com brilho singular; não havia que ver, aquellas simples palavras evocavam-lhe na memoria qualquer recordação de outros tempos.

A fisionomia do sujeito, em seguida, reasumiu a anterior placidez, e expressão de quem estava pensando. Voltou-se para mim e disse-me:

— Vou contar-lhe uma historia, desvendar-lhe um capitulo secreto da minha vida, uma pagina que eu havia enterrado nos reconditos do meu proprio ser.

Arme-se de paciencia, escute-me, e não me interrompa.

Prometi escutar; contou-me a seguinte aventura, com alternativas de animação e de melancolia, mas sempre com muita persuasão e a maxima seriedade.

Narração do nosso forasteiro

«A 19 de dezembro de 1853, saí de S. Francisco no comboio da noite que vae a Chicago.

«Ao todo eramos vinte e quatro viajantes, do sexo masculino; nem mulheres nem creanças; não tardámos em entabolar conhecimento, e como todos parecessemos estar de bom humor, brevemente se veiu a estabelecer uma certa intimidade.

«A viagem annunciava-se bem; e entre nós ninguem podia futurar os horriveis instantes que dentro em breve teriamos que atravessar.

«A's onze horas, a neve caía com densidade. Pouco depois de havermos deixado para trás a aldeia de Welden, entrámos nas interminaveis charnecas desertas que se estendem com horrivel monotomia durante leguas e leguas; o vento soprava com violencia, pois não encontrava obstaculo no caminho, nem arvores nem colinas, nem sequer um rochedo insulado: impellia adiante de si a neve a cair em rajadas e estabelecendo a nossos olhos uma densa alcatifa. Caía sem despegar, aquella neve, e a demora no andamento do comboio assás nos indicava que a locomotiva luctava a custo contra a crescente resistencia dos elementos. O comboio parou por mais de uma vez e vimos por

cima de nossas cabeças uma muralha de neve, cuja alvura nos cegava, e tristonha como a parede de um carcere.

«Cessaram as conversações; a alegria ce-deu o lugar á anciedade: a perspectiva de ficarmos para ali emparedados pela neve, em meio daquella charneca erma e desolada, a cincoenta leguas de toda e qual-quer habitação, erguia-se, qual espectro, em frente de nós, lançando uma nota de tristeza sobre o nosso rancho, tão alegre, pouco havia.

«A's duas da manhan, veio quebrar-me o somno uma paragem abrupta. A horrivel verdade antolhou-se com a sua hedionda nudez: estavam bloqueados pela neve.

«— Venha toda a gente ajudar!»

«Obedecemos, pressurosos. Fizemos todos esforços inauditos, nas trevas da noite e de-baixo da tormenta de neve, absolutamente convencidos de que um minuto perdido nos podia causar a morte a todos nós. Pás, taboas, mãos, tudo quanto podia deslocar a neve, para tudo apelámos, n'um instante.

«Que estranho espectáculo não era o ver aquella gente a lutar com as neves amon-toadas, a trabalhar de finca-pé, immersos, uns, em escuridão cerrada, outros, alumea-dos pelo rubro clarão do reflector da ma-china!

«Ao cabo de uma hora, estavam con- vencidos da absoluta inutilidade dos nossos esforços, visto que a tormenta com suas ra- jadas tornava a atulhar as trincheiras á pro- porção que as iam abrindo. Para maior desventura, verificámos que os tirantes da locomotiva se haviam partido com a resisten- cia do peão que tinham que deslocar. A es- trada, ainda quando estivesse desimpedida, tornava-se impraticavel para nós!!

«Tornámos a subir para o comboio, esta- fados, tristes e desanimados; fizemos cêrco á roda dos fogões e pusémo-nos a examinar a nossa situação. Não tínhamos comestiveis: era o lado mais evidente do nosso desastre! Com fatura de lenha, não corriamos perigo de morrer de frio. Sequer ao menos era uma consolação.

«Após longa deliberação viemos ao co- nhecimento de que dizia a verdade o con- ductor: effectivamente, quem quer que se arriscasse a palmilhar a pé as cincoenta milhas que iam d'ali á aldeia mais proxima teria certamente ido ao encontro da morte.

Era impossivel o pedir soccorro, e embora o fizéssemos, ninguem accudiria a vir ter com- nosco. Tínhamos pois que nos resignar e es- perar com paciencia o soccorro ou a morte pela fome; e posso certificar que tão triste perspectiva era sufficiente para abalar o co- ração mais estoico.

«A nossa conversa, ruidosa, não obstante, produzia a illusão de um vago murmurio, que mal se distinguia por entre as rajadas de vento; a claridade das lampadas foi de- minuindo a pouco e pouco, e a maioria dos «naufragos» calaram-se, uns, para reflectir, os outros para procurar no somno o esquê- cimento da sua tragica situação.

«Pareceu-nos eterna aquella noite; a au- rora glacial e pardacenta principiou a sur- gir para léste; á proporção que o dia ia crescendo, iam acordando os viajantes e en- traram a mexer-se e a barafustar, a ver se aqueciam; um após outro esticaram os mem- bros intanguidos pelo somno, e puseram-se a contemplar pelas janélas o horrivel espe- ctaculo que a seus olhos se offerecia. Horri- vel! disse eu, e era-o, na verdade, aquelle espectáculo, Nem uma casa, sequer! Nem um atomo vivo em redor de nós! Por toda a parte o deserto, branco qual sudario; a neve, zurzida em todos os sentidos pelo vento, a redemoinhar em flocos no espaço.

«E nós a andarmos para trás e para dian- te, no vagon, todo o dia, falando pouco, absortos em nosso scismar; depois, veio a segunda noite, comprida, monotona, durante a qual se fez sensivel a fome.

«Reappareceu o dia; silencioso, triste, e nós, de atalaia, á espera de um soccorro que não podia vir; succedeu-lhe outra noite, agitada por sonhos fantasticos, durante os quaes uns festins sumptuosos e umas festas bacchicas iam desfilando a nossos olhos! Nem por isso foi menos penoso o acordar! Surgiram o quarto e o quinto dia!

«Cinco dias do proprio captiveiro! Lia-se a fome em todos os rostos definhados a ac- cusarem a obsessão de uma mesma ideia, fixa, de um pensamento em que ninguem se atrevia nem queria deter-se. Decorreu o sexto dia, e o septimo surgiu sobre a nossa resumida tropa, offegante, aterrada ante a ideia da morte á nossa espreita. E todavia, era preciso acabar com aquillo e falar. Os labios de cada um estavam prestes a des- cerrar-se, para exprimir os tetricos pensa-

mentos que acabavam de germinar em nossos cerebros. A natureza, comprimida por muito tempo, pedia a sua desforra e fazia um appêlo imperioso.

«Ricardo H. Gaston, do Estado de Minnesota, alto, livido como um espectro, levantou-se. Sabíamos o que ia sair-lhe da bôca para fóra; um absoluto socego, uma atenção resoluta haviam substituído a afflicção, a excitação fictícia dos dias anteriores.

«— Meus senhores, não podêmos esperar mais tempo! Soou a hora! Temos que decidir qual de entre nós hade morrer para servir de alimento aos restantes.

«Mister John J. Williams, do Illinois, levantou-se, por sua vez:

«— Meus senhores, disse, proponho para o sacrificio o Reverendo James Sawyer, de Tennessee.

«—E eu, proponho a mister Daniel Hote, de Nova York, respondeu mister W. R. Adams, de Indiana.

«Mister Charles Langdam:

«— Que lhes parece mister Samuel Bowen de S. Luis?

«— Meus senhores, interrompeu mister Hote, opino antes em favor do juvenil John, A. Van Nostrand, de Nova Jersey.

«H. Gaston:

«— Não havendo objecção, annuir-se-á aos desejos de mister Hote.

«Havendo protestado mister Van Nostrand, a proposta de mister Hote foi rejeitada, e as dos srs. Sawyer e Bowen não encontraram acceitação.

«Levantou-se mister A. L. Bascon, do Ohio:

«— Sou de parecer que se tranque a lista das candidaturas e que se deixe á Assembleia a faculdade de proceder ás eleições por voto nominal.

«Mister Sawyer:

«— Meus senhores, protesto energicamente contra a irregularidade de semelhantes processos, e declaro-os absolutamente inaceitaveis. Proponho que desistâmos delles immediatamente, e que procedâmos á escolha de um cavalheiro afim de presidir á Assembleia: poderemos em seguida persistir na nossa obra, sem violarmos os immutaveis principios da equidade,

«Mister Bell, do Iowa;

«— Protesto, meus senhores: o lance não

é azado para que nos detenhâmos com formalidades absurdas. Ha oito dias que não sabêmos que coisa seja comer; e cada minuto que se perde em discussões ociosas mais critica vae tornando a nossa situação. As anteriores propostas satisfazem-me completamente (e creio que estes senhores abundarão nas mesmas idéas); eu, pela minha parte, não vejo, portanto, motivo para que nos pronunciêmos por outro alvitre, o essencial é decidirmos quanto antes.

«Mister Gaston:

«— Em qualquer das hypoteses, a eleição levar-nos-ia vinte e quatro horas, pelo menos, e é essa demora, justamente, o que nós pretendêmos evitar.

«O cidadão de Nova-Jersey:

«— Meus senhores, eu, entre os senhores, sou apenas um forasteiro: portanto, não tenho o minimo direito á honra que me conferem, e experimento um certo enleio em...

«Mister Morgan, do Alabama, interrompendo o orador:

«— Proponho que o assunto seja posto á votação.

«Assim se fez, e a discussão veio a concluir, já se vê. Constituiu-se um conselho, sendo nomeado presidente mister Gaston, mister Blacke, secretario; os senhores Holcomb, Baldwin e Dyer fizeram parte da «Commissão das Candidaturas»; mister M. B. Howland, na sua qualidade de provedor, ajudou a comissão a proceder á escolha:

«A comissão concedeu a si propria meia hora de descanso antes de proceder aos seus trabalhos transcendentos. Reuniu-se a Assembleia e a comissão escolheu três candidatos: — os senhores Jorge Ferguson, do Kentucky, Luciano Herman, da Luisiana, e o senhor W. Messick, do Colorado. Foi ratificada a escolha.

«Levantou-se mister Rogers, do Missouri:

«— Senhor presidente, havendo sido tomadas as deliberações, em harmonia com as regras parlamentares, proponho a seguinte emenda, tendente a substituir ao nome de mister Herman, o de mister Lucio Harris, de S. Luis, tão conhecido e apreciado por quantos se acham presentes. Longe de mim o querer depreciar, seja no que fôr, as altas qualidades d'este cidadão da Luisiana, antes pelo contrario. Nutro por este cavalheiro a estima e a consideração que merecem as suas virtudes. Mas não pode ter passado despercebido a

nenhuma das pessoas presentes o facto de este candidato haver emagrecido espantosamente, desde o inicio deste nosso cativeiro. Esta consideração induz pois a afirmar que a commissão se equivocou propondo ao nosso sufragio um candidato, cujo valor moral é incontestavel, mas cujas qualidades nutritivas são...

«O Presidente:

«—O cidadão do Missouri tenha a bondade de se sentar; a Presidencia não pode admitir que as decisões da commissão sejam criticadas, sem que hajam seguido pelas vias regulares. Que acolhimento fará a Assembléa á proposta deste cidadão?

«Mister Halliday, de Virginia:

«—Proponho uma segunda emenda, visando a substituição de mister Harvey Davis, do Oregon, a mister Messick. Não deixareis de avaliar, tal qual eu o avalio, que as canceiras e privações, inherentes a vir da fronteira, terão concorrido para tornar mister Davis algum tanto durinho; mas, senhores meus, podemos nós, em lance tragico a tal ponto, *chicanar* ácerca da qualidade da carne humana? Podemos discutir sobre bicos de agulhas? Assistir-nos-á o direito de nos prendermos com umas considerações sem importancia? Não, meus senhores; a corpolencia, eis tudo quanto exigimos; a nutrição, o peso representam a nossos olhos as principaes qualidades requeridas: o talento, o genio, a boa educação, tudo isso nos é indifferente. Chamo a vossa attenção para o sentido da minha emenda.

«Mister Morgan (muito agitado):

«—Senhor presidente! Eu, pela minha parte, e como principio, opponho-me absolutamente á sobredita emenda. O cidadão do Oregon é edoso, além disso, é uma carga de ossos, e pouco tenro. Estes senhores dirão se preferem a sôpa da panéla a uma alimentação substancial! E se acaso se contentam com este «espectro do Oregon» para saciar a fome! Perguntarei, pois, a mister Halliday, da Virginia, se o aspecto dos nossos rostos escaveirados, dos nossos olhos encovados lhe não infundirão horror? Se terá animo de assistir por mais tempo a este nosso supplicio, prolongando a fome que nos está esfacelando as entranhas e offerecendo-nos o feixe de ossos que representa o cidadão indigitado!... Perguntar-lhe-ei, ainda, se já reflectiu ácerca da nossa tristissima si-

tuação, das nossas passadas angustias, do nosso tremendo porvir; tencionará persistir em nos dar como pabulo esta ruina, este rebutalho, este vagabundo, miserando e ressequido, lá das margens de Oregon? Não! não ousará!

(Appoiados.)

«A proposta foi apresentada á votação e rejeitada após discussão violentissima. Continuava a estar indigitado mister Harris, em conformidade com a primeira emenda. Foi aberto o escrutinio. Houve cinco votações sem resultado. A' sexta, foi eleito mister Harris, pelo facto de todos os votos, á excepção do seu, haverem recaído sobre o seu nome.

«Foi proposto, então, que se satisfizesse o escrutinio por um voto unanime de mãos erguidas; a unanimidade, comtudo, não pôde ser alcançada, pois que mister Harris tornou a votar contra si mesmo.

«Mister Radiway propôs então que a assembleia procedesse a fazer a sua escolha entre os ultimos candidatos, e que a eleição se realizasse sem falta, para o almoço.

«Foi acceita a proposta.

«No primeiro turno, houve scisão; pendiam, uns, em favor de um candidato reputado como muito juvenil; outros, preferiam-lhe outro individuo de bella estatura.

«O voto do presidente fez pender a balança do lado d'este ultimo, um tal mister Messick; mas esta solução desagradou altamente aos partidarios de mister Ferguson, o candidato votado: pensou-se, até, por instantes, em pedir novo escrutinio; em summa, decidiram todos adiar a solução, e a sessão foi levantada, acto-continuo.

«Os aprestes da refeição desviaram a attenção do partido Ferguson, e no acto de se reatar o fio á discussão, participaram, com pompa magna, que *estava servido mister Harris*. Produziu alivio geral a noticia.

«Improvvisaram-se mêsas com as costas das bancadas dos compartimentos, e sentámo-nos, contentissimos, a pensar na fartadéla pela qual estavamos suspirando, havia mais de uma semana.

«Dali a instantes, estavamos todos com outra cara. Indágora, o desespero, a miseria, a fome, a angustia febril estampados nos semblantes; presentemente, uma serenidade, uma alegria indescriptivel a reinarem entre nós; trasbordamos de ventura! Confesso, até

sem falsa vergonha, aquella hora de alivio foi o mais formoso instante em todo o meu viver de aventuras.

«E o vento a bramir lá fóra, a fustigar a neve, em redor da nossa prisão, mas a nós, presentemente, não nos metia medo.

«Gostei muito do Harris. Podia estar mais passadinho, aqui para nós, mas para ser justo, devo concordar que homem nenhum me agradou tanto como o Harris, ou me proporcionou tanta satisfação. Não se pode dizer que o Messick não prestasse, quanto soubesse algum tanto a bedum; mas com respeito a sabôr e delicadeza de carne, falem-me no Harris.

«O Messick, não ha duvida, tinha qualidades, que eu lhe não contestarei, mas, para um almoço leve convinha tanto como conviria uma mumia (isto sem de modo nenhum querer offendê-lo).

«Que magreza!!... Ah! Não pode imaginar a que ponto era incoirado! Não pode, com certeza!...

«—Quer-me talvez dar a intender, que... effectivamente?...

«—Peço-lhe que me não interrompa. Depois d'aquelle almoço tão fragil, tivemos que pensar no jantar. A nossa escolha recaiu n'um tal Walker, oriundo de Detroit. Era optimo, escrevi, aliás, n'esse sentido posteriormente, á mulher. O Walker! Cem annos que eu viva, não me esquece, com certeza! Que bom bocado!

«Uma delicia! Magrete, mas succulento, apezar d'isso!

«No dia seguinte, mimoseámo-nos com o Morgan, do Alabama, para o almoço.

«Era um dos mocetões mais guapos que tenho visto em minha vida, bem feito, airoso, de maneiras distinctas; falava correntemente umas poucas de linguas: numa palavra, um moço ás direitas, que nos forneceu um mólho saborosissimo. Para o jantar, prepararam-nos o tal velho patriarca do Oregon. Que espiga que apanhámos; velho, resequido, rijo como sola, não fomos capazes de entrar com elle! A tal ponto, que me vi na necessidade de declarar aos meus companheiros:—«Meus senhores, façam o que lhes approuvêr; eu, por mim, prefiro jejuar á espera de melhor presigo.

«O Grimes, do Illinois, acrescentou:

«—Meus senhores, eu, pela parte que me toca, espero tambem. Quando os senhores

tiverem escolhido um candidato que seja «rilhavel», folgarei immenso em me sentar á sua mēsa.

«Tornou-se evidente que a escolha do homem do Oregon havia provocado geral descontentamento. Cumpria, por qualquer preço, não deixar subsistir tão desfavoravel impressão, e muito mais depois da saudosa recordação que nos havia deixado o Harris.

«Recaiu portanto, a escolha na pessoa de Baker, do Estado da Georgia.

«Uma petisqueira de truz, esse tal; depois, mimoseámo-nos com o Hawkins, com Mac'Elroy,—este, pequeno e magro de mais, acarretou-nos varios protestos. Depois, foram desfilando o Penrol, os dois Smiths e o Bislely; este ultimo, por motivo da perna de pau, cerceou-nos a razão, a qualidade, porém, era irreprehendiveel; em seguida, um rapaz indio, um tocador de realejo, por nome Brakminster,—um pobre diabo, um vagabundo, descarnado; era indigno, na verdade, de figurar na nossa mēsa.

«Como consolação de tão magra petisqueira, pudémos dizer com os nossos botões, que tão ruim almoço pouco antecedeu a nossa libertação.»

—A hora da libertação soou, pois. finalmente, para os senhores?

—Assim é. Uma bella manhan, com um lindo sol, no acto em que estavamos inscrevendo o John Murphy na lista no almoço. Afirmo-lhe que o sobredito John Murphy devia ser uma iguaria para a mēsa de um monarca. Jurá-lo-ia com a corda na garganta. Quiz a sorte que o John Murphy voltasse connosco no comboio, que veio soccorrer-nos.

Casou com a viuva do Harris, d'ali a tempos!!

—A victima de...

—A victima da nossa primeira eleição. Casou com ella, e agora vive contentissimo, muito considerado, e em optima situação. Oh! esta historia é o proprio romance; digo-lhe isto! Mas cheguei ao meu destino, meu caro senhor, e tenho que lhe dizer adeus. E veja lá, não se esqueça, quando puder desperdiçar um quarto de hora, aquella casa está sempre ás suas ordens. Dar-me-á n'isso immenso prazer. Creia que me inspira verdadeira sympathia, direi até, summa affeição. Estou em dizer, até, que

ainda virei a gostar tanto do meu amigo, como gostei do Harris. Meu caro senhor, adeus, e boa viagem.

Apeou, e eu, para ali fiquei, azabumbado, aliviado, quasi, de o ver pelas costas. Apesar da sua afabilidade, experimentei um certo arrepio ao sentir-lhe os olhos famulentos cravados na minha humilde pessoa. Tambem, quando ouvi que me havia honrado com sincera afeição, e que na sua estima me collocava a par do Harris, que Deus tem, fiquei sem pinga de sangue.

Fiquei passado, de medo, literalmente. Não podia duvidar da sua veracidade; por outro lado, haveria sido absolutamente deslocado interromper com uma pergunta inoportuna narração dramatica a tal ponto, apresentada com os auspícios da maior sinceridade. Aquelles horribéis pormenores, mau grado meu, perseguiram-me, e obsediavam-me o espirito com um milhão de ideias confusas. Reparei que o conductor me estava observando, e perguntei-lhe:

— Quem é aquelle sujeito?

Soube que em tempos fizera parte do congresso. e que era um excellente homem. Apanhado por uma tormenta de neve, e a dois dedos de morrer de fome, tão abalado e transtornado ficou com o frio, que, dois ou três mezes depois do incidente, endoideceu de todo. Elle, agora, vae indo bem, mas a monomania não o larga, e assim que lhe tocam na tégla, não pára sem haver tragado mentalmente os companheiros todos de viagem. Não ficava um só, para amostra, se elle não tivesse de apear n'aquella estação: sabe-lhe os nomes na ponta da lingua.

Assim que acaba de os comer a todos, nunca deixa de accrescentar: «Chegada a hora do almoço, não havendo mais candidatos, escolheram-me a mim. Eleito por unanimidade, para o almoço, resignei-me, e aqui estou.»

Muito embora! experimentei um alivio por ahi além quando soube que acabara de ouvir as locubrações loucas de um infeliz desequilibrado e não as proezas de um cannibal avido de sangue.

Versão de MANUEL DE MACEDO.

(A seguir: *A Chicago Alleman.*)

EM TANAGRA

*Kauthis amava o estatudrio Mèla,
por quem todos andavam á porfia.
Tambem, mesmo em Korintho, não havia
corpo mais puro e amavel do que o d'ella.*

*Prodigio de Éros! A ouvi-la, e cré-la,
só para elle nascêra, e só vivia;
e por seu lado, o artista não temia
senão que houvesse um dia de perdê-la.*

*Alguem, que os vira juntos, segredava
ser Kauthis quem co'as pallidas mãosinhas
as argillas informês amassava;*

*cantam lá fóra, vindimando as vinhas;
e á branda luz do olhar que o inspirava
Mèla compunha as frageis figurinhas. . .*

M. CARDOSO MARTHA.

O Campo Grande

Um pittoresco logar de recreio — Aspectos e tradições — Como elle era nos seculos XVI, XVII e XVIII — O Campo Grande actual

O Campo Grande é, por certo, o mais pittoresco e saudavel local de recreio da Sociedade Lisboeta. E' não só um lindo logar, onde, todas as classes, desde as mais ás menos abastadas, vão buscar, em dias mais ou menos determinados, um pouco de vigor physico que as compense do que perderam no trabalho ou agitação da vida citadina, mas tambem um saudoso retiro, bom para meditações, podendo dizer-se que, de cada arvore, de cada muro antigo, quasi de cada punhado de terra, brotam, ali, sombras tradicionaes.

Ah! o velho Campo Grande, o que elle foi e o que elle é!

Era um vasto pedaço de terra, arido e nú, antes do seculo XVIII, e, a maneira como elle principiou civilisando-se, o seu ascender constante, desde esse tempo até nossos dias, é uma d'essas bellas historias, que certos logares teem, e que, interessam tanto ou mais do que a historia de certas pessoas humildes que, muito tempo soffreram de desdens, de desprezos e de abandonos, para, mais tarde, virem a ser consideradas e admiradas, depois de reconhecido o valor real que possuiam.

Esse vasto tracto, hoje terraplanado e ajardinado, mixto de parque e floresta, que o nosso olhar descortina cheio de seducção, chamou-se, outr'ora, simplesmente, o *Campo de Alvalade*, e não foi mais que um humilde logradouro publico, emquanto não chegou o seculo XVIII. Mas, já n'este tempo elle go-

sava de fóros de logar historico, caso que, embora a largos traços, aqui vamos apreciar.

Foi ali, que, no seculo XVI, se exercitaram e foram revistadas as tropas que acompanharam D. Sebastião á Africa, e ali se adestrou, portanto, nas armas, a fina flor da malaventurada geração de portuguezes que, teria de perecer tão ingloriamente nos campos de Alcacer Kibir.

Só muito mais tarde, principia a historia progressiva do hoje pittoresco passeio.

Os primeiros symptomas de progresso, n'essa parcella de terreno, nascem com a formação de um poço, a que mais tarde uma irmandade da freguezia dos Santos Reis mandou accrescentar uma armação de ferro com roldana e pia de pedra. O poço, fôra uma medida tomada com o fim de se desse-dentar o gado que por ali passava, porque, n'esses avoengos tempos, não havia, em todo o precurso que vae da Povia de Santo Adrião a Lisboa, um unico fio de agua onde o gado matasse a sêde.

Pela mesma irmandade, foi mandado pôr ali um homem que, tendo sempre a pia cheia de agua, pedisse esmola aos passageiros, de cujo lucro tiraria metade para os proventos da egreja. Essas esmolos, — rezam as chronicas — chegaram a attingir o rendimento de 2087000 réis, o que facultou haver dois capellães na freguezia que, até essa data, fôra tão pobre, que nem podia sustentar os seus padres. Mas, pouco a pouco, com o progresso, essa luz afugentadora das religiões, aquelle rendimento foi diminuindo, tendo os irmãos que quotisarem-se entre si, para o fim citado. Emquanto isto succedia, despertava para a vida moderna o Campo.

Grande. Um bello dia, ao impulso da civilisação, o exiguo poço era substituido por dois bellissimos chafarizes, feitos em 1813-14, respectivamente do Campo Grande e do Lumiar. A' medida que estes symptomas de civilisação se davam, principiava, no ermo lugar, a desenvolver-se a vida social que os seculos precedentes haviam esboçado.

Havia-se fundado estabelecimentos pios ou religiosos; principiaram a apparecer casas profanas ou palacios, mais tarde estabelecimentos fabris, e, por fim, as aleas de recreio.

Em 1730 fôra mandado construir n'aquelle local, pelos filhos de el-rei D. João V, um famoso palacio que, havia deservir de residencia á celebre madre Paula, freira do convento de Odivellas. Este edificio, em estylo corre-

cto, embora desairoso, da época, é situado no topo do jardim actual, ao lado do Occidente. E' o predio que pertenceu ao fallecido capitalista Joaquim Pimenta, e hoje propriedade da Empreza Bairro de Lisboa. Ao cimo, tambem no topo do jardim, fazendo esquina para a estrada que vae ter ao Lumiar, ha outro palacio de recordações historicas. Tem um pateo de entrada nobre, com larga escadaria e enorme cerca. Era o palacio do conde de Vimioso, em cuja cerca se deram as mais afamadas touradas da sua época. O Campo Grande é tambem fertil

em a tradição religiosa. Houve ali um convento de Franciscanos, construido no começo do seculo XVIII, e os frades de S. Caetano tinham ali um hospicio.

O Campo Grande modernisa-se

E' dos fins do seculo XVIII (reinado de D. Maria I), que data a plantação do arvoredo do Campo Grande. E' de então para cá que, pou-

co a pouco, se modernisa e se vem convertendo em lugar recreativo. A principio, é simples bosque; mais tarde jardim hesitante; depois, augmentam os grandes viveiros de arvores silvestres, de onde a camara municipal começa a fornecer arvoredo para os passeios publicos de Lisboa e para as estradas municip-



ANTONIO CORDEIRO FEIO

Que ha 22 annos dirige os trabalhos no Campo Grande e a quem se deve a architectura e decoraçao do «Chalet das Connas»

paes. E assim, pode dizer-se que é o Campo Grande o pae da arborisação da cidade.

No primeiro quartel do seculo XIX, perdida já a sua feição antiquada, toma outra, menos contemplativa e mais cheia de vitalidade. A luz do progresso jorra sobre o Campo Grande e infiltra-lhe a vida social, a verdadeira vida. Converte-se, então, em theatro dos divertimentos predilectos das altas camadas sociaes, mormente da colonia ingleza, de quem é o local appetecido. Dão-se, então, ali, as mais apparatusas corridas de cavallos. Esses divertimentos, são feitos ao

uso de Inglaterra, e d'esse paiz mandam os interessados vir os cavallos mais corredores e os jockeis mais adestrados. Ha desafios que são verdadeiras brigas de *sport*, apostam-se sommas consideraveis, e essas funções, que se realizam aos domingos, no verão, com extraordinaria concorrência, tornam o local pequeno para conter tanta gente, pois que, dos arredores afflue a multidão, assim como da cidade, para assistir a esses torneios.

Com o progresso commercial e industrial, com a entrada mais activa da burguezia na vida social, o Campo Grande tinha de assumir ainda uma grande modificação, a da vida que hoje tem, mais sóbria e utilitaria, mas sempre meditativa, recreativa e attrahente.

A quem se devem os progressos artisticos dos ultimos 22 annos do aprazível local — Uma vida devotada á arte do pittoresco ajardinado

Quando o Campo Grande attinge verdadeiramente a sua feição mais preciosa, é de ha 22 annos a esta parte. O seu aspecto, até ahi vasado em moldes antigos, e acanhados portanto, modernisa-se; vitalisam-se as suas tendencias progressivas. Então, elle, passa a albergar em seu seio, não de preferencia esta ou aquella classe, privilegiadamente, mas todas as classes, do mais alto ao mais baixo coturno. E assim, pode dizer-se, que o lindo local, atravessando a Historia, vem tomando outras tantas facetas,

quantas as diversas phases sociaes, como se a sua paysagem, os seus lagos, o seu ambiente, quizessem reflectir nas miragens ideaes do sonho, as diversas *etapes* de civilisação da terra portugueza. Com effeito, elle, que fôra arido, nú, ascetico e austero, sob o patronato das communidades religio-



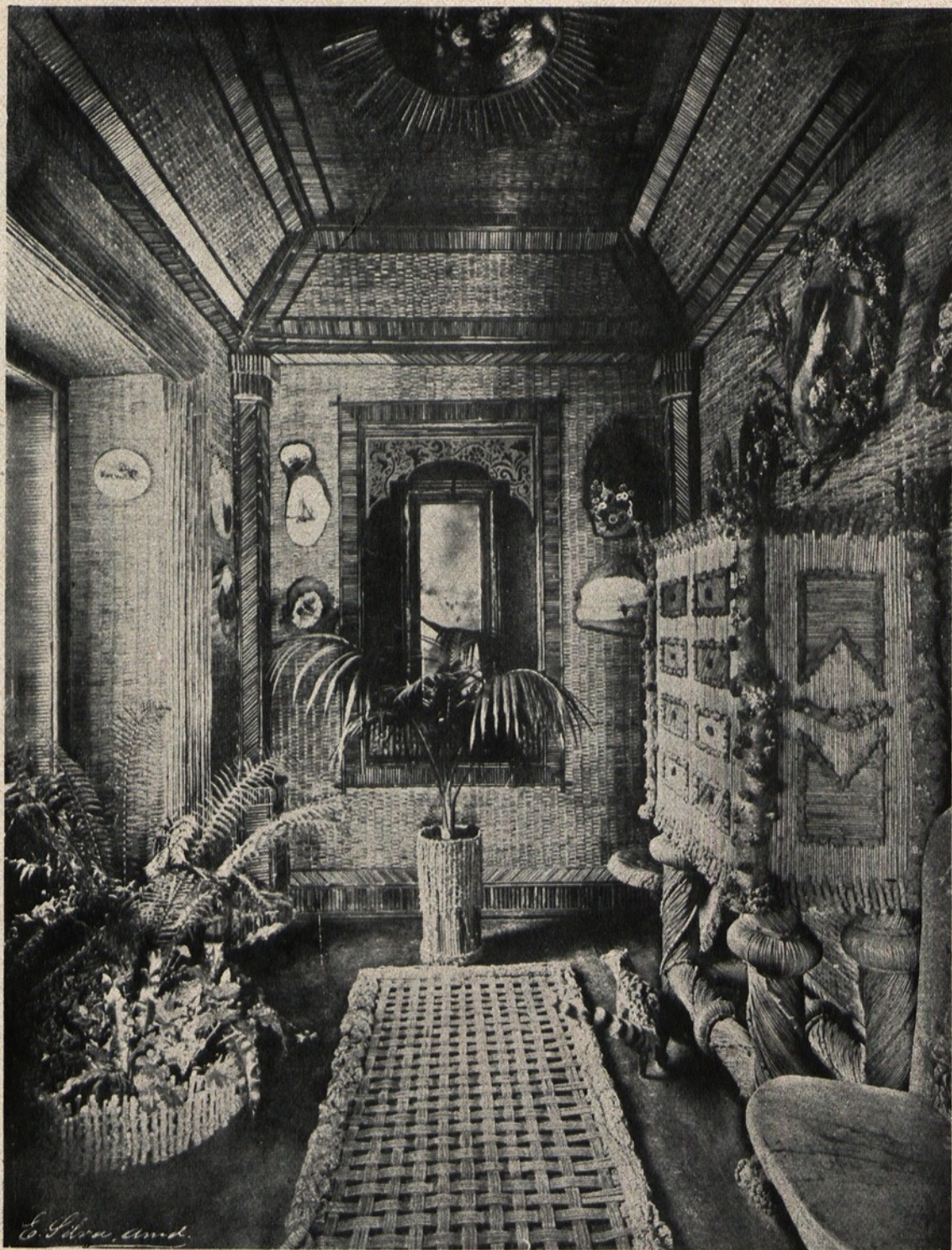
ENTRADA DO CHALET DAS CANNAS

sas, que lhe deram a primeira séde de agua, pedindo-lhe em troca os seus proventos; elle que, sob o influxo do bem-estar realengo e palaciano, espalhara o pompear das mais extraordinarias galas e mais fidalgas galhardias; vem hoje dizer-nos que se modernizou, tão bem como a sociedade que o circumda, fazendo entrar, francamente, no seu convívio, aquillo a que antigamente se chamava o terceiro estado. E é assim, que hoje, faz fraternisar, no seu amago, todas as classes, como a nos dizer que não deve o calcanhar do senhor ter pejo ou desprezo em ser tocado pela ponta do pé do servidor, que não deve a riqueza desdenhar o trabalho, a força mais apreciavel nas sociedades modernas civilisadas, porque da boa relação entre trabalho e riqueza resulta a bella chave da harmonia social.

Para que o Campo Grande, mais facilmente incarnasse o espirito da época actual.

teve a felicidade de encontrar, no seu convívio, uma bella personalidade de trabalha-

traçou para si, como linha de conducta, a mais teimosa e intrinseca modestia.



UM ASPECTO DO INTERIOR DO CHALET DAS CANNAS

dor a quem seria injustiça deixar no olvido, embora toda a sua vida haja sido consagrada a viver na attitude retirada, de quem

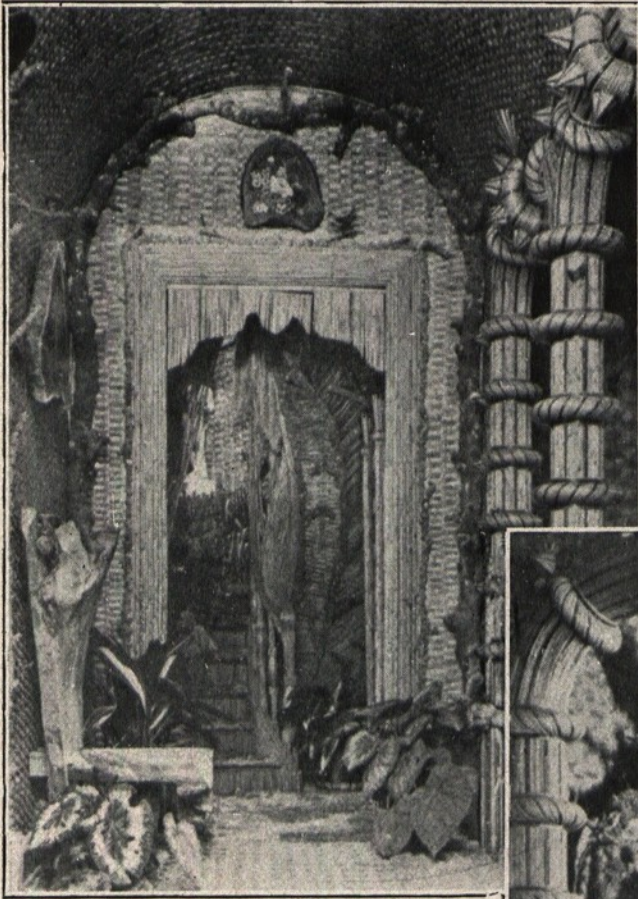
Essa individualidade, com um poderoso esforço de vontade, aliado a um gosto requintadissimo e a uma admiração inexaurível

pelas manifestações do bucolico, do lyrico e do pittoresco, fez da sua energia e paciência verdadeiras varinhas magicas da lenda, mandando brotar, de cada boccadinho

tado, ou o blocosito de pedra sem valor em pedra preciosa que brilhasse na cimeira do janellorio de alguma vivenda de fadas. Foi elle quem, de uma antiga casita de residencia, soube erguer o encantador retiro onde tantas graças pequeninas se encontram, n'uma bella disposição, que faz d'esse cantinho um logar de romagem, continuamente visitado e admirado de nacionaes e estrangeiros.

Refiro-me ao *Chalet das Cannas*, esse delicioso boccadinho que, faz que eu classifique o seu auctor, de um intelligente architecto da arte do pittoresco ajardinado.

Com effeito, o pequenino Chalet é uma bonita e «mignone» estancia, com os seus motivos delicados de ma-



OUTRO ASPECTO DO INTERIOR DO CHALET
DAS CANNAS

de terra que lhe cahiu nas mãos, um requebro artistico de pequeninas gentilezas de arte, que attestam uma vida consagrada, inteiramente, a um ideal, a um sonho que se persegue. E não se trata da realização de algum pedaço d'essa arte academica, cujo pautado e hieratico, por vezes, nos enfastia, com a monotonia das linhas, mas de uma curiosa e original manifestação do decorativo campestre, de uma arte cuja simplicidade puramente popular, nos prende deliciosamente o espirito. Quero falar-lhes de Cordeiro Feio, o homem a quem, nos ultimos 22 annos, foram confiados os trabalhos do Campo Grande, o paciente benedictino da arte, em cujas mãos o barro tósco se transforma em palaciosinho encan-



OUTRO ASPECTO

nelino em rustico, dividido em forma de palaciosinho de lenda e ornamentado, quer por dentro, quer por fóra, com um gosto de originalidade rustica, proprio para attrahir e convidar ao remanso, as gentes em

cansaço e os enamorados tantos por ali vão.

Esse soberbo ninho de poeticas creações, tão mansas, só podia ter sido amenisado por uma vontade que, dia a dia, hora por hora, deliberasse tratar de tanto apuro e minuciosidade.

E aqui me poria eu, agora, a retratar o bonito Chalet, com os seus janellorios nobres, feitos de simples barro, o seu mobiliario que dá a evocação da arte dos faunos nas florestas, se algum dia essas entidades lendarias tiveram no cerebro um sonho de arte! Aqui lhes falaria eu, detidamente, da



UMA CAVALGADA

graça com que, de um torreãozinho, debruçadas das suas ameias nos acenam as flôres; do hieratico com que, toscas jardineiras, de pau mal talhado, se nos mostram aristocraticas; e como de uma raiz de arvore, com tres ou quatro golpes de enxó, se fez ou uma poltronã linda, que evoca um throno druidico, ou um vaso caprichoso, onde crescem rodolentes de perfume, as mais deliciosas 'flores. Aqui me poria eu, a falar-lhes dos pequeninos nadas que ali nos encantam, mas para que o farei, se aos que teem contemplado o retiro eu só daria a sua pallida imagem, e se, aos que o não viram, só a visão real os poderá bem compenetrar do

quadro lindo! De resto, como lhes poderia retratar, em algumas horas de trabalhosa mas insignificante prosa, aquillo que levou, nada menos de dezessete annos a construir, coordenar e dispor?

Porque, ha dezesete annos, que começaram, ali, aquelles trabalhos, que assim o soube eu, ha dois dias, quando perguntava ao paciente delineador da obra: «Mas, como conseguiu accomodar tanta belleza a tanta simplicidade?» ao que elle, modestamente, disse: — «Pensando todos os dias, pelo menos um boccadinho de tempo, e, n'alguns d'elles, algumas aturadas horas, perguntando de mim para mim: «o que ficará melhor aqui? e ali? e acolá?» E accrescentou, muito simplesmente: «Mas não fale de mim. Como sabe, não sou architecto, mas um simples curioso que creou amor a estas coisas e que as adora como á propria vida.» E depois, com muitos cuidados de perguntas, eu lá consegui saber quanta paciencia pode dispendir um homem para contribuir para o deleite dos olhos ou o bem es-

tar dos outros. Uma d'aquellas poltronas rusticas, onde, para qualquer lado que a gente se volte, se sente sempre bem, era, para Cordeiro Feio, objecto de turturante cuidado e meditação. Sentava-se no tronco tosco, recostava a fronte, depois riscava, rabiscava, desenhava, e dias depois, dizia aos seus operarios: «Corta ahi, talha acolá!» «Para quê?» perguntavam os operarios, muitas vezes, espantados de tanta minucia. «Para perguntares», respondia elle, paulatinamente. E dias depois, de um velho tronco condemnado talvez pelos operarios a ser consumido pelo lume, surgia um movel muito commodo e até muito invejado.

(Continúa.)

EUGENIO VIEIRA.



Aristophanes e a sua escola

Aristophanes

Cephison — Eurípides, filho — Apharéu — Crates de Thebas — Cheremon — Lico-phoron — Rhinton — Sophocles, «o moderno» — Theodecto — Polydes — Xenarco — Philisco — Bion — Plutarco — Comedia grega — Phrynico — Strattis — Aleixo — Anaxandrides — Festas dionysicas — Aristophanes — «Detalianos» — «Os Acharnianos» — «Os Cavalleiros» — «As Nuvens» — «As Vespas» — «A Paz» — «Os Passaros» — «Lysistrata» — «Thesmophorias» — «Pluto» — «As Rans» — «A Assembléa de mulheres» — Ameipsias — Callias — Crates de Athenas — Cratino — Diocles de Phlionte — Epicharmo — Eupolis — Eubolo — Hegemon de Thasos — Hermippo — Leucon — Magnes — Moschion — Myllos — Pherecrate — Philonides — Platão — Polyxclo — Susarion — Anaxilas — Nicochares — Aristoteles — Baton — Machon — Sopatros — Sositheu — Dercyllos — A pleiade.

Ao terminar o seculo v a decadencia da tragedia grega era manifesta. Não tornou a apparecer nenhum poeta de valor sequer approximado aos tres insignes tragicos de que tratamos nos capitulos anteriores. Em cumprimento do programma que a nós mesmos nos impuzemos citaremos aquelles que, embora, não possam competir com a fulgurante trindade que succintamente biographamos, deixaram no entanto vestigios das suas obras na litteratura dramatica da Grecia.

Cephisoon foi amigo de Eurípides, e segundo a tradição, collaborou nas suas tragedias e principalmente nos coros. Aristophanes apresenta-o como amante de Chœ-

ribe, segunda mulher de Eurípides.

Do filho do insigne Eurípides nenhuns dados bibliographicos se puderam apurar. Apharéu, discipulo e filho adoptivo de Isocrates, obteve no seculo iv antes da nossa era, fama de excellente orador e de tragico de merecimento; escreveu trinta e sete tragedias, quatro das quaes foram coroadas.

Crates, denominado de Thebas, foi uma das individualidades mais excentricas, como modernamente diriamos. Nasceu em Thebas na Beocia. Vivia em Athenas em 328 e existia ainda no começo do seculo iv antes da nossa era. Foi o ultimo representante illustre da escola cynica, e marcou a transição entre Diogenes e Zeno. Disforme e feio, comprazia-se em ostentar a sua fealdade, afim de provocar os motejos. Vendeu o seu patrimonio e distribuiu-o para viver a vida dos cynicos. Vestia trajas quentes no verão e leves no inverno, não para se tornar saliente, mas para affrontar a dôr. Não era rude systematicamente, como Anthisteno, nem tinha o descaramento de Diogenes; era educado e conservava a sua dignidade. Possuia em Athenas, onde era o árbitro de todas as dissidencias e o conselheiro das familias, uma auctoridade moral consideravel. Uma mulher rica, Hipparchia de Maronéa apaixonou-se por elle e desposou-o adoptando o seu genero de vida; resolução que originou muitas anedotas escabrosas. Crates compoz tragedias philosophicas e diversas poesias; entre outras, um pequeno poema intitulado *Paignia*. Quiz-se, sem razão, attribuir-lhe quatorze cartas, comprehendidas na collecção aldina das cartas gregas, de 1449, e trinta e oito outras publicadas por Boisso-

nade nas *Noticias e extractos*, que vieram á luz em 1827, em Paris.

Cheremon viveu no principio do seculo iv; seguindo o exemplo de Eurípides, intercallou na acção dramatica descripções, dissertações moraes, scenas de comedia e formulas de rhetorica, as suas peças, das quaes a mais conhecida é o *Centauro* valem principalmente pela versificação e elegancia de estylo. Lycophoron nasceu em Chalcis, em Eubéa, nos fins do seculo iv; era filho de Sosicles, foi adoptado pelo historiador Lycos, que acompanhou a Rhegion; d'ahi passou para Alexandria, para a côrte de Ptolomeu Philadelpho, onde adquiriu grande reputação; no dizer de Ovidio, foi morto

por uma frecha em consequencia de uma intriga de amor; compoz, affirma-se, sessenta e quatro tragedias; conhecemos os titulos e alguns fragmentos de umas vinte d'estas peças e fragmentos de um drama satirico, *Meudemo*; Lycophoron escreveu tambem um *Tra-tado da comedia*; mas é conhecido principalmente

como auctor do estranho poema tragico intitulado *Alexandra*, editado e traduzido por Holzinger, Leipzig, em 1895, onde uma escrava conta as prophcias de Cassandra, filha de Priamo. O trecho é de uma falta de clareza que ficou proverbial. Philocles, o «moderno», era filho do poeta Astydamas, viveu no seculo iv e pertencia á familia de Eschylo e de Philocles, o «antigo»; foi contemporaneo de Demosthenes

Rhinton, poeta dramatico, nasceu em Tarento ou em Syracusa, nos fins do seculo iii ou principios do iv, era filho de um oleiro e vivia no tempo dos dois primeiros Ptolomeus. Constituiu n'um genero distincto a parodia litteraria, que tinha na Grecia origens muito antigas, na *Batrachomyomachia*, nas peças de Aristophanes, na

comedia popular da Grande-Grecia, mas que até ahi não se tinha libertado dos generos annexos. Suidon attribue a Rhinton trinta e oito dramas comicos, chamados tambem *hilarotragedias* ou tragedias jocosas; por exemplo um *Amphytrion*, um *Heraclio*, uma *Ephigenia*, uma *Orestes*, um *Telepho*, onde appareciam transfigurados os heroes das tragedias. Chegaram até hoje alguns fragmentos d'essas peças, publicados no Volker, *Rhintons fragmenta*, de Halle, de 1887. Rhinton teve por imitadores Blaesos de Caprea, Skiros de Tarento, Sopatros de Paphos. Fundara esse genero em honra de Roma e exerceu bastante influencia sobre o desenvolvimento da *atellana* e do *mimo*.

Sophocles, o «moderno», neto do grande Sophocles, existiu na primeira metade do seculo iv. Compoz quarenta tragedias, e foi sete vezes vencedor nos concursos.

Theodecto, nasceu em Phaselis, Lycia e morreu em Athenas no seculo iv. Foi discipulo de Isocrates, de Plátão e de Aristoteles.

Orador de começo, principiou a escrever para o theatro muito cedo. Theodecto apresentou, no concurso mandado abrir pela rainha Artemisa para honrar a memoria de Mausolo, ao mesmo tempo uma tragedia intitulada *Mausolo* e um elogio oratorio. Aristoteles que lhe dedicou um dos seus tratados de rhetorica, tinha em muita consideração o seu talento. Além dos seus discursos, Theodecto compoz cinquenta tragedias: *Ajax*, *Oedipo*, *Helena*, *Orestes*, *Tydeu*, *Alcmeon*, *Philocteto*, etc.

Polydes, foi não só poeta tragico, mas ainda musico. Viveu no seculo iv. Compoz diversas tragedias, entre as quaes se citam: *Atlas*, *Iphigenia em Taurida*, em que no parecer de Aristoteles, ultrapassou Eurípides na forma de tratar a scena capi-



O JULGAMENTO DE PARIS
(Quadro de Rubens)

tal do reconhecimento entre Orestes e Iphigenia.

Xenarco pertencia a uma familia de poetas e viveu no seculo iv; seu pae Carcino, seus irmãos Xenocles e Xenotimo, tinham igualmente composto tragedias. Xenocles, irmão de Xenarco, obteve na xci^a olympiada o premio da tetralogia em competencia com Eurípides. Aristophanes satirisou a sua voracidade.

Além d'estes poetas tragicos do seculo iv houve mais Philisco, do qual nada consta ácerca da sua bibliographia. Dos poetas do seculo iii e ii tambem não ha vestigios que mereçam referencias especiaes e dos do i apenas temos Bion e Plutarco, que entre as suas numerosas obras litterarias elaborou uma intitulada: *A comparação entre Aristophanes e Menandro*.

As origens da comedia grega, ensinam-nos as encyclopedias, são muito obscuras; sabe-se apenas que se ligam estreitamente ao culto de Baccho. A comedia appareceu primeiro entre os doricos: no Pelopeneso, em Megara com Susarion, que a levou para a Attica e sobretudo na Sicília com Epicharmo, que desenvolveu principalmente a comedia de character. Mas foi só em Athenas que este genero se pôde desenvolver. Distinguem-se tres periodos na historia da comedia attica: Primeiro a *comedia antiga* que começa approximadamente em 460 antes de Christo e tem por principaes representantes: Chionides, Crates, Cratinos, Eupolis e nomeadamente Aristophanes, cujas obras, as que se conservaram, nos revelam os caracteres d'esta forma dramatica.

A comedia antiga tinha por objectivo discutir, como hoje o fazem os jornaes, as questões relativas aos negocios publicos. Apaixonada, animada pelo espirito partidario, fazia a caricatura das personagens publicas, claramente designadas, com tanto vigor como licença.

A comedia média era apenas um genero de transição. Supprimiu o côro, isto é o elemento lyrico e tambem os ataques ás pessoas. Tratava de assumptos de costumes ou de assumptos mythologicos. Foi cultivada por Aristophanes no *Pluto* e *Assembléa de Mu-*

lheres, Eubulos, Aleixo. Antiphanes, Anaxandrides.

A comedia nova corresponde aos reinados de Alexandre e dos seus successores. Eliminou a poesia e transformou-se abertamente em satira dos costumes contemporaneos. Possui os seus typos: o filho familia, a cortezan, a escrava ardilosa, o parasita, etc., que teem nomes indicando o seu character. Da comedia nova, que teve por principaes representantes Menandro, Philemon, Diphilo, só temos fragmentos; mas fazemos bem idéa das suas obras, graças ás imitações realizadas por Plauto e Terencio.

Phrynico, homonymo do poeta tragico, nasceu no fim do seculo v antes da nossa era. No dizer de Suidas, deu as suas primeiras peças em 435. Contemporaneo de Aristophanes, pertence como elle á comedia antiga. Conhecem-se os titulos d'algumas das suas peças: *O Monotropos* ou *Misanthropo*, representado em 414 com as *Aves* de Aristophanes; as *Musas*, que em 405 foram classificadas em segunda classe, depois as *Rans*, onde o poeta mostrava Sophocles e Eurípedes ás turras; *Ephialto*, os *Komastes*, *Konnos*, os *Mystos*, os *Satiros*, as *Tragicas*, etc. Admirava-se em Phrynico o atrevimento da satira e o vigor do estylo. Attribuiu-se-lhe a invenção de uma medida de versos que foi baptisada com o seu nome, o ionico menor catalectico. Aristophanes, de quem era rival, zombou d'elle nas suas *Rans*. Mas os fragmentos que restam de Phrynico justificam a fama de que gosou na antiguidade.

Strattis pertencia á comedia antiga; mais novo que Aristophanes, tentou tambem o genero novo; foi um dos poetas que assignalaram a transição da comedia antiga para a média. Os alexandrinos conheciam-lhe pelo menos dezeseis peças. Entre as parodias pôdem citar-se: As *Phenicias*, *Medéa*, os *Myrmidons*, *Atalante*, *Philocteto* e *Troilos*; entre as comedias de costumes: *Agathos*, *Callipide*, *Cinesias* e os *Psychistas*. Só se tem de Strattis raros fragmentos, conservados por Suidas e Atheneu.

Aleixo, poeta comico, nasceu em Thurio, na Lucania e morreu em 299. Compoz duzentas e quarenta e cinco peças, de que poucos fragmentos restam.

Anaxandrides nasceu em Rhodes, no tempo de Filippe da Macedonia. Segundo narra

Suidas, foi o primeiro que introduziu no theatro os amores irregulares, fecundos em catastrophes. Morreu victima de uma travessura satirica. Eurípides escrevera n'uma das suas tragedias: «A natureza queria-o assim, ella que não escuta senão as leis.» N'uma parodia d'este verso, Anaxandride substituiu pela palavra *cidade* (*polis*) a palavra *natureza* (*phusis*). Os athenienses condemnaram-no a morrer de fome.

Antes de falarmos de Aristophanes e da sua obra vamos descrever succintamente o que eram as festas dionysicas que tanta influencia exerceram no theatro grego.

Em toda a terra grega, sob diversos nomes, dionysicas, anthesterias, etc., se celebravam festas alegres em honra de Dionysio, deus do vinho. Estas festas, apresentavam, segundo os casos, caracteres muito differentes: umas eram festas campestres ou populares; outras, festas de iniciados, *mysterios*. Em quasi todos os burgos gregos, o culto

de Dionysio dava ensejo a procissões, a banquetes, a phallophorias. As principaes festas dos iniciados celebravam-se na Phrygia e na Lydia, na Thracia, nas orgias dos bassarides, na Macedonia, nas orgias dos clodones, em Naxos, no Citheron e no planalto de Delphos, todos os tres annos, nas orgias das bacchantes e das thyades, na Italia, nos mysterios dionysicos, nas bacchanaes de Roma; mas em parte nenhuma, as festas de Dyonisio eram tão numerosas e tão brilhantes como na Attica, nos seculos v e iv antes da nossa era. Todos os burgos da Attica, Icaria, Brauron, Pireu, etc., festejavam o deus todos os annos.

Na propria Athenas celebrava-se em honra de Dionysio as *oscophorias*, no mez de pyanepсион, antes das vindimas; as *anthesterias*, que duravam tres dias de 11 a 13

do anthesterion: *pythoigia*, *choes*, *chytroi*; as *leneas*, no gamelion, no solsticio de inverno em Lenaeon, que comprehendiam prestitos, sacrificios, concursos dithyrambicos e dramaticos; as *pequenas dionysias* ou *dionysias campestres*, festas dos dêmos, no posi-deon; finalmente as *grandes dionysias* ou *dionysias urbanas*. Estas ultimas, as mais importantes de todas, duravam pelo menos seis mezes, e celebravam-se no mez de elaphebolion, sob a presidencia do archonte eponymo. Comprehendiam diversas partes distinctas: o *proagon*, ou annuncio das peças, com apresentação dos poetas e dos actores ao publico; um cortejo e sacrificios; concursos dithyrambicos: o *Komos*, um ban-

quete acompanhado de danças, de cantos e de facecias; as representações das tragedias e das comedias que não levavam menos de tres dias. Pela parte litteraria e artistica do programma, as festas de Dionysio desempenharam um papel importante na historia da



MORTE DE SOCRATES
(Quadro de Louis David)

poesia lyrica e do theatro. Os *mysterios* inspiraram as poesias orphicas: executavam-se dithyrambos n'estas festas e foi nas *leneas* e nas grandes dionysicas que se representaram as obras primas do theatro grego.

Mas vamos a Aristophanes.

Aristophanes, o mais celebre dos poetas comicos gregos, nasceu provavelmente em Athenas em 450 e morreu em 386 antes de Christo. Estreou-se muito novo no theatro onde se tornou conhecido por duas peças hoje perdidas: *Os Daetalianos*, escriptos em 427 e *Os Babylonios* em 426. Escreveu cinquenta e quatro comedias. A maioria d'ellas só as conhecemos por fragmentos. Onze chegaram até nós: *Os Acharnianos* 425 e a *Paç*, 425, onde o auctor intervem abertamente na politica e combate o partido da guerra; *Os*

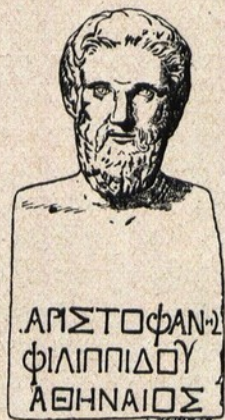
Cavalleiros, 424, em que atacava ás escancaras Cleon, o omnipotente demagogo; *As Nuvens*, 423, onde motejava os sophistas na pessoa de Socrates; *As Vespas*, 423, onde mettia a ridiculo a organização dos tribunaes athenienses e as manias dos juizes; as *Aves*, em que critica as utopias politicas e sociaes como mais tarde na *Lysistrata* 411, e na *Assembléa de Mulheres*, 392; as *Thesmophorias*, 411, e as *Rans*, 405, satiras litterarias dirigidas contra Eurípides. No entretimentos, a ousadia dos poetas comicos, o regresso ao poder do partido aristocratico e as desgraças de Athenas tinham determinado uma reacção contra a liberdade do theatro. Esta reacção esboçara-se já em 412 no periodo dos «Trinta»: accentuou-se em 388, parece, por uma lei que prohibia formalmente os ataques pessoais. Era a sentença de morte da comedia antiga, Aristophanes tentou meios novos: com o *Cocalos*, perdido, e a segunda edição do *Pluto*, 388, inaugurou a satira de costumes, d'onde devia brotar a comedia nova dos athenienses.

Com excepção do *Pluto* e das peças contra Eurípides, as comedias de Aristophanes são satiras sociaes ou pamphletos politicos. Ligado ao partido aristocratico, o poeta serviu-se ás largas da liberdade que lhe consentia o estado popular para atacar as instituições e os chefes da democracia. Nas suas mãos, a comedia tornou-se um poder, que, com justiça, se tem comparado á imprensa politica dos modernos. Considerada no ponto de vista de arte, a obra de Aristophanes é uma das maravilhas do genero grego. Possui uma veia incrível e uma espantosa phantasia nos seus dialogos satiricos, intercallados de coros lyricos, onde os conhecedores sempre admiraram a perfeita concordancia do fundo e da fórma, da idéa, da expressão e do rythmo. As peças de Aristophanes são preciosissimas pelo conhecimento da historia do tempo, das instituições e dos costumes athenienses do fim do seculo v.

Na comedia *Os Detalianos* de Aristophanes, de que só nos restam fragmentos, como nos *Adelphos*, de Terencio, um velho é pae de dois filhos. Um é educado no campo, outro

na cidade. Um dos fragmentos que chegaram até nós é um dialogo entre o pae e um dos seus filhos, o cidadão, a quem o velho pede contas das lições que recebeu dos seus mestres.

Os *Acharnianos* foram representados em 426. Escripta durante a guerra em que então andavam Athenas e Lacedemonia, essa comedia satirica tinha por objectivo ridicularisar os generaes athenienses Cleon e Lamache, partidarios da guerra, ao passo que, segundo o poeta, o povo desejava ardentemente a paz. N'uma serie de scenas burlescas, Aristophanes oppõe a Lamacho, que volta estropiado de uma batalha, um simples cidadão, Diceopolis, que, tendo concluido com Sparta, uma tregua de trinta annos, vive na alegria e na abundancia.



ARISTOPHANES

Os *Cavalleiros* é a mais ousada das comedias de Aristophanes e foi representada em 424. Partidario decidido da paz e de um governo conservador, arremette com Cleon, o poderoso demagogo a quem põe em scena com o proprio nome. Ridicularisa as pretensões de Cleon, a sua grosseira ignorancia, as intrigas e as baixas adulações pelas quaes soube conquistar a benevolencia do povo atheniense, ali personificado com os traços do pobre diabo Dêmos. O titulo da peça vem dos *cavalleiros* que compõem o côro. Eram os inimigos de Cleon, os seus adversarios politicos, os representantes da tradição, a classe illustrada e abastada. Assim Aristophanes poupa-os a elles com tanta prudencia como exagera a violencia nos ataques dirigidos a Cleon. Pela audacia da concepção e veia satirica, *Os Cavalleiros* são a obra prima da comedia politica.

As *Nuvens* foram representadas em 423. N'esta comedia, Aristophanes ataca a educação nova, principalmente a sophistica, a qual elle accusava de destruir a noção do bem e do mal e que elle personificava em Socrates. A satira é de um comico poderoso. A acção passa-se em frente da casa de Socrates. Strepsiade lamenta-se das dissipações de seu filho, Phidippide. Ouviu dizer que ha uma escola onde se aprende a converter em boas as más causas, e quer levar ahí o

filho para que se inicie na arte do raciocínio capcioso; isto ser-lhe-ha extremamente útil para pagar aos seus credores com más razões, em vez de lhes pagar com dinheiro. Phidippide declara que não quer nem crear má côr nem emagrecer na escola, que os seus amigos cavalleiros o desprezariam; Strepsiade é o unico que bate á porta de Socrates. O côro, composto por nuvens, fortalece-o na sua resolução. Um discipulo do philosopho abre-lhe a porta e conta-lhe, do ensino que recebe na casa, uma multidão de coisas que maraviham o papalvo. Socrates apparece, descendo dos astros, n'um cesto; subira tão alto «para bem penetrar as coisas celestes». Explica a Strepsiade, embasbacado, que as nuvens são tudo, que dão ao homem os pensamentos e as distincções subteis, que alimentam os poetas, os philosophos, os charlatães, os astrologos. Strepsiade solicita que as nuvens lhe ensinem a arte de fazer raciocínios injustos e de não pagar as dividas. Desesperando de tirar qualquer coisa d'este insignificante, Socrates pede-lhe para levar o filho. Phidippide quer tambem reconhecer a arte dos bons raciocínios, á sua maneira; Socrates manda então chamar o Justo e o Injusto, encerrados n'uma gaiola como gallos de combate, e que travam uma discussão animada, parodia faceta dos dialogos socráticos. O Injusto bate o seu adversario, e Phidippide, que decorou bem a lição, repete os argumentos aos seus credores e ao proprio pae; mofa tão bem de uns como d'outros que Strepsiade, furioso por se ver vencido, larga fogo ao «instituto do pensamento» de Socrates, parodiando os mesmos argumentos do philosopho.

Accusam-se *As Nuvens* de terem determinado o processo e a execução de Socrates. O longo intervallo decorrido entre a data da representação, 423, e o julgamento de Socrates, 399, permite julgar a accusação injustificada. Entretanto é possível que a comedia preparasse a opinião publica para acolher mais tarde as calumnias de Anytos.

As Vespas representaram-se em 422. N'esta comedia Aristophanes quiz escarnecer da mania dos processos e das singularidades dos juizes; atacou especialmente o principio, então em vigor em Athenas, da tiragem á sorte dos juizes e do seu salario quotidiano, *triobolo*, que fazia dos tribunaes

o refugio dos preguiçosos. A personagem principal é um juiz ridiculo, chamado Philocleon, isto é, «amigo de Cleon», demagogo que contribuiu para desenvolver os tribunaes populares. O filho do velho, Bdelycleon «inimigo de Cleon», ligado ao partido contrario, quer impedir seu pae de comparecer e manda guardar a casa por escravos com espetos. O velho tenta baldadamente evadir-se fazendo-se ligar á barriga de um burro. Passa o côro, constituido por juizes disfarçados em vespas e munidos de lanternas; porque é ainda noite. Philocleon apparece á janella e informa-o da sua desventurada sorte. Trava-se um combate de palavras entre os juizes e os guardas do pobre homem de um lado, do outro entre Philocleon e Bdelycleon. Finalmente, Philocleon renuncia a ir ao tribunal, mas teima em julgar seja o que fôr, e o filho propõe-lhe submeter-lhe, nas devidas formas, os delictos domesticos. Apresenta-se logo uma causa que nem de proposito: o cão Labes acaba de roubar na cosinha um queijo da Sicilia—allusão ao general athe-niense Laches, que Cleon mandára processar por exacções commettidas na Sicilia—. As testemunhas são: um prato, um pilão, um ralador de queijo; os debates realizam-se com todo o apparatus oratorio; na sua atrapalhão, o juiz no momento em que vae lançar o seu voto na urna, engana-se e absolve o culpado. Cheio de despeito, renuncia ao logar e a peça acaba por uma dança desordenada. Racine imitou as *Vespas* nos *Plaideurs* dando o nome de «Perrin Daudin» á personagem creada por Aristophanes com o de Philocleon.

A *Paz* foi representada em Athenas em 421 durante a tregua que se seguiu á paz chamada de Nicias. Depois da morte de Brasidas e de Cleon sob as muralhas de Amphipolis, Nicias conseguira provocar uma apparente reconciliação entre as duas cidades inimigas; mas Alcibiades aspirava a recolher a herança de Pericles, e a guerra tornava-se necessaria para a realização dos seus projectos ambiciosos. Foi então que Aristophanes diligenciou prevenir uma ruptura imminente pondo de novo em scena, com a *Paz*, a these que já inutilmente sustentara quatro annos antes nos *Acharnianos*. A comedia apresenta numerosas personagens: um camponez da Attica, Trygeu,

suas escravas e suas netas; o deus Hermes; divindades allegoricas, a Paz, a Guerra, o Tumulto, o adivinho Hierocles; diversos negociantes e outros comparsas. O côro compõe-se de lavradores. A peça decorre primeiro defronte da casa de Trygeu, depois no céu, mais tarde n'um rincão do campo, em frente de uma caverna. Trygeu, montado n'um escaravelho, escala o Olympo e vae perguntar aos deuses a causa de todos os males que fazem gemer a terra. Hermes declara-lhe que a guerra se prepara para atormentar de novo a Grecia e que prendeu a Paz n'uma caverna. Ajudado pelos seus concidadãos, Trygeu consegue libertar a Paz. Celebra a sua victoria, apesar das recriações das pessoas que vivem da guerra: vendedores de capacetes, de couraças, de trombetas, de dardos, de penachos; e casa com Opóra, deusa da abundancia. Esta comedia, allegorica no seu conjunto, offerece um grande interesse historico.

As Aves fizeram a sua apparição em Athenas, em 414. Esta comedia que decorre nas nuvens, tem um tanto de magica e occupa um logar áparte no theatro antigo. Dois cidadãos, Peisthetairos e Evelpide, achando que tudo anda mal na terra, e especialmente em Athenas, decidem-se a ir viver com os passaros. Encaminhados por um gaio e por uma gralha, dirigem-se á pôpa. Esta, parente dos athenienses, antes da sua metamorphose, quando estava ainda em Teréa e reinava na Thracia, defende-os das outras aves. Os homens lembram aos passaros que outr'ora eram os senhores do ar e exhortam-nos a reconquistar esse imperio a Zeus. Edificar-se-ha para esse effeito uma cidade nas nuvens; *Nephelococcygia* — a cidade dos cucos —. O projecto é approvado; os dois

athenienses sentem logo que lhes crescem asas nas costas. Mas apenas a cidade está construida accorre ali uma turba de aventureiros — um arauto, um sacerdote, um poeta, um adivinho, um geometra, um corrector, um negociante de decretos, um synophante na esperança de encontrar alguma coisa para ganhar. São expulsos á bordoadá, e o côro dos passaros applaude. Depois do que, Peisthetairos acaba a construcção da cidade e dá-lhe leis. N'este meio tempo, *Nephelococcygia* intercepta na passagem as offerendas que os homens enviam aos deuses. O Olympo está bloqueado e morre de fome. Cada um por sua vez, Iris, Prometheu, Poseidon, Heraclio, veem protestar.

Finalmente, os deuses concluem um tratado com os passaros, e Peisthetairos casa com a Realeza.

Os commentadores teem, com frequencia, procurado ver nas Aves intenções de sátira politica ou uma parodia feita ás utopias sociaes tão queridas dos philoso-

phos. Estas interpretações são pouco verosimeis. Aristophanes parece que, nesta peça, deixou voar a phantasia; o que não o impede de, a proposito de qualquer coisa, motejar dos homens e das coisas.

Lysistrata foi representada em Athenas em 411, quando Athenas se encontrava envolvida n'uma guerra desastrosa. Nicias e o seu exercito acabavam de ser esmagados na Sicilia; Alcibiades, exilado, refugiara-se em Sparta e vingava-se da sua patria dando aos spartiatas excellentes conselhos. A paz impunha-se, e Aristophanes proseguiu a favor d'ella a argumentação que já principiara nos *Acharnianos* e na *Paz*; mas a nova comedia apresentou a sua these favorita de uma maneira mais travessa. A acção decorre em Athenas. Uma mulher, *Lysistrata*, quer



A PAZ E A GUERRA
(Quadro de Rubens)

obrigar os lacedemonios e os athenienses a reconciliarem-se. Reune as mulheres da Attica e das principaes cidades da Grecia, e faz-lhes jurar que não pertencerão a seus maridos até se concluir a paz. As mulheres apoderam-se da cidadella. Os homens depressa se encontram n'uma situação difficil. A de Lysistrata não é melhor para manter a disciplina entre as suas companheiras. Entra-se em negociações, concorda-se n'um pacto; Sparta e Athenas negociam um tratado; as portas da cidadella abrem-se; os maridos readquirem as suas mulheres e os povos gregos esquecem nos festins e nas dansas as suas longas inimidades. A comedia é de uma liberdade inaudita, mas cheia de graça e de chocarrice.

O assumpto da *Lysistrata*, adaptado com graciosa fantasia, ao gosto moderno, forneceu a Mauricio Donnay a materia de uma viva e deliciosa comedia, representanda no Grand-Théâtre de Paris, em 1892, tornada ainda mais mordaz pelo facto de Lysistrata, seduzida pelo general Agathos, ser a primeira a faltar ao seu juramento.

Não se sabe ao certo que entrecho desenvolveria Aristophanes na comedia as *Thesmophorias*, que data de 41. As thesmophorias eram festas que se celebravam em honra de Demeter themosphoro, deusa da agricultura e da ordem legal, e de sua filha, Cora thesmophoro, em Athenas, em Megaro, em Thebas, em Epheso, na Arcadia e em muitas outras terras gregas. As thesmophorias tinham principalmente por objectivo dar graças a Demeter depois das colheitas do anno e das sementeiras do inverno. São bem conhecidas as thesmophorias athenienses, realisadas de 9 a 13 do mez de pyanepsion, novembro, parte em Athenas, parte no dêmo Halimunte. Durante todo o periodo da festa, as mulheres deviam conservar-se abstemias e observar completa castidade. No primeiro dia, um cortejo das mulheres de Athenas conduziam solememente as estatuas das duas deusas e diversos objectos sagrados ao dêmo Halimunte, perto do cabo Kolias, a trinta e cinco estadios da cidade. Durante duas noites, as ceremonias succediam-se no thesmophorion de Halimunte. A 11, as mulheres voltavam a Athenas, onde a festa se prolongava ainda por tres dias. O dia immediato era de jejum e de luto. O derradeiro dia chamava-se kalligeneia, porque se

invocava Demeter com esse nome. Então effectuavam-se os banquetes femininos dos demos, acompanhados de jogos e de dansas, a miude voluptuosas como o *knismos*, o *oclasma*, o *chalpidikon diagma*. A festa terminava com um sacrificio ás deusas. Póde-se fazer idéa qual o partido que Aristophanes tiraria d'este thema.

O primeiro *Pluto* foi representado em 408, e d'esse nada sabemos. Durante a tyrannia dos «Trinta», uma lei, como atraz dissemos, prohibia no theatro a satira politica e pessoal, de que viveu muito especialmente a comedia antiga. Aristophanes modificou o seu *Pluto*, que foi representado n'esta nova forma em Athenas, em 338. A peça assignala uma era nova na historia da comedia grega, que se volta então resolutamente para a pintura dos costumes. O *Pluto* tem por assumpto a injusta partilha das riquezas. As personagens são: Pluto, deus da riqueza; Chremylo, burguez de Athenas e sua mulher; Carion, seu escravo; Blepsideme, seu amigo; a Pobreza; o deus Hermes; o sacerdote do Zeus; um sycophanta, etc. A scena passa-se em Athenas, defronte da casa de Chremylo. Pluto, deus cego, cahiu nas mãos de intrigantes de baixa esphera, e só concede os bens aos mais indignos. Chremylo vae pedir ao oraculo de Apollo que lhe indique um meio honesto de enriquecer: «Leva contigo, responde o oraculo, o primeiro individuo que encontrares.» Chremylo esbarra exactamente com Pluto; mas o cego nem por isso deixa de favorecer os velhacos. Chremylo condú-lo ao templo de Asklepios e obtem que lhe seja restituída a vista. Então Aristophanes faz-nos assistir á metamorphose completa de toda a engrenagem da vida humana; os tratantes perdem para sempre a esperanza de se enriquecer e a fortuna passa a ser o quinhão exclusivo das pessoas de bem. Existe no *Pluto* uma scena admiravel: aquella em que a Pobreza demonstra que é a inspiradora das grandes coisas.

As *Rans* foram representadas em 405. Obtiveram o primeiro premio e tiveram a honra muito rara de uma segunda representação. As *Rans* são uma satira muito viva ao theatro de Eurípides, que morrera pouco tempo antes na Macedonia. Aristophanes suppõe que o deus do theatro se inquieta com o desaparecimento do ultimo

dos grandes tragicos. Desesperando encontrar na terra um verdadeiro poeta, Dionysio decide-se a ir procurar um ao inferno. Ali, Eurípides pretende disputar a Eschylo o throno da tragedia. Em frente de Dionysio trava-se um concurso em regra entre os dois rivaes, polvilhado de bons ditos que traduzem em traços facetos uma crítica completa das duas concepções do theatro. Emfim, prova-se que Eurípides corrompeu a tragedia, os costumes e até a arte pela sua má sophistica, a sua licença e as suas innovações. E' trazida uma balança; dois versos de Eschylo pesam mais que toda a papelada de Eurípides. E' então Eschylo que Dionysio reconduz á terra; na ausencia de Eschylo, o throno da tragedia pertencerá a Sophocles. Ao lado d'esta critica systematica, e com frequencia justa, do theatro de Eurípides, a comedia contém outros elementos comicos e de interesse, sobretudo uma veia inexgotavel e cheia de fantasia onde sobresaie um admiravel intermedio de uma alta poesia religiosa, o côro dos iniciados.

A comedia *Assemblée de Mulheres* ou *As Palradoras* foi representada em Athenas em 393. As athenienses aborrecidas por verem os maridos dirigirem pessimamente os negocios publicos, resolvem tomar conta do governo. Dirigem-se uma manhan disfarçados em homens, á *assembleia*, e, por proposta de Praxagora, sua presidente, fazem lavrar um decreto que lhes entrega o poder; os homens não teem mais que se occupar d'isso. Blepyrus, marido de Praxagora, applaude essa resolução que o dispensa de ir ao tribunal e de trabalhar; sua mulher desenvolve-lhe o systema do governo: todos os bens serão communs; o pobre terá pão, farinha, chicharos á discreção; as mulheres tornar-se-hão propriedade commum, mas as mais formosas pertencerão primeiro aos mais feios, e os homens mais bonitos serão das mais feias. No acto seguinte veem-se apparecer dois cidadãos. Um, honesto, simples, quer levar o seu mobiliario ao deposito geral para obedecer ao decreto. Um segundo cidadão, egoista e astucioso, censura o visinho pela tolice; aconselha-o a esperar, porque, em Athenas, breve se esquecem os decretos. Não tarda que o arauto chame ao som da trompa os cidadãos ao banquete social; immediatamente, o espertalhão que não levou os seus moveis

ao armazem commum é o que se mostra mais apressado em assentar-se á mesa. N'outro quadro, apparecem uma velha e uma rapariga igualmente desejosas de se submeter ao decreto; espreitam os galanteadores da janella. A velha está pintada, perfumada; a outra é nova, formosa e não ostenta enfeites. Chega um velho, nenhuma das duas faz caso d'elle. Surge um rapaz, todas o querem para si; mas a velha com o decreto na mão afasta a rival. Uma segunda e terceira velhas disputam o desventurado galanteador á primeira. O pobre diabo deplora o seu destino. Apoz uma longa discussão, a mais hedionda e a mais edosa leva comsigo o mancebo.

Esta obra, cheia de philosophia, é a critica do communismo de Platão. Afóra algumas allusões, a politica foi d'ali banida quasi inteiramente; é uma satira das idéas, muito espirituosa e muito travessa.

Contemporaneos de Aristophanes existiram poetas comicos de merecimento, mas nenhum que o egualasse na envergadura, na observação e no sarcasmo. Apontaremos succintamente os de mais nomeada.

Ameipsias viveu no seculo v antes de Christo. Só nos restam alguns fragmentos das suas comedias. As duas principaes d'elle são o *Konnos* e os *Aldeões*, com as quaes ganhou o premio, embora Aristophanes tivesse concorrido com as *Nuvens* e as *Vespas*.

Callias era filho de Lysimacho. Foi contemporaneo de Cratino. Apenas possuimos fragmentos de seis das suas peças. Com relação a Cephisodoro succede exactamente a mesma coisa. Chionides escreveu no tempo das guerras medicas. Citavam-se d'elle algumas peças taes como: os *Heroes*, os *Per-sas*, ou os *Assyrios*, os *Pobres*.

Crates de Athenas é citado por Aristophanes nos seus *Cavalleiros*, mas dá a entender que o poeta estava morto por essa época. Crates principiara por ser actor; representou nas peças de Cratines. Depois escreveu por sua conta. Foi o primeiro a romper com as tradições da comedia politica. A exemplo de Epicharmo, atacou, não os individuos, mas os costumes. Com essa innovação, abriu caminho á *comedia média*, d'onde devia sahir a *comedia nova*, a de Menandro e de Philemon. A acreditar Aristophanes, todo o merito das peças de Crates residia na composição, na complicação

das scenas. A intriga era sempre muito enredada. Tambem Aristophanes, que não as perdoava a ninguém, diz epigrammaticamente que Crates divertira os athenienses com pouco custo, fazendo-lhe saborear as mais engenhosas invenções, sem se dar ao trabalho de as sanzonar. Possuimos alguns fragmentos das peças de Crates: os *Visinhos*, os *Heroes*, os *Animaes*, a *Lamia*, os *Jogos*, os *Oradores*, os *Samios*, as *Fanfarronadas*.

Cratino é um dos principaes representantes da comedia antiga. Parece ter-se estreado no theatro em 460. Morreu provavelmente em 422. Venceu Aristophanes no concurso de 423, e o mesmo Aristophanes, na *Paz*, 421, allude á morte recente do seu rival. Segundo o testemunho de varios escriptores antigos, Cratino desempenhou um papel importante na historia da comedia: augmentou o numero dos actores, aperfeiçoou a intriga e a encenação. Foi sobretudo elle quem produziu as primeiras obras primas. Como Aristophanes, atacava com inteira liberdade as instituições e as pessoas. Conservador decidido, perseguiu durante muito tempo com os seus sarcasmos a politica de Pericles. Folgazão como era, amigo do luxo e de passar bem, mesmo da «pinguinha», imprimia a todas as suas campanhas um arrebatamento extraordinario, uma veia admiravel. Foi nove vezes coroado em concursos, e escreveu vinte e uma peças muito variadas, a avaliar pelos titulos: os *Archilocos*, a *Nemesis*, os *Ulysses*, os *Chirons*, os *Trophonios*, as *Leis*, as *Horas*; os *Satiros*, as *Riquezas*, os *Effeminados*, etc. A sua peça mais celebre foi a ultima que compoz, a que, em 423, lhe deu a victoria sobre as *Nuven*s de Aristophanes. Tinha por titulo a *Garrafa*. O poeta justificava n'ella o seu gosto pelo vinho que o seu rival lhe censurara. Tambem foram muito apreciadas as poesias lyricas de Cratino, que se cantaram durante muito tempo nos festins.

Pouco se sabe de Diocles de Phlonte, do qual apenas se salvaram alguns fragmentos.

Epicharmo nasceu em Cos e morreu em Syracusa em 450. Foi muito novo para Syracusa, onde passou toda a sua vida. Na côrte de Hieron, conheceu sem duvida Eschylo, que exerceu sobre o seu talento grande influencia. Apresentou as suas primeiras comedias em 486, escreveu pelo menos trinta e cinco peças e morreu com noventa an-

nos. Foi um dos fundadores da comedia, na qual condensou os elementos agrupando as scenas ou os quadros satyricos em volta de uma intriga regularmente entretecida e desenlaçada. Tratou duas especies de assumptos: assumptos tirados da vida popular, e assumptos mythologicos. A' primeira classe pertencem as comedias intituladas: o *Camponez*, as *Rapinas*, os *Theoras*, a *Megariana*, o *Requintado*, as *Panellas*, etc., á segunda classe: as *Bacchahtes*, *Alcyon*, *Bustiris*, *Dionysio*, as *Bodas de Hebé*, a *Loucura de Hieraclio*, o *Cyclope*, *Ulysses transfuga*, as *Sereias*, a *Sphinge*, *Phitoceto*, *Chiron*, etc. Epicharmo gostava das sentenças, das questões ou das discussões philosophicas. Uma lenda fez d'elle um philosopho pythagorico; e attribuiram-lhe diversos escriptos pythagoricos, um tratado *Sobre a natureza das coisas*, obras sobre moral e sobre medicina.

Eupolis era filho de Sosipolis. Nasceu em Athenas em 446, e morreu em 411. Os gregos collocavam-no na primeira fila da comedia antiga, ao lado de Cratino e de Aristophanes. Aos dezesete annos fez representar a sua primeira peça. Foi de triumpho em triumpho e obteve sete vezes o primeiro premio. Amigo, a principio de Aristophanes, collaborou, diz-se nos *Cavalleiros*. Depois os dois poetas zangaram-se, atacaram-se nas suas peças e accusaram-se de plagiato. Eupolis afogou-se no Hellesponto no decorrer de uma expedição militar. Compoz umas quinze comedias, de que restam fragmentos assaz numerosos, entre outros, as *Cabras*, 423; o primeiro e o segundo *Autolycos*, 421 e 411; os *Aduladores*, 421; o *Maricas*, 420; os *Baptas*, 415, e outras peças de data incerta; os *Taxiarcos*, os *Dêmos*, as *Cidades*, etc.

Eubolo era filho de Euphranor, do dêmo de Kettos. Compoz cento e quatro comedias. Conhecemos os titulos de umas sessenta ou alguns fragmentos. Parece ter preferido os assumptos mythologicos e as parodias das tragedias, particularmente de Eurípedes.

Hegemon de Thasos, era tambem conhecido pela alcunha de *Phaké*, lentilha, por causa do muito que gostava de lentilhas cosidas. Evidenciou-se principalmente nas parodias ou poemas burlescos; Aristoteles chega a attribuir-lhe a invenção d'esse ge-

nero. A sua obra mais celebre era uma *Gigantomachia*, que o poeta recitava deante do povo, no momento em que se soube em Athenas do resultado desastroso da expedição á Sicilia.

Hermippo dedicou-se a hostilizar Pericles. Chegaram até nós uns quarenta fragmentos das suas peças, compoz além d'isso, duas collecções de lambos, que continham narrativas alegres e satiricas.

Leucon foi contemporaneo e rival de Aristophanes. Em 422 a sua comedia *Embaixadores* concorreu com as *Vespas* de Aristophanes; e, no anno seguinte, a sua peça *Confrades* disputou o premio aos *Aduladores* de Eupolis. N'estes dois concursos não obteve mais que o terceiro lugar. Suidas cita ainda, entre as obras de Leucon, o *Burro dos ódres*.

Magnes era contemporaneo de Eschylo. Aristophanes fala d'elle nos seus *Cavalleiros*. Magnes primava no genero jocoso. Ganhava varias vezes o premio. Aristophanes, ao que parece, aproveitou-se de muita coisa d'elle. Possuimos, com o seu nome, alguns fragmentos de uma authenticidade duvidosa, e o titulo de varias das suas comedias: os *Passaros*, os *Tocadores de alaúde*, os *Lydios*, as *Rans*, *Dionysio*, a *Jardineira*.

Moschion compoz varias comedias e tragedias, e, entre outras, as peças historicas intituladas *Themistocles* e os *Habitantes de Pheres*.

Myllos foi um dos mais antigos representantes da comedia áttica. Segundo Eustatho, era ao mesmo tempo actor e auctor. N'uma das suas peças representava um surdo que, apesar da sua enfermidade, ouvia o que se dizia deante d'elle; d'ahi nasceu o proverbio grego: «Myllos ouve tudo».

Segundo uma tradição mais ou menos

authentica, Pherecrate foi primeiro comediante, representou peças de Crates e depois escreveu comedias. Arredou das suas peças a satira grosseira e as allusões pessoas injuriosas. Primava na zombaria fina e delicada, e o seu estylo era de uma grande elegancia. Inclina-se para a comedia de costumes, procurava assumptos novos, a miude, muito fantasistas. A sua peça mais celebre, os *Selvagens*, foi representada em 420. Era uma espirituosa satira contra os devaneadores, que gabavam o estado da natureza. Outras peças de Pherecrate intitulavam-se: os *Transfugas*, as *Velhas*, o *Preceptor d'escravos*, os *Menores*, os *Homens-formigas*. Pherecrate foi o inventor do verso

designado por «phrecriatio». Ha d'este poeta numerosos fragmentos.

Algumas das primeiras comedias de Aristophanes foram representadas com o nome de Philonides. D'este poeta comico citam-se varias peças, de bastante valor.



PTOLOMEU PHILADELPHO DÁ A LIBERDADE AOS HEBREUS
(Quadro de Noel Coypel)

taes como: Os *Cothurnos* e o *Preludio*.

Platão, não o grande philosopho, mas o comediographo, foi contemporaneo de Aristophanes. Das suas vinte e nove peças, enumeradas por Suidas, só restam fragmentos. As principaes eram *Cleophon*, 405; *Thaon*, 391; *Tisandro*, 423; *Hyperbolos*, 415, etc.

Polyzêlo foi tambem contemporaneo de Aristophanes. Embora pertencesse á comedia antiga parece ter composto tambem algumas peças no gosto da comedia nova. Citam-se d'elle: o *Nascimento de Dionysio*, o *Nascimento da Aphrodita*, o *Nascimento das Musas*, *Demontyndaro*, etc. D'estas peças chegaram até nós alguns fragmentos.

Susarion, que, segundo a tradição foi um dos creadores da comedia, nasceu no burgo de Tripodiskos, na Megaride. Deu-se a conhecer em 570 e foi o primeiro que escre-

veu uma comedia em verso. Possuimos com o nome de Susarion um fragmento cuja authenticidade é duvidosa.

São estes os escriptores da comedia antiga grega do seculo v antes da nossa era, cujos nomes chegaram até nós. Agora vejamos quaes são os do seculo iv.

Temos em primeiro lugar Anaxilas, contemporaneo de Demosthenes. Das suas numerosas comedias só nos restam pequenos fragmentos.

Nicochares, filho do poeta comico Philonide, foi um dos concorrentes de Aristophanes, no concurso de 388: ao *Pluto* do seu rival, oppoz os seus *Laconios*. Conhecemos os titulos d'algumas outras das suas peças: *Agamemnon*, *Amymone*, os *Centauros*, os *Cretenses*, a *Deliana*, *Galathéa*, *Heraclio Chorego*, etc. Possuimos de Nicochares alguns fragmentos.

N'este seculo iv surgiu o grande espirito conhecido na historia da philosophia com o nome de Aristoteles. Natural da Macedonia, pois nasceu em Stagira em 384, morreu em 322. Não nos alongaremos na sua biographia, extensissima e que não pertence a estudo que nos propuzemos compilar. Aristoteles não escreveu para o theatro, escreveu sobre o theatro, e com tão assombroso conhecimento de causa que a sua influencia foi preponderantemente radical. A tragedia e a comedia deveram-lhe immenso.

No seculo iii indicam-se como escriptores da comedia antiga Baton, que alguns appellidam sem razão Battos; dedicou-se a zurzir os philosophos do seu tempo; temos fragmentos d'algumas das suas peças, taes como: os *Etolios*, o *Assassino*, os *Bemfeitores*, o *Ludibriador*, etc. Machon, nasceu em Sycione ou em Corintho; viveu em Alexandria, no reinado de Ptolomeu Philadelpho; segundo Atheneu foi um dos poetas mais notaveis da *pleiade* alexandrina, e foi o

mestre de Aristophanes de Bizancio; possuimos d'este poeta alguns fragmentos de duas comedias: a *Carta*, a *Ignorancia* e uma collecção de *Maximas*, em versos iambicos, de fórma elegante. Sopatros morreu no tempo de Ptolomeu Philadelpho; compoz numerosas comedias que se perderam; conhecemos os titulos de uma duzia das suas peças, como os *Pretendentes de Bacchis*, a *Porta*, *Hippolyto*, *Orestes*, etc.; Atheneu conservou-nos alguns fragmentos d'ellas; Sopatros dedicava-se principalmente á parodia. Sositheu parece ter nascido em Ale-

xandria de Troade e vivido na Attica e no Egypto; tentou restaurar o drama satirico, transformando-o um pouco; temos de Sozitheu um fragmento de vinte e quatro versos, que pertencia a um poema intitulado *Lytierse* ou *Daphnis*, especie de drama pastoral, que se approximava do drama satirico dos athenienses.

A accrescentar a estes escriptores do seculo iii temos Dercyllos; compoz varias obras scientificas e historicas e um tratado sobre o drama satirico; tambem não temos d'elle mais que

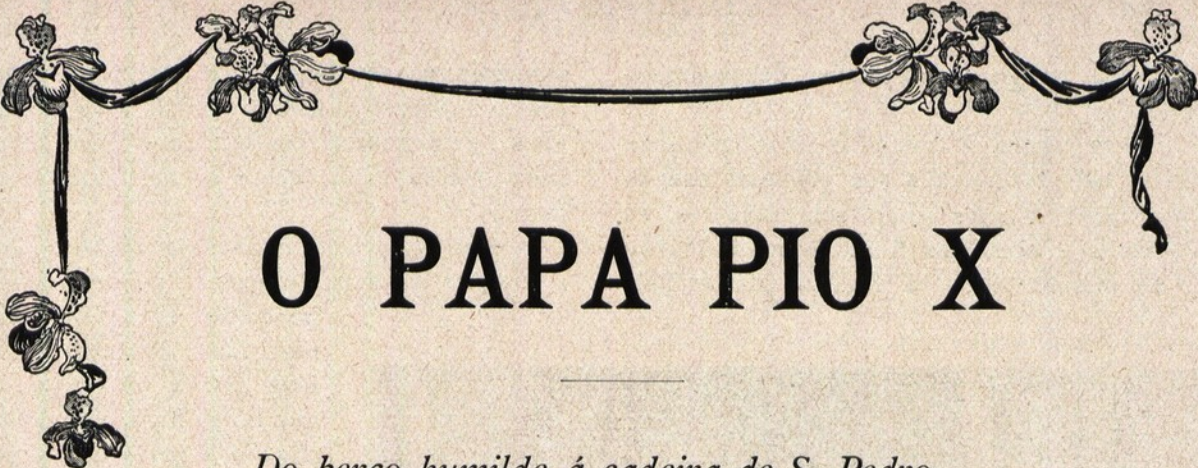
diversos fragmentos.

Temos falado aqui diferentes vezes na *pleiade*, nome dado, como todos sabem, por allusão á lenda das sete filhas de Atlas, a um grupo de sete poetas contemporaneos, unidos por laços de amizade, ou por comunidade do genio e dos labores. A primeira *pleiade* ascende ao período alexandrino e comprehende Lycophron de Chalcis, Alexandre, o *etolio*, Philisan de Corcyro, Homero de Bizancio, Sositheu de Alexandria, Sosiphanes de Syracusa e Aeantides ou Dionysiades de Tarse, que viveram no tempo de Ptolomeu Philadelpho. Houve depois outras *pleiades* de que mais adiante trataremos.

Até hoje, Aristophanes ainda não encontrou um émulo que o apeasse do pedestal a que o seu talento o elevou.



ARISTÓTELES



O PAPA PIO X

Do berço humilde á cadeira de S. Pedro.

Na escola, na parochia, no bispado, no sacro collegio e no throno pontificio.

O dia official e intimo de Pio X. Prophecias e anedotas.

(CONCLUSÃO)

Giuseppe Sarto na cadeira de S. Pedro — Ecce Sacerdos Magnus

Está portanto pontifice, desde o dia 4 de agosto de 1903, o prelado que se não julgava *papabile*, dizendo ser apenas um *cardinale di campagna*, e que na sua *cella* n.º 57 do Vaticano — a do cardeal patriarcha portuguez D. José Netto, quasi seu visinho, tinha o n.º 59 — pensava apenas dar o seu voto áquelle que tivesse hombros potentes para recolher a pesada successão de Leão XIII! Se o modesto Giuseppe não foi propheta de si mesmo, outros o foram: é da praxe; e os biographos encontram sempre rasto de taes prophecias. Um dos de Pio X refere que certo leigo da Companhia de Jesus, de nome Tacchini, indo apresentar-se ao bispo de Mantua — José Sarto — no desempenho de melindrosa missão, beijou-lhe o pé, coisa que, como todos sabem, só é do estylo fazer-se ao Pontifice.

Naturalmente, Mons. Sarto inquiriu a razão d'esse procedimento.

— Faço-o, respondeu Tacchini, porque Mons. Sarto será um dia cardeal patriarcha de Veneza e depois papa.

Devia ser uma scena curiosa, aquella em que o Tacchini se apresentou a Pio X e lhe beijou a pantufa, d'esta vez, consoante o rito, sem temor de offender a modestia do *sacerdos magnus*!

Outro propheta, tambem authenticado:

Quando Mons. Sarto, bispo de Mantua, foi nomeado cardeal e patriarcha de Veneza, achava-se o padre Bernardino de Portogruaro, que mais tarde foi arcebispo de Sardica, no collegio de S. Boaventura, em Quavachi. Mal ouviu a nomeação, o padre Bernardino, que conhecia muito bem o novo purpurado, disse na presença de todos os seus religiosos: *Este será o futuro papa!*

Ainda outra propheta authentica (segundo o biographo Marchesan):

Monsenhor Agnoletti fôra collega de José Sarto no seminario de Treviso. Nomeado este cardeal e patriarcha de Veneza, monsenhor Agnoletti foi cumprimentar o seu antigo collega no professorado e disse-lhe:

— Eminência, venho em meu nome e no dos meus collegas do seminario a beijar-lhe a sagrada purpura pela ultima vez.

— Pela ultima vez? observou surpreso o patriarcha.

— Sim, porque um dia irei a Roma beijar-lhe a pantufa.

— Que idéa essa! Eu papa! disse o cardeal.

— Sim, Eminência.

O cardeal sorriu-se bondosamente, muito longe de pensar que ouvira um verdadeiro vaticinio.

Quando, já papa, viu Mons. Agnoletti prostrado a seus pés, ergueu-o com bondade, olhou-o fixamente, sorrindo com certa melancolia, ao recordar a propheta feita

pelo seu antigo companheiro de professorado.

Sabem agora a quem o novo pontifice enviou sem tardança a sua primeira bênção apostolica? A suas irmãs sobreviventes, ás modestas e bondosas Rosa, Anna e Maria, e, do mesmo passo, á familia patriarchal!



SUA SANTIDADE PIO X DEITANDO A BENÇÃO SOLEMNE

Veneza recebera a noticia com summa satisfação, posto sentisse por outra parte a ausencia do seu prelado, sempre tão bom, tão conciliador, e sobretudo tão caridoso com a pobreza. E, circumstancia que põe bem em relêvo a elevação de character de Pio X: não esquecendo a sua origem popular, a

modestia do seu berço, elle que podia conceder nobreza a suas irmãs, a seus sobrinhos, nem pensou em tal. José Sarto bem sabe que tudo na vida é breve, transitorio, inane.

N'uma das praxes rituaes que seguem logo a eleição do papa, o mestre de cerimoniaes pontificio leva na mão uma haste prateada, com uma pouca de estopa. a que larga fogo, e, voltado para o vigario de Christo, enquanto a chamma agonisa, canta em tom grave e lento:

Pater Sancte, sic transit gloria mundi! Assim passam, com effeito, as glorias do mundo — como estopa que arde. Que ha, pois, de substancial na vida? A bondade, a consciencia pura, a consciencia do dever cumprido, a de se ser util aos fracos, aos menos bem aprestados para as luctas da vida! Em Roma, como em Veneza, como em Treviso, como quando era parochinho de Salzano, sempre com a imagem de S. Francisco de Assis no coração, a mão de Sarto espalha beneficios sem suppôr que tenha de fechar-se por falta da moeda com que se podem remediar infortunios. No dia da sua eleição, logo os pobres de Roma foram contemplados com 100:000 libras, sendo 5:000 destinadas ás cozinhas economicas da mesma cidade. Soccorros materiaes e palavras da mais santa e repassada conso-

lação, os espalhou igualmente o pontifice pelas dioceses de Treviso e de Veneza, quando terriveis calamidades levaram a miseria e o luto a muitas povoações d'aquellas dioceses. Para o povo é sempre a sua palavra de guisa que toca todos os corações, porque não se esquece da sua origem popular,

como não se esquece de que veio do ultimo grau da hierarchia ecclesiastica. O seu verbo, ou vá direito ao clero ou ás camadas mais simples da sociedade, é sempre de quem póde dizer, como elle: *Vi, senti, partecipei* de todas as desventuras. Nem se esquece do que Leão XIII recommendava a todos: *Ide ao povo*.

Na sua vida intima, a simplicidade é a regra de conducta. Discordante do seu antecessor que comia sózinho, Pio X não se dedigna de comer em companhia dos seus

aos jardins para dar o seu passeio e tomar um pouco de ar fresco, como o fazia no Lido de Veneza. Os catholicos da America do Norte offereceram-lhe um automovel ricamente ornamentado, maravilha de machinismo e de conforto, para S. S. dar os seus passeios pelos jardins do Vaticano. Pio X gabou o presente riquissimo, agradecendo aos seus admiradores a delicadeza da offerta. O automovel, porém, jaz no museu do Vaticano: Sua Santidade mantém as tradições dos seus dois antecessores.

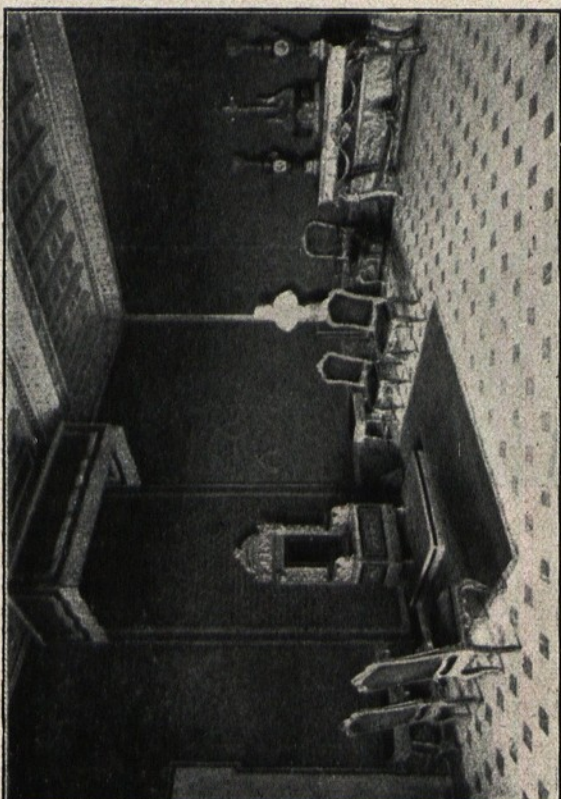
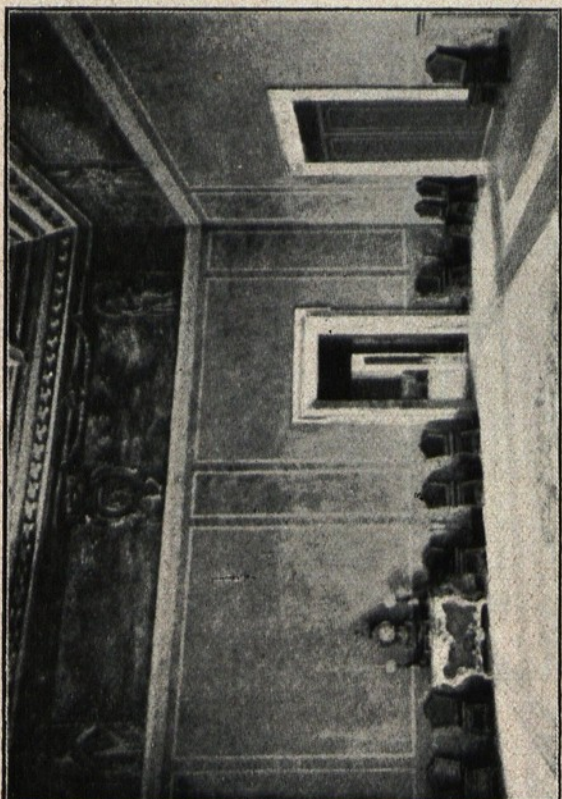
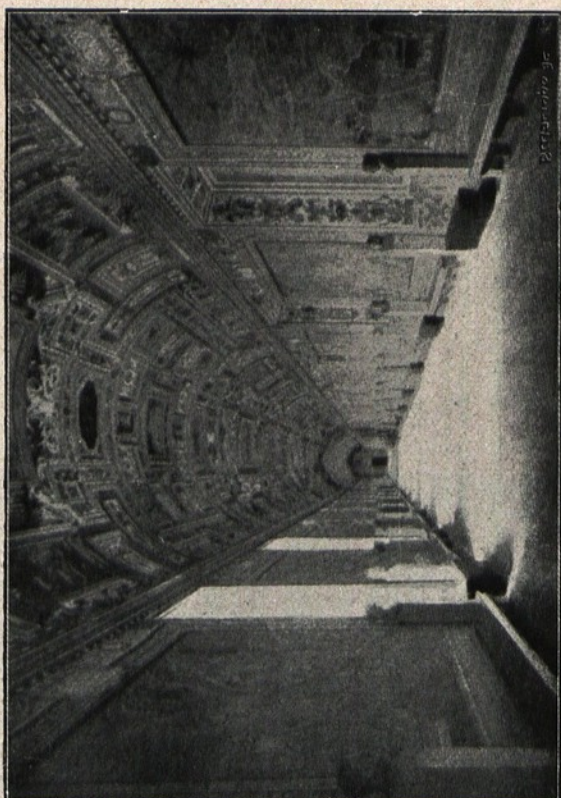
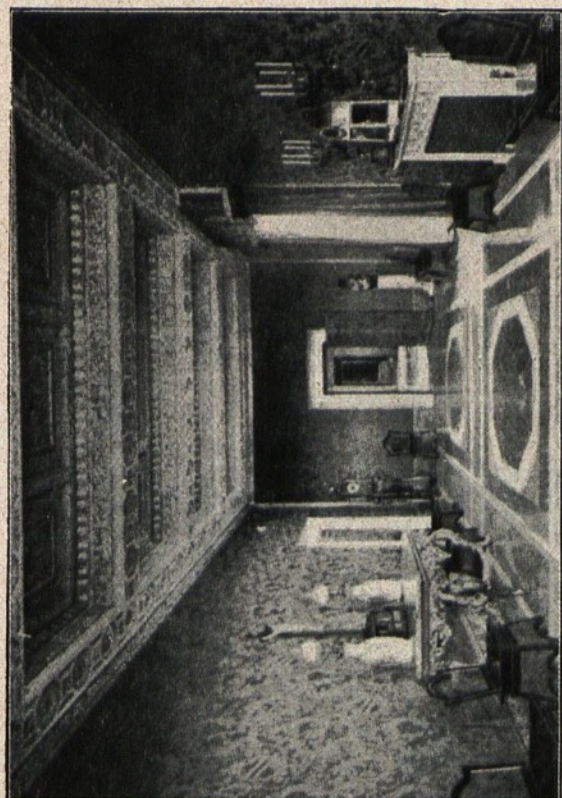


INTERIOR DA BASILICA DE S. PEDRO

familiares. O seu passadio é em extremo frugal. Fóra dos momentos consagrados ao descanso do corpo e do espirito, Pio X póde dizer que trabalha sempre e sempre. A's 5 da manhã, no estio, ou ás 5 e meia se é inverno, S. S. está já a pé. Pouco depois, e assim o pratica diariamente, diz missa em que é ajudado por um dos seus capellães intimos. Passa em seguida aos seus aposentos particulares e toma uma simples chicara de café.

Quando faz bom tempo, ou é verão, desce

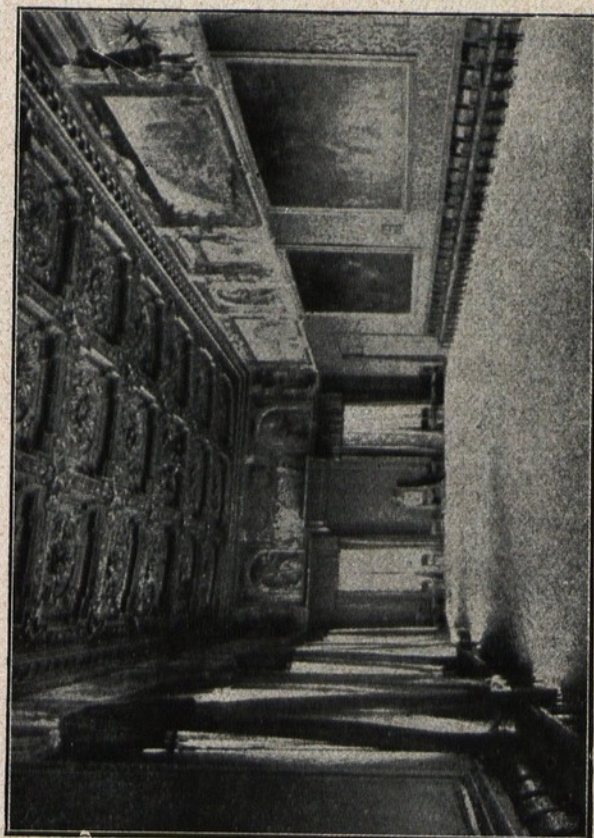
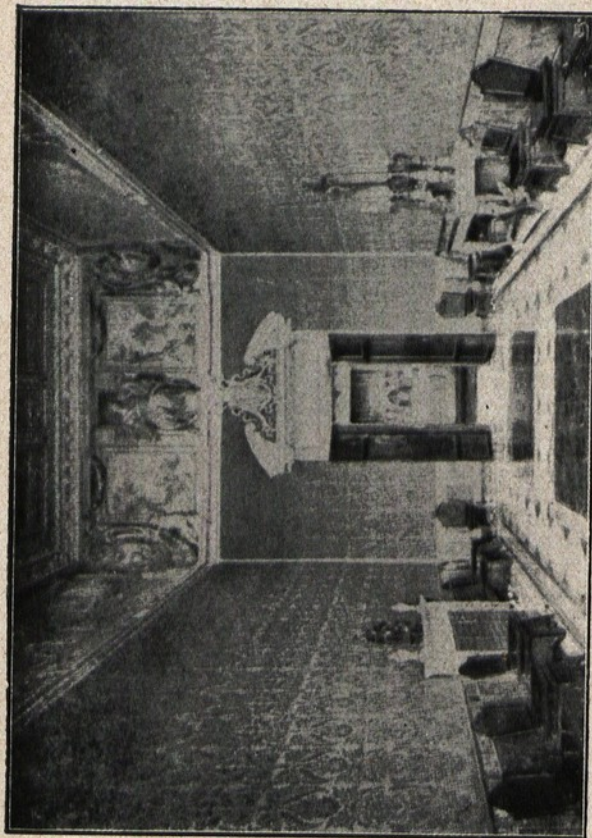
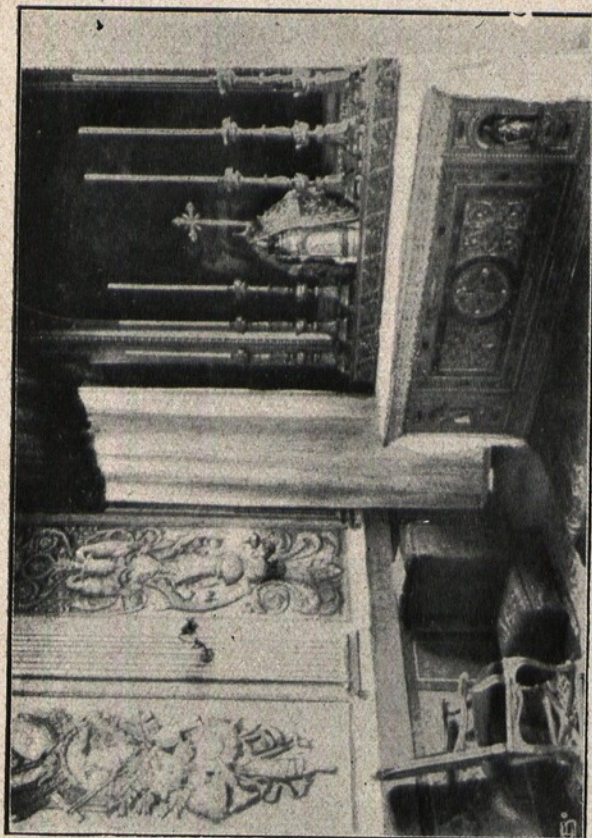
De volta ao seu gabinete de trabalho, já lá o espera a correspondencia diaria, numerosissima e de grande responsabilidade. Depois recebe, consoante a rotação estylada, os relatorios das diversas congregações. Não lhe passará despercebida qualquer falta de ordem e de precisão, qualidades que teem sido sempre o timbre da sua existencia. Terminado esse trabalho fatigante, recebe o secretario d'Estado, recepção que, como é facil suppôr, tem uma alta e delicadissima importancia. No fim d'esta recepção come-



çam as visitas officiaes, as visitas particula-
res ou as marcadas, Audiencias fixas teem-nas
o mórdomo, o cardeal-prefeito das congrega-
ções, e outros altos funcionarios. São sem

numero depois as visitas especiaes de bispos,
de prelados, de embaixadores, e dos fieis de
todas as nações. N'estas audiencias, S. S.
mostra interessar-se, com particular zelo,

APOSENTOS PONTIFICIOS — PRIMEIRA ANTECAMARA, ANTECAMARA SECRETA, SALA DO THRONO PEQUENO E GALERIAS DAS CARTAS GEOGRAPHICAS



APÓSNTOS FONTIFICIOS — SALA DA CAPELLA, CAPELLA DE SUA SANTIDADE, SALA DO CONSISTORIO E SALA CLEMENTINA

por todos e por tudo. A sua bella memoria muito o auxilia em taes conjunturas.

Quando toca para o jantar, S. S. toma a sua refeição que é, já o dissemos, frugal.

Pelas duas horas retira-se para os seus aposentos particulares, onde se conserva até á hora das audiencias em commum, a qual varia segundo a estação. Repousa depois um

pouco, passando então a ler o breviário e a retomar as suas occupações; mais tarde, se lhe é possível, dá um passeio pelas galerias, recebendo no seu trajecto algumas pessoas que desejam apresentar-lhe as suas homenagens. Terminado o passeio, guardas postados ás portas das passagens internas, impedem o transito de quem quer que seja, e d'esta maneira, em plena liberdade, o papa dá um pequeno passeio conversando com o seu secretario particular e com pessoas da sua familiaridade.

Este passeio não dura muito. De volta aos aposentos particulares, o pontifice

te, commentando os acontecimentos do dia.

Já acima dissemos que o papa se absteve de conferir nobreza ás suas irmãs — o que podia fazer — afastando-se assim da tradição seguida geralmente pelos pontifices. A reforçar ainda este proposito de conservar os parentes nas suas posições, por muito modestas que ellas sejam, vemos n'uma correspondencia de Roma para o *Diario de Noticias*, este episodio, absolutamente concordante com o que os biographos narram do actual pontifice:

«Como é sabido, em Riese — a humilde aldeia «del Véneto», em que nasceu Pio X



SUA SANTIDADE PIO X COM A SUA CÔRTE

torna ao trabalho interrompido que se prolonga até ás 8 e meia ou 9, em que S. S. faz a visita ao Santissimo Sacramento, diz o rosario, ceando depois — coisa bem simples: um pouco de sopa e ás vezes um pouco de vinho. Mas não vão imaginar que o chefe da christandade fica ocioso após a ceia; trabalha ainda deitando-se ás vezes tarde de mais para quem passa o dia tão occupado...

Mas, em regra, Sua Santidade deita-se ás 11, depois de haver conversado uma hora com suas irmãs ou com os seus secretarios, e folheado os periodicos da noi-

— os parentes do Padre Santo, por expresso desejo deste — não variaram em nada nem os seus costumes, nem as suas occupações e por isso continuam ainda dirigindo a modesta «Posada y fonda das tres espadas», estabelecida em meados do seculo passado, por um individuo da familia Sarto.

Pois bem, até ha bastantes annos — quando o actual Pontifice era ainda arcebispo de Mantua — os Sarto achavam-se em condições economicas florescentes, sendo a sua «Posada y fonda», o seu albergue modesto, cada dia mais concorrido.

Porém, n'estes ultimos annos, a incessante



SUA SANTIDADE PIO X PASSEANDO NOS JARDINS DO VATICANO

propaganda socialista alcançou também Riese
— com todo o vento — convertendo a maioria

dos seus habitantes em socialistas e anti-
clericales furibundos, e d'aí provém que o

albergue da família Sarto — depreciadora-mente chamada agora «a Taberna do Papa» — se tenha visto pouco a pouco abandonada completamente pelos seus antigos freguezes, causando a ruina dos seus proprietarios a tal ponto que, na feira de novembro ultimo, tiveram que declarar-se fallidos!

Por fortuna, o Padre Santo, informado opportunamente da penosa situação em que se encontravam seus irmãos, sobrinhos e primos, acudiu a tempo em seu auxilio, mandando-lhes uma importante somma do seu bolso particular, com a qual não só elles puderam evitar a quebra e ter que fechar as portas do estabelecimento, mas até tiveram meios sufficientes para reformar o «albergue», augmentar-lhe o conforto... e os apetitosos pratos do «menu», conseguindo assim começar a vencer, por meio da gula e do individualismo... os graves prejuizos causados na sua modesta própria propriedade pela difusão... do «socialismo» e do «anti-cle-ricismo!» Raro exemplo de bom senso!



QUARTO DE DORMIR DE SUA SANTIDADE PIO X

O mesmo correspondente que parece possuir informações seguras do que se passa a dentro do Vaticano, teve a curiosidade de ir a Riese, a aldeia onde Pio X viu a luz do dia, e ouviu da bocca de um velho esta anedota que não deixa de ser interessante:

— «O actual Padre Santo e eu — contou-me o veneravel ancião — percorriamos to-

das as manhãs, a pé, dez kilometros para ir ao collegio de Riese, a povoação proxima de Castelfranco.

Dêmos esse passeio diario durante dois annos e depois, deram a meu primo Papito (Pio X) um burrito e então já elle fazia esse tracto no seu burro.

¡ Oh que bem me lembro ainda d'aquelles tempos!

E tambem me lembro das vezes em que Papito e eu iam roubar maçãs na horta de um aldeão que se chamava Domingos! Nessa época, tinhamos oito annos! Eramos uns garotos tresloucados!...»

Não é aqui o logar adequado a juizos criticos ácerca da personalidade pontificia, que hoje dirige os destinos da christandade. Pode-se dizer, quando muito, que Pio X — e o titulo que tomou em sequencia de Pio IX o indica — é um papa mais *religioso* que politico e diplomata. Disciplina ecclesiastica indefessa e respeito á letra e espirito da lei e da tradição religiosa — eis as

suas principaes preoccupações. Restabelecendo a musica sacra dos tempos mais severos do *canon*, e proscrevendo da igreja musica mais theatral que religiosa, revelou-se n'esse facto um cultor da boa tradição. Avêssao *modernismo* que na Italia, como na França, como na Allemanha apaixonada e agita grandes espiritos catholicos, não transige; e onde Leão XIII metteria a sua *mão de velludo* para persuadir, para auxiliar uma honrosa ou habil retratação, Pio X, sereno, mas imperativo diz: «ou dentro da igreja, ou fóra da igreja».

Talvez que o rompimento da França explodisse alguns annos mais tarde, se Leão XIII tivesse de se haver com os ministros francezes, na crise que determinou a abrogação da «Concordata». Talvez. Mas a historia não se faz com hypotheses; e nem é facil saber ainda, se a attitudo sem ambages de Pio X nas questões de *dogma* e sua interpretação, na manutenção do espirito

religioso, e na politica, por vezes rigida, avessa a subtilezas de calculada diplomacia, — e a que bem caberia o nome de *politica de linha recta* —, corresponde absolutamente ás aspirações e interesses espirituaes da Christandade...

Pensando assim, quer um acaso de memoria que surjam á nossa analyse estas palavras bem significativas da allocução de Leão X, no seu primeiro Consistorio, em 9 de novembro de 1903, e dirigidas aos novos purpurados, entre os quaes monsenhor Giuseppe Callegari que fôra seu superior em Treviso:

«Mas se fôr mister que entremos n'uma luta necessaria pela verdade, abracemos carinhosamente os inimigos e os adversarios da verdade, pelos quaes devemos sentir grande compaixão, recommendando-os com as lagrimas nos olhos á divina benignidade. Porque, se é lei santissima do Pontificado Romano approvar e defender tudo quanto é verdadeiro, justo e recto, e detestar e afastar d'elle tudo quanto é falso, injusto e erroneo, não menor é o dever de ser largo de misericordia e de perdão para com os transviados, á semelhança do seu Fundador, que prégou a *favor dos transgressores*. Porque Deus que devia conciliar em si o mundo, por meio de Christo, quer sobretudo por meio do Pontificado Romano, na sua qualidade de Vigario de seu Filho, tornar perpetuo o ministerio da reconciliação, a qual por conseguinte deve ser dependente da sua auctoridade e juizo. Certos pois de que seja a vossa tarefa, pelo que nos toca, reconciliarmos com quem quer que seja, saibamos, porque esse é o nosso dever e officio,

luctar contra o erro, contra a injustiça e contra a perversidade, pois d'aquelle officio deriva o dever de estender a todos essa fraternal benevolencia.»

Porque motivo invocamos nós estas palavras tão sensatas da allocução de Pio X, pouco tempo depois da sua eleição ao Pontificado? E' porque infelizmente, alguns pas-



GABINETE DE TRABALHO DE SUA SANTIDADE PIO X

tores catholicos, lançando-se em luctas que pouco se compadecem com o ministerio de cuidar das almas conduzindo-as á virtude, ao amor do proximo, ao bem, esquecem aquellas palavras, analogas ás que Leão XIII tantas vezes repetiu ao referir-se á imprensa religiosa, isto é, aos defensores do catholicismo, n'essa tribuna que deve ser toda persuasão, carinho e paz.

Iremos longe de mais, avançando que a linguagem systematicamente apaixonada e facciosa d'aquelles pregoeiros do Evangelho, tende antes a tornar mais funda a divergencia entre as ovelhas e os seus pastores, sem ganho para a religião de Jesus Christo, toda amor, toda paz, toda consolação, toda dignidade?

S. B.



Rôxo

*Rôxo, Viuvez. Tons vagos, soledade...
Luto que vae a dissipar-se apenas:
Rôxo, côr suggestiva das gangrenas
Que a alma de escuras impressões invade.*

*Rôxa é a Dôr, e bem, rôxa a Saudade.
Ama o rôxo quem tem maguas e penas:
Assenta em todas, loiras e morenas,
Crianças ou moças, em qualquer idade!*

*Côr de vagos e estranhos symbolismos
Desde o lilaz á escura côr dos goivos,
Rôxas macerações dos mysticismos!*

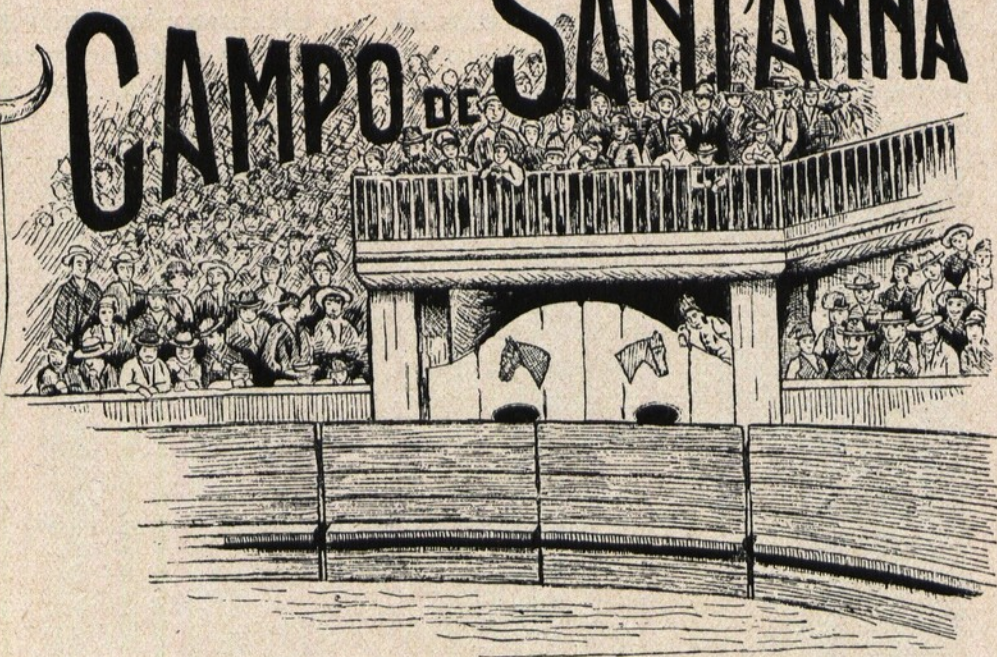
*Côr pisada, côr violaceã das olheiras
(Oh! aquelles maguados olhos noivos!)
Das amadas, das viúvas e das freiras!*

S. Paulo (Brazil).

RAUL DO VALLE.



CAMPO DE SANT'ANNA



Recordações de então

VI



o tratarmos do toureio a pé, vem a proposito descrevermos, embora ligeiramente, a antiga *toilette* do bandarilheiro, que tanto differe do elegantissimo traço usado agora.

Compunha-se então este, de uma jaqueta de chita com varios desenhos, calção branco de lã feito de malha com borlas côr de rosa, e meias ordinarias de qualquer côr. Aos hombros traziam uma especie de dragonas, presas com alfinetes. O calçado consistia em sapatos ou chinelos, conforme o gosto do individuo.

A cabeça andava quasi sempre a descoberto mas bem penteada; e quando assim não era amarravam-lhe um lenço branco, encarnado ou preto, que vinha prender-se á nuca.

Os artistas que fumavam, não tinham duvida em o fazer mesmo quando andavam toureando; e se o cigarro se apagava, ia o resto para traz da orelha!

Que differença entre os costumes d'esse tempo e os de agora!

Mas se o traço fez progressos no respeitante á elegancia e apresentação do artista na arena, outro tanto não succedeu com o espectáculo, que vae decahindo a olhos vistos!...

Os fatos ricos, usados actualmente, foram introduzidos por Peixinho filho e pelos irmãos Robertos. A *montera* ainda veio depois, apparecendo pela primeira vez na corrida effectuada no dia 13 de junho de 1878.

Como já dissemos n'outro artigo, o grupo de bandarilheiros portuguezes que inaugurou a praça do Campo de Sant'Anna era composto de Antonio Roberto, Joaquim Ferreira Grillo, Antonio Bacharel, Joaquim Emygdio Roquete e José Maria Mendonça.

Depois appareceram Manuel Calabaça (pae de João Calabaça), Manuel Vargas,

Antão da Fonseca e Luiz Antão (irmãos de Antonio Roberto), José e João Pedro da Herra, João Maia, José de Sousa Cadete, João Barbeiro, Joaquim Russo, João Roberto (filho do já citado Antonio Roberto), Antonio Faria, Manuel Botas e Peixinho pae. D'estes, a historia pouco nos disse. De Cadete, Botas e Peixinho, já tivemos occasião de nos occuparmos.

Hoje proseguimos na tarefa de recordar os artistas que, depois, com mais ou menos valor ligaram o seu nome á *terra da promessa* dos toureiros portuguezes, como com certa propriedade lhe chamou um illustre critico contemporaneo.

João Roberto, primeiro do nome, era o filho mais velho de Antonio Roberto. Foi quem incitou seus dois irmãos, Vicente e Roberto, a seguirem a ariscada arte.

Foi um toureiro de valor, sem comtudo ter tempo de se evidenciar verdadeiramente, pois um desastre na caça, succedido nas proximidades de Samora Correia, victimou-o quando contava apenas trinta e tres annos de idade.

O desventurado artista nasceu em Salvaterra a 8 de fevereiro de 1827 e falleceu em 1 de janeiro de 1860, legando á arte um filho com o mesmo nome e de quem adiante trataremos.

Que nos conste, não deixou nenhum retrato.

Vicente Roberto da Fonseca foi um toureiro distinctissimo, e dos mais considerados pelos collegas do seu tempo. Nasceu em Salvaterra de Magos em 28 de outubro de 1835.

Coadjuvado nos seus principios por esse grande vulto que se chamou conde de Vimioso, de quem recebeu proveitosas lições

e captivantes brindes, Vicente Roberto criou um nome solido na tauromachia portugueza como poucos toureiros lograram alcançar.

Respeitado e consideradissimo pelos seus collegas, que viam n'elle não um companheiro mas um mestre de raro saber, bandarilhava na perfeição, era exímio na *sorte de gaiola*, que executava muito em curto e com extrema facilidade, salientando-se, tambem, pela fórma quasi mathematica como preparava e rematava os *quites*.

Vicente Roberto honrou ainda com o seu nome, por muitos annos, os cartazes da nova praça do Campo Pequeno, e alli toureou pela ultima vez na tarde de 19 de julho de 1894.

O seu passamento occorreu a 1 de junho de 1896, na mesma villa que o viu nascer.



UM BILHETE

E' tal a semelhança do perfil, que falar de Vicente Roberto o mesmo é que apreciar Roberto da Fonseca. Senão, vejamos.

Como seu irmão Vicente, Roberto da Fonseca foi um lidador de rezes bravas distinctissimo. Tambem nasceu em Salvaterra, a 20 de outubro de 1840.

Ainda está na memoria de grande numero de aficionados as suas excepcionaes qualidades de bandarilheiro, que a todos entusiasmava. Com a muleta e o capote foi igualmente um artista muito apreciado, recebendo bastas vezes louvores, dos mais cotados espadas do visinho reino.

Coadjuvando a lide, e em especial a dos cavalleiros, foi o bastante para, só por isso, Roberto da Fonseca alcançar justo renome, visto que o seu capote estava sempre no lugar do perigo e onde se tornava necessario.

Roberto da Fonseca foi o que se pôde dizer um artista de incontestavel valor, indispensavel em todas as corridas, reunindo ao seu muito merecimento uma grande mo-

destia. Bastará lembrar que manejando a *muleta* com bastante arte, nunca fez uso d'ella quando a seu lado tinha um matador!

E ás vezes bastante instado foi por elles, que já lhe conheciam os seus recursos, e pelo publico, que tanto lhe queria!

Toureu com seu irmão Vicente touros desembolados em Badajoz e em Olivença, e tão brilhantemente se houveram que o publico prodigalisou-lhes uma das maiores ovações que se teem feito n'aquella praça.

Foi em 1894, na tarde de 19 de julho, n'uma festa artistica de seu sobrinho João Roberto, no Campo Pequeno — esse redondel que ainda lhe testemunhou tantos e tantos triumphos — que o glorioso artista se exhibiu ao publico pela ultima vez.

*

José Joaquim Peixinho (filho) foi um artista distincto entre os distinctos, digno continuador do nome glorioso de seu pae. Toureiro

algun teve mais admiradores nem foi mais querido do que elle, como nenhum prescutou mais os segredos da arte de Montes.

Segundo um auctorisado biographo, o

distincto aficionado Antonio Baptista Junior, Peixinho era um toureiro perfeito, acabado, completo: um artista que praticou todas as



UM GRUPO NOTAVEL

Sentados: José Peixinho (filho) e Vicente Roberto da Fonseca
Em pé: Roberto da Fonseca e João Roberto (filho)

sortes de bandarilhas conhecidas na tauro-machia, subordinadas ao seu *modo parado*, cingido e elegante, *modo* tão seu que difficilmente será excedido. E quarteando em

regra, quadrando e rematando com perfeição e elegancia, *collocando* e não *espetando* bandarilhas, tornou-se um artista de primeira plana e que difficilmente poderá ser igualado entre nós.

O capote e a muleta manejava-a se não com o garbo dos hespanhoses — que esse vem-lhes da natureza — pelo menos com perfeição e grandes conhecimentos.

Era um toureiro de fino trato e cuidada educação. Frequentou com aproveitamento as aulas de desenho historico na Academia de Bellas Artes, e as de musica, piano e canto no Conservatorio; e falava e escrevia a lingua franceza com grande correcção, não descurando o patrio idioma, que lhe mereceu especial cultivo.

Peixinho foi o artista que n'aquelle tempo mais fez valer o seu trabalho e merecimento, não havendo praça nenhuma que não tivesse sido pisada por elle. Tambem lidou em Sevilha e em Badajoz touros em pontas, valendo-lhe a sua faena as mais inequivocas provas de apreço da parte do publico e da imprensa, taes como as recebia geralmente no seu paiz.

Nasceu em Lisboa a 29 de outubro de 1853, e falleceu a 10 de novembro de 1893.

Francisco Vaz, o *Caixinhas*, bandarilheiro muito distincto, nasceu em Lisboa a 27 de março de 1834.

Extremamente elegante — chegando a dizer-se que ninguem era capaz de pôr a cinta de toureiro como elle —, executando com maestria todas as sortes de bandarilhas, trabalhando de capote com muito acerto, foi durante épocas consecutivas um dos elementos obrigados da primeira praça do paiz.

A sua sorte favorita era o quiebro, que levava a effeito com summa perfeição, sendo muito apreciado até pelos matadores que então nos visitaram, inclusivé Antonio Carmona, o aperfeiçoador da referida sorte, que uma vez, em plena arena, o foi felicitar e apertar-lhe a mão.

Uma simples aposta levou *Caixinhas* a executar o quiebro pela primeira vez.

Assistindo, ainda como espectador, a uma corrida em que tomavam parte os reputados matadores irmãos Carmonas — Manuel, José e Antonio —, disse a uns amigos com quem estava, que tambem era capaz de o fazer. Os amigos negaram-lhe o valor necessario para o praticar, do que resultou fazerem uma aposta.

Poucos dias depois realisava-se nova corrida, e *Caixinhas* lá estava na arena, para ir ao *boi dos curiosos*, e decidir-se a contenda. O bicho era de Rafael da Cunha: escusado é dizer mais! Pois o nosso heroe, que se postou em

frente da *gaiola* com o maior sangue frio, espera com igual serenidade a pancada do



FRANCISCO VAZ, O «CAIXINHAS»



JOÃO DA CRUZ CALABAÇA

animal, e crava-lhe um bom par. Não ficando ainda satisfeito, cita de novo, e colloca outro par em identica sorte. Já não era dado duvidar que estava alli um toureiro!

Caixinhas foi até certa data muito querido do publico. Uma vez, porém, como se soubesse que elle discutira a pouca razão de uma actriz fazer todos os annos beneficio no Campo de Sant'Anna, quando lhe parecia dever ser n'um theatro, tanto mais quando se pedia aos toureiros para trabalharem de graça ou fazerem descontos, foi isso o bastante para que esse mesmo publico o apodasse de *ganhão*, apesar de *Caixinhas* se não ter negado a prestar o seu concurso á festa.

D'ahi em diante — como o publico é ingrato! — em resultado dos motejos continuos que lhe dirigiam, o bandarilheiro distincto e tão apreciado, o toureiro valente que tanto honrou a tauromachia portugueza, transformava-se n'um artista quasi sem classificação!

Pobre artista!

Caixinhas falleceu a 20 de setembro de 1884.

João da Cruz Calabaça nasceu em Lisboa a 11 de agosto de 1843, e é filho de Manuel Calabaça, que tambem foi bandarilheiro, e sobrinho de Sebastião Calabaça e Pedro Rodrigues, espadas da praça do Salitre, que por vezes tourearam na Real Praça da Bemposta e em muitas arenas hespanholas.

O primeiro dinheiro que recebeu como lidador de rezes bravas foi meia moeda, e

duas moedas o seu primeiro vencimento como artista escripturado do Campo de Sant'Anna! Actualmente uma ninharia, e então um razoavel contracto!

João Calabaça foi dos bandarilheiros contemporaneos um dos mais rijos e valentes, ao ponto de lhe serem destinados os touros mais possantes, mais difficeis de lidar e mais conhecedores.

Depois de José Cadete — estava então Calabaça na força da vida — era sempre elle o escolhido para *esper-tar* os touros de cavallo, não havendo animal que o intimidasse.

Conquistou bom nome no paiz, já pelo merito do trabalho que exhibia já pela valentia que o caracterisava, estando ainda na memoria dos aficionados do seu tempo, os grandes recursos que possuia; no estrangeiro tambem se fez applaudir algumas vezes, como em Madrid e Caceres.

João Calabaça vive ainda, mas muito abatido pela idade e pela falta de vista. Foi em 1903 o ultimo anno em que toureou.

João do Rio Sancho appareceu no Campo de Sant'Anna a 27 de maio de 1866.

Embora hespanhol pela naturalidade, pois nasceu em Sevilha a 16 de fevereiro de 1842, este artista foi por fim considerado portuguez, em vista da sua permanencia no nosso paiz.

Com as bandarilhas não passou de um toureiro modesto, apesar de habil e correcto, tanto mais apreciavel quanto é evidente que muito foi prejudicado pela sua pequena



JOAO DO RIO SANCHO



MIGUEL FARIA

estatura; com o capote, porém, notabilizou-se como nenhum outro, em especial nas *navarras*, não apparecendo até hoje ainda quem o egualasse n'esse genero de trabalho, como ninguém conseguiu nunca preparar os touros para as *pégas* como elle.

Sancho abandonou o toureio em 1898, pelo motivo da falta de vista e faculdades. Foi na praça do Campo Pequeno que se exhibiu pela ultima vez.

Manuel Cadete nasceu em Lisboa a 21 de setembro de 1842. Seis annos depois já pisava a arena do Campo de Sant'Anna, vestido de bandarilheiro e com uma pequenina capa traçada, ao lado de seu pae, o insigne José Cadete, quando este apparecia ás cor-tezias.

Artista de raro valor, a sorte, porém, nem sempre o bafejou, apesar de ter conquistado renome como poucos. E maior celebridade ainda poderia ter adquirido, se não tivesse desprezado tanto a vida e as faculdades sem egual com que a natureza o dotou.

Segundo a opinião de Salvador Marques, o illustre aficcionado e primoroso escriptor, Manuel Cadete foi sempre um toureiro agil, diligente, gracioso por vezes no trabalho, lidando com desafogo e desprerenciosa coragem. Habil em todas as sortes, distinguuiu-se especialmente nos cuarteios, que executava com muito vigor e precisão, e pela fórma notavel, elegante e artistica, como levantava os braços.

A fama de Cadete como excellente peão não se concentrou só em Portugal, passou a fronteira. Antonio Carmona, por exemplo, quando soube certa vez que seu irmão Manuel se contractara para tourear em Lisboa,

disse-lhe que tivesse muito cuidado na escolha dos peões com que tencionava fazer-se acompanhar, e ainda mais no trabalho d'elle proprio, pois viria encontrar um bandarilheiro portuguez de tão grandes recursos artisticos, que era impossivel que houvesse outro que se pudesse collocar a seu lado! E parece que Manuel Carmona não encontrou motivo para contraditar seu irmão, pois d'ahi para o futuro não perdia o menor ensejo de elogiar o grande bandarilheiro lusitano, sempre que tinha que falar ou lhe falavam de bons toureiros.

O seu bom nome proporcionou-lhe contractos para Badajoz e Caceres, onde tou-reou com muito agrado, tendo tambem n'esta ultima cidade lidado um touro em pontas.

Cadete, porém, não foi dos artistas que mais annos honrou o seu nome e a sua arte. Não se sabendo estimar, arruinando pouco a pouco a sua saude, assim foi vivendo até que, em 1876, uma grave enfermidade o obrigou a entrar no hospital de S. José, d'onde sahiu sem forças para exercer o toureio ou qualquer outra profissão. Veiu a fallecer a 20 de agosto de 1887.



MANUEL CADETE

Francisco Pontes foi um bandarilheiro fino e correcto. As suas façanhas andam ainda de bocca em bocca, de quando esse artista toureava de capote ou muleta e cortava os cordeis á embolação dos touros, continuando a passal-os com a mesma frescura e sangue frio.

Pontes dedicou-se ao toureio ainda muito novo, mas todos lhe prophetizaram logo um futuro brilhante.

Artista valente e completo, executava o cuarteio com perfeição, fazia o quiebro na cadeira, dava o salto de vara, toureava bem de capote, e com a muleta era muito dextro,

mostrando sempre vista. Sobretudo extremamente attento a todo o serviço da lide, foi elle o artista portuguez que primeiramente começou a *abrir* os touros de capote para os cavalleiros lhes poderem sahir.

Por mais de uma vez formou *cuadrilla* e explorou o Brazil, dando tambem muitas corridas por sua conta na provincia. Uma vez, em Penafiel, organisou nove corridas em cinco dias, sendo uma de manhã, seis de tarde e duas á noite! N'outra occasião, na praça antiga da Figueira da Foz, teve que lidar, sósinho, oito touros, em virtude dos collegas estarem quasi todos inutilizados!

A colhida mais grave que soffreu durante a sua vida artistica foi na Nazareth, em 1871, depois de collocar um par de bandarilhas; o animal, desembolando-se, alcançou-o ao saltar a trincheira e fez-lhe um grave ferimento. A colhida teve tal importancia, que os jornaes, na febre de darem uma noticia sensacional em primeira mão, chegaram a annunciar a sua morte!

Francisco Pontes nasceu em Villa Franca de Xira a 13 de setembro do anno de 1844, e falleceu no Brazil, onde contava innumeradas sympathias.

Miguel Faria nasceu em Salvaterra em 11 de junho de 1846. Era filho do tambem bandarilheiro Antonio Faria, e neto de Manuel Faria, bandarilheiro e matador da praça do Salitre. Correndo-lhe, pois, nas veias sangue de toureiros, e tendo nascido na terra que tão grandes artistas e aficionados tem dado, não podia deixar de ser valente, como era.

Entretanto, possuindo tão bella condição, todos lastimavam que não tivesse estudado e progredido mais, o que se attribuiu ao

muito que trabalhava por fóra, onde o artista só procura agradar ao publico, na maioria ignorante, e nunca fazer arte. Era, por isso, como costuma dizer-se, um artista só para touros maus.

Faria bandarilhou em varias praças de Hespanha, como Caceres, Almandralejo, Olivença, etc., e algumas vezes touros em pontas.

Falleceu no Rio de Janeiro, victimado pela febre amarella, em 1877 ou 1878.

Francisco Loureiro honrou por muito tempo o toureio portuguez. Foi o que se chama.

desde muito novo, um fanatico pelo divertimento. Só assim se explica que este artista, sendo primeiramente moço de forcado e depois intervalleiro, ainda conseguisse que o seu nome apparecesse nos cartazes como bandarilheiro, e que como tal fizesse a boa figura que fez, ao lado de artistas antigos e de comprovado merito.

Loureiro, que nasceu em Lisboa a 30 de março de 1852, falleceu em Campos (Brazil) em 1880.

aonde tinha ido tourear, contractado pelo seu collega Francisco Pontes.



FRANCISCO PONTES

Roque dos Santos não conseguiu por completo a méta das suas aspirações. Foi um bandarilheiro que teve vida ephemera, pois nascendo em 1846 falleceu no verdor dos annos, victimado pela tuberculose, em 28 de setembro de 1874. Era exposto da Santa Casa da Misericordia, para onde foi arremessado talvez sem uma lagrima, sem duas palavras de conforto!

O mallogrado artista era extremamente elegante e habilidoso, lidando com desusada

facilidade e certa desenvoltura. De outros com menos valor se falou muito e muito mais, devido talvez á sua grande modestia.

nhava mais de perto os preceitos e regras do toureio.

José Cadete e Peixinho pae, por exemplo,

foram verdadeiros mestres na arte de tourear a pé, da mesma fôrma como Vicente Roberto, Roberto da Fonseca e José Peixinho (filho) se notabilisaram extraordinariamente na arriscada arte de Montes.

Manuel Cadete com *Caixinhas* formaram uma parelha distincta, tão apreciada pelos aficionados portuguezes como pelos artistas hespanhoes de mais fama que então nos visitavam a miude.

Francisco Pontes e João Calabça foram tambem dois toureiros

de valor, não se devendo esquecer, Miguel Faria, Francisco Loureiro e Roque dos Santos, que eram relativamente apreciados.

Depois do apparecimento d'estes tres ultimos artistas, porém,

começaram a escassear as verdadeiras vocações, e de tal fôrma, que a decadencia do peão foi logo prevista por aficionados da envergadura de Salvador Marques, José Horta e Pinto de Campos, que varias vezes transmittiram esta opinião nos centros de cavaco.

Não resta duvida, pois, que a decadencia do toureio a pé no nosso paiz já vem da praça velha de Lisboa, não conseguindo até hoje a moderna geração tornar a occupar o bom e glo-

rioso nome que os portuguezes em tempos idos chegaram não só a alcançar, como a solidificar, na arte de lidar rezes bravas.

João Roberto (filho) nasceu em Salvaterra a 19 de março de 1860.

Herdeiro de um nome bemquisto como o dos Robertos, não podia deixar de partilhar das suas glórias. E se não conseguiu na arte um nome da importancia que adquiriram seu pae e seus tios, é innegavel que ao menos fez honrosamente a sua passagem pela tauromachia, pois foi um toureiro modesto mas serio, tão brioso como diligente, acompanhando a escola dos bons mestres do seu tempo.

João Roberto retirou-se do toureio effectivo na corrida realisada no Campo Pequeno em 19 de julho de 1894, dedicando-se actualmente á sua lavoura, que é importante, na villa que o viu nascer.

Pelo Campo de Sant'Anna póde dizer-se que passaram tres gerações — a que inaugurou o demolido circo, aquella de que acabamos de tratar, e a que se lhe seguiu, e com que terminará esta monographia em proximo artigo.

A nosso vêr, a segunda geração foi a que mais se distinguu, pois então já a tauromachia em Portugal assentava em bases solidas e acompa-

(Continúa.)

Phots. da collecção Segismundo Costa.



FRANCISCO LOUREIRO



ROQUE DOS SANTOS

CARLOS ABREU.

A Moleira

A Chrystovão Ayres

*Anda a mó a moer trigo
Que o teigão deixa correr:
Desde que falo contigo
Anda-me a dôr a moer!*

*A levada vae gemendo,
Vae moer com suas aguas;
O meu pranto vae correndo,
Vou gemendo as minhas magoas.*

*A roda da tua azenha
De verde limo forrada...
Não ha velludo que tenha
Essa côr, verde-molhada.*

*Dos cubos cae agua em fio.
Como contas de colar;
Até parece que o rio
Te deixa assim a chorar!*

*Quando a mó esmaga o grão,
Os pobresinhos, dão ais;
Que será d'um coração?
Ha de soffrer muito mais!*

*Como a farinha expoada
Se espalha leve no ar,
Espalha branca alvorada
O teu doce e claro olhar.*

*Não se sabe bem a côr
Do teu cabelo ondeado;
Os olhos deixam suppôr
Que é negro como o peccado.*

*Nem já parece trigueira
Tua face de setim;
A farinha da moleira
E' branca como o jasmim.*

*Com o cabelo empoadado
Cinta estreita, airoso porte,
Lenço no peito crusado,
Braço nú, roliço e forte,*

*Vae reparar a quebrada,
Suas saias arregaçã.
Que perna bem torneada,
Que busto cheio de graça!*

*Trepa por tua janella
A roseira de toucar;
Parece que andou sobre ella
A peneira do luar!*



*Essas paredes branquejam,
E' branco o alpendre e o eirado,
Como os pombos que se beijam
Arrulhando em teu telhado.*

*Sobe a agua no açude,
Represa, espelho de prata;
A esperança que me illude
Fez-se em pégo que me mata.*

*Limpas milho na joeira;
Leva-lhe as palhas o vento...
Quem joeirára, moleira,
As penas do meu tormento!*

*Gasta a pedra do moinho
Moer tanto cereal;
Não se gasta o meu carinho
A moer sempre o meu mal.*

*A moleira quando tem
De falar ao namorado,
Não o pode abraçar bem
Porque o deixa enfarinhado.*

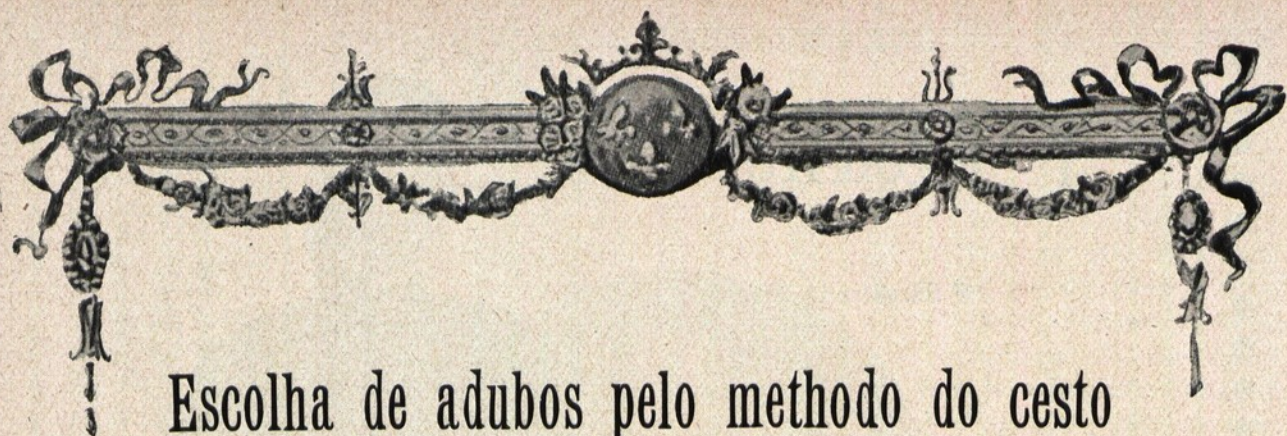
*No ruido do moinho
Tem de falar-se em voz alta;
Se os olhos falam baixinho,
A fala já não faz falta.*

*Diz-se já na freguezia,
Que essas palavras tão meigas,
Fazem nas almas maquia,
Como a fazes nas taleigas.*

*Passa a farinha mais fina
Pela seda da peneira,
Mas a dôr que me amofina
Não passa por muis que eu queira.*

*Todo o trigo dá farinha,
A farinha tem farelos;
O amor da moleirinha
Tem zêlos, beijos, disvellos.*

J. de Oliveira Simões.



Escolha de adubos pelo methodo do cesto e da paraffina



s rapidos progressos da agricultura americana, são em parte importantes, devidos a uma serie de pequenos expedientes praticos, que os peritos do Ministerio da Agricultura tratam de vulgarizar entre os lavradores.

N'este momento, por exemplo, estão recommendando insistentemente um methodo de uma rara simplicidade por meio do qual, sem custosas analyses, qualquer pode conhecer, em poucos dias, o adubo que mais convem a determinada terra.

Chama-se o methodo do cesto e da paraffina.

Consiste em criar dentro de pequenos cestos de rede de arame, revestidos exteriormente de uma camada de paraffina, exemplares das plantas que se querem cultivar, comparando-se os resultados obtidos nos differentes cestos, alguns dos quaes conteem terra simples e outros terra misturada em diversas proporções, com os adubos que se desejem ensaiar.

Na pratica do methodo procede-se da seguinte fórma:

Arranjam-se alguns pequenos cestos cylindricos de rêde de arame, com a capacidade necessaria para conter pelo menos, meio kilogramma de terra. O feitio dos cestos não tem importancia e a unica condição a que tem de obedecer a sua construção, é que a malha da rêde, sem ser extremamente miuda, o seja comtudo bastante para reter a terra que n'elles se vae

collocar. Qualquer pode fazel-os em casa com a rêde de arame vulgar do commercio.

Mergulham-se os cestos vãos, de fundo para cima, em paraffina aquecida, de modo a ficar o bordo superior do cesto interior e exteriormente revestido de uma camada de paraffina n'uma faixa da largura d'um dedo.

Enchem-se em seguida, até a altura da faixa já coberta de paraffina, os cestos de terra, que a comprime moderadamente. Alguns receberão terra simples e outros terra misturada, em diversas proporções, com os adubos que se querem estudar. Afim de ficar bem disseminado o adubo na terra, convem fazer a mistura alguns dias antes de principiar a experiencia e regal-a a miude até esta começar. Os cestos devem todos conter approximadamente, o mesmo volume de terra, e esta deve apresentar o grau de humidade mais propicio á vegetação.

Os cestos, agora cheios de terra, mergulham-se, d'esta vez com o fundo para baixo, em paraffina aquecida, até ficarem o fundo e as paredes lateraes dos cestos, revestidos de uma camada de paraffina que isole a terra n'elles contida, do ar.

Plantam-se em seguida seis sementes, já germinadas, em cada cesto. A germinação obtem-se facilmente collocando durante um ou dois dias as sementes nas melhores condições de temperatura para rebentarem, depois de as ter envolvido em flanela humida, que se cobre de areia molhada. Deixam-se depois os cestos em sitio que apresente circumstancias favoraveis para activar a vegetação, e mantem-se a terra no mais conveniente grau de humidade.

Dentro de duas ou tres semanas, comparando o desenvolvimento que tomaram as plantas nos diversos cestos, pode facilmente determinar-se, á simples vista, o effeito dos adubos nas varias proporções empregadas. A differença que se manifesta no crescimento das plantas nas primeiras tres semanas, persistirá até sua plena maturação. E' claro que esta não pode obter-se na pequena porção de terra encerrada nos cestos, e é inutil prolongar a experiencia além de tres semanas.

vestidos de paraffina, as raizes das plantas convergiriam todas na mesma direcção, procurando o contacto com as pequenas camaras de ar que sempre ficam entre as paredes dos vasos e a terra que conteem, ou cresceriam de modo a galgar por cima de bordo superior dos vasos, falseando assim o resultado da experiencia. Usando o methodo do cesto e da paraffina, as raizes distribuem-se com notavel egualdade por todo o volume da terra que se está ensaiando.

Para a experiencia ter valor seguro, é preciso que só a semente e a terra fiquem em presença, actuando uma sobre a outra ; é o que se obtem com o methodo proposto, pois a camada de paraffina, isola inteiramente do ambiente, o conteúdo dos cestos, excepto na parte superior que pode, sem inconveniente grave, ficar livre.

E' esse o segredo de sua efficacia. A função da paraffina consiste simplesmente em servir de substancia isoladora, e qualquer outra substancia analoga a pode substituir.

Se a experiencia se tentasse em vasos de barro ou em simples copos para agua, em vez de se empregarem n'ella os cestos re-

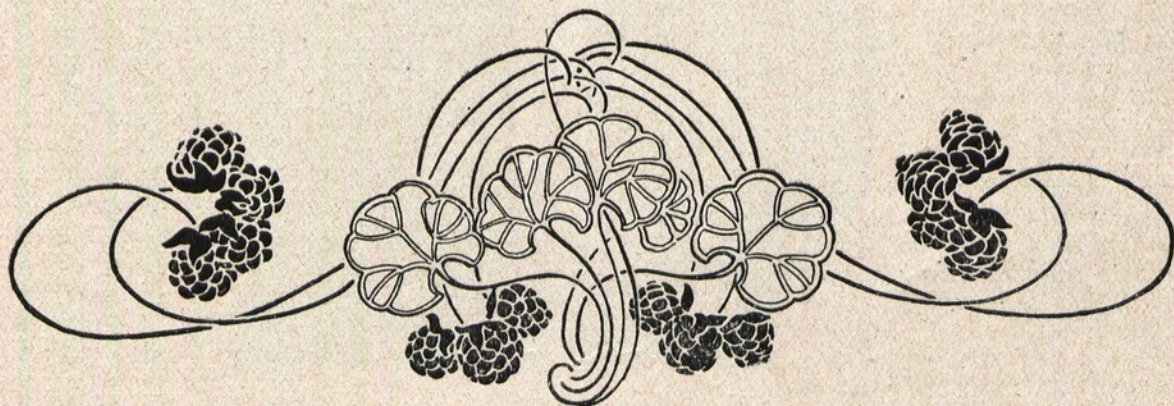
Os peritos do Ministerio da Agricultura dos Estados Unidos, affirmam, que por meio d'este processo, se obtem em vinte dias, resultados que d'antes por causa da variabilidade das estações, só se podiam conseguir em dez annos de ensaios nos canteiros de experimentação.

Dizem tambem que esses resultados teem muito maior alcance pratico que os que se colhem pela analyse de terras e adubos.

E' facil comprehender que, além de servir para a escolha de adubos, o methodo de que se trata pode ter diversas outras applicações de alto interesse para os lavradores.

Legação de Portugal em Washington.

VISCONDE D'ALTE.



Somatose

Recommendada nas doenças do
ESTOMAGO E DOS INTESTINOS

Vende-se nas pharmacias e drogarias



Senhoras em evidencia

Arte

Se é certo que a Arte ameniza as asperezas da vida, não é menos certo que a raros é dado cultural-a pura e perfeita, sem os *ficelles* do *sno-bismo* ou as exterioridades aparentes, occultando a maxima vacuidade de sentimento e sinceridade. E onde a atmosphera cheia de simplicidade e verdade, indispensavel a toda a cultura artistica, mais escasseia, é sem duvida n'essa ficticia arte dos salões, que sendo no seculo XVIII e ainda no principio do seculo passado uns admiraveis templos d'arte, se transformaram modernamente em authenticas capellas da superficialidade e do cabotinismo. E isto certamente porque nos tempos d'hoje, conseguir notabilisar a linha de cultura intellectual e artistica d'um salão, pressupõe, em quem o realiza, qualidades eminentemente superiores, de penhum modo vulgares.

Acresce que a vida d'hoje, tumultuosa e violenta, cheia de sensações impressionantes, não dá tempo sequer a alimentar esse suave aconchego do lar, que gerava, em grande parte, o culto artistico dos meios elegantes.

A materialidade e a agitação da sociedade moderna, creando e desenvolvendo centros artisticos cosmopolitas, destruiu essa arte *caseira*, em que, no nosso paiz, se crearam artis-

tas de tão grande renome, muitos d'elles vivos ainda e na pujança do seu talento artistico.

A senhora, cujo retrato acompanha este ligeiro artigo, tem conseguido fazer do seu salão um dos mais incontestaveis e desejados meios artisticos da capital, tanto mais justamente estimado, quanto n'elle a arte musical encontra um culto perfeito e apaixonado. A sr.^a D. Sara Motta Vieira Marques, que possui uma esmeradissima cultura intellectual e qualidades d'espírito distinctissimos, é ao mesmo tempo uma artista de raça, que na sua arte

procura a satisfação plena da sua alma, dedicando-lhe os momentos mais preciosos da sua vida.

Os seus serões d'arte em que predomina o que de mais reputado conta o nosso meio artistico, são conhecidos de todos os que na musica representam uma auctoridade ou uma manifestação artistica de valor.

Ficaram celebres na historia do movimento musical do nosso paiz os quatro concertos historicos, demonstrativos da evolução musical, desde o seculo XV até hoje, acompanhados de proficientissimas conferencias explicativas, e realizados no seu elegante e luminoso palacete da rua do

Athayde, por onde, continuamente, passam as primeiras notabilidades artisticas estrangeiras, que se exhibem no nosso primeiro theatro lyrico.

E não cessa na illustre senhora esta idolatria da divina arte. Para breve se annunciam nos seus artisticos salões tres interessantes



D. SARA MARQUES

concertos de musicas populares de todos os paizes, fazendo outras tantas conferencias elucidativas o illustre critico d'arte o sr. Antonio Arroyo, por certo o homem que mais realce pôde dar a esse cenaculo d'arte com a sua palavra auctorisada e elegante.

D. Sara Motta Vieira Marques não é sómente uma propagadôra consciente da boa arte musical; ella mesma a cultiva com entranhado esmero e distincção, como se recordam certamente todos os que tiveram a ventura de assistir á deliciosa *matinée*, realisada em fevereiro em sua casa, onde, com o barytono De Lucca cantou o conhecido e difficil duetto do *Hamlet*.

Por tudo isto vêem os nossos leitores que é assaz merecida a homenagem que lhe prestamos hoje e a honra que aos *Serões* dá o inserção, nas suas paginas, da figura insinuante da illustre artista.

«Prospero Fortuna»

O illústre escriptor Abel Botelho, tão triumpante nas obras de theatro como no romance, acaba de nos dar mais um volume, o quinto, da sua pathologia social, com o titulo de *Pros-*



ABEL BOTELHO

pero Fortuna. Abel Botelho possui como poucos o dom da observação, da analyse, do estudo ao microscopio d'essa multidão de microbios que povoam e minam a fragil humanidade. D'esta vez a enfermidade examinada pertence aos dominios da politica, e com

que talento, poder, tenacidade e suggestão elle, o grande psychologo, transmite ao leitor o resultado do que viu, as impressões que recebeu!

O romance *Prospero Fortuna* não deve ter agradado a muitos. Ha ali páginas que são como ferro caldo a cauterisar, muito ridiculo e muita individualidade mediocre que só tem medrado á sombra do mais esteril e nociva das nossas instituições, que assim pôde ser considerada no nosso paiz, a politica. O *Prospero Fortuna* é um livro de critica desassombrada, um livro que estava fazendo falta no nosso meio social.

Chronica da moda

As toilettes de passeio — *As jaquettes curtas* — *Os tecidos para verão* — *As blusas* — *Os galões dourados passados á reserva* — *Os chapéus redondos* — *As «toques»* — *Os chapéus nos theatros* — *A ausencia dos chapéus das senhoras nos theatros estrangeiros* — *Os penteados modernos* — *O calçado* — *As meias* — etc., etc.

E' ainda o genero *tailleur* que este anno vae imperar no verão para as *toilettes* de passeio.

Os casacos compridos do inverno passado, que tão commodos e praticos se tornaram, vão ceder o seu logar ás simples *jaquettes* curtas, cobrindo apenas as ancas e precisando bastante as linhas do corpo.

Estas *jaquettes* curtas foram sempre muito bonitas em todos os tempos e através todos os caprichos da moda.

Reclamam, porém, na sua graciosa simplicidade, uma tesoura elegante de alfaiate, e, neste ponto, apesar do nosso feminismo *enragé*, temos de confessar a superioridade incontestada dos alfaiates sobre o cóрте das modistas em geral.

Estas *toilettes* são feitas em tecidos leves, taes como *étamines*, *voiles* de lan, sarjas, *cheviottes* finos, diagonaes e setins de lan.

Os tecidos de phantasia estão inteiramente postos de lado. As côres preferidas para a proxima estação serão o azul marinho, toda a gamma dos cinzentos, *marrons*, o azul-sabão e os tons ferrugem, couro, *feuille-morte* e *marron-vert*.

Para verão, os pannos, mesmo quando sejam muito finos, estão completamente lançados no esquecimento, utilizando-se apenas para os *manteaux*. As saias serão franzidas em baixo e as bluzas continuarão a reinar como uma das mais economicas, elegantes e praticas invenções da moda sensata.

Poderão usar-se nas côres dos vestidos ou brancas, de tulle, de rendas ou *pongé*.

Os galões dourados terminaram com o inverno a sua existencia.

Vimol-os nos chapéus, nos cabellos, nos vestidos e casacos, nas blusas, etc., etc.

A primavera porém fêl-os passar á reserva e vão ser substituidos por flôres, nos chapéus, o que é sem duvida bem mais gracioso e mais bonito.

Os chapéus de palha grandes estão muito em voga para passeio e não differem extraordinariamente da fôrma dos que se adoptaram este inverno. Os chapéus redondos, grandes, com a aba levantada suavemente, d'um lado e forrados de velludo por dentro, ficam muito bem a todas as senhoras em geral.

Fazem-se em palha e guarnecem-se com rosas de diferentes tons e grandes laços de *tulle*, artisticamente feitos, por mãos de quem saiba...

As flôres, este verão, serão dispostas nos chapéus com a maxima prodigalidade. Alguns modelos das principaes casas de Paris, podemos afirmar que teem duzias e duzias de rosas!

Tambem poderão ser ornamentados com plumas grandes, uma pluma só, mas uma dessas grandes plumas que fazem a admiração dos apreciadores, ou ainda duas grandes e fartas azas sobrepostas, com a elegancia e a distincção que são exigidas nestas obras de arte, pois que outra coisa não serão jamais os chapéus das nossas elegantes leitoras.

As *toques* tambem apparecem muito, e, para quem prefere o chapéu pequeno, servem para fazer *toilette*. Podem ser feitas em palha, setim ou *tulle*.

Para theatros usam-se os chapéus neste genero de *toques*, — chapéus pequenos, de feição a não incommodarem as pessoas que constituem a assistencia dos espectaculos.

Ultimamente, em Lisboa, as senhoras teem abusado muito dos chapéus nos theatros; o

que, francamente, só terá a vantagem de poderem ser admirados; porque, além de não ser bonito o uso dos chapéus nos theatros e concertos, lá fóra, no estrangeiro, donde nós importamos todas as modas, raramente apparecem nas salas de espectaculos os chapéus com que se anda nas ruas.

Felizmente, para as pessoas que frequentam S. Carlos, ainda as senhoras de Lisboa se não lembraram de quebrar a estetica daquella elegante sala, com os seus chapéus de passeio, velando-lhes a graciosidade airoza e fina das suas cabeças sonhadoras...

Se pudéssemos dispôr de espaço, haviamos de convencêr as nossas gentis leitoras de quanto é lindo numa sala de espectaculos, a ausencia desses chapéus, que só para a rua são admittidos.

Os penteados conservam ainda a deliciosa simplicidade com que tão encantadoramente adornam uma cabeça *bien coiffée*.

As tranças á roda da cabeça continuam a ser muito usadas e dão um tom de singeleza apreciavel aos penteados modernos.

Quanto ao calçado, a ultima moda decretou o sapato *mordoré*, o sapato bronzeado, completamente liso, sem biqueiras, rematando no peito do pé com uma fivela dourada.

Além de tes sapatos, usam-se muito tambem os de pellica

de lustro côr de castanha e amarella e ainda d'outras gradações approximadas.

As meias continuarão a ser da côr dos sapatos.



VESTIDO DE PASSEIO — FIGURINO DE LONDRES

Para augmentar o poder da alimentação dos caldos, leite e carnes para convalescentes, juntar **SOMATOSE**.

tos ou pretas, que são ainda as que mais assiduamente se usam.

As meias brancas só para *toilettes* inteiramente brancas poderão ser acceitaveis, pois com qualquer outra não serão admissiveis.

Na proxima chronica daremos ás nossas leitoras a descripção d'alguns vestidos de *soirée*, que estão fazendo época nos centros elegantes de Paris.

O actor João Rosa

Foi com lagrimas verdadeiramente sentidas, com profunda mágua, recebida por todos — assim o podemos affirmar — a noticia da morte do eminente artista João Rosa, figura de destaque e de enorme realce na scena portugueza, onde deixa o seu nome gravado em letras



O ACTOR JOAO ROSA

d'ouro, e que, hoje, tão triste nova, envolve em crepes de saudade.

Grande artista foi; tendo herdado de seu pae, o illustre actor João Anastacio Rosa, as extraordinarias aptidões para o theatro, a que alliou uma esmerada educação e um devotado amor ao estudo, rapidamente percorreu, o que tantos outros não conseguem, essa ingreme ladeira, que conduz ao sublime da arte de representar, conquistando, pelo talento, um lugar d'honra entre a pleiade dos nossos mais distinctos artistas dramaticos. E' porque João Rosa, não deu aos seus papeis unicamente,

uma simples exterioridade; n'elles se encarnou sempre com rara intuição artistica, dando-nos a nitida expressão das personagens, que interpretava n'um sentir intimo, real e fundamentalmente humano.

Apresentar, como mais completo, este ou aquelle dos seus trabalhos, na sua vastissima galeria de arte, não é synthetisar o seu valôr, pois que, em todos elles, por egual, se impoz pela correcção e observação desde os menores detalhes e de fôrma que, a individualidade que reproduzia, tinha o traço vívido d'uma das mais difficeis e importantes condições — a verdade.

Se deixamos de ver o artista para o biographar pelos seus dotes de character, não menos se impõe á nossa justa homenagem. — Era um verdadeiro *gentleman*; ao seu trato distincto juntava a bondade do coração; contava os

amigos pelas pessoas que d'elle se acercavam; era franco no acolhimento, leal na amizade.

Infelizmente, a terrivel parca, que não perdôa a pessoa alguma, roubou-nos o seu convívio, deixando um grande vacuo na scena e uma enorme saudade no coração.

Descance em paz o glorioso artista.

A sua família endereçamos as nossas sinceras condolencias.

Ao correr da penna daremos alguns traços biographicos da sua carreira artistica que iniciou no Porto, em 1864, ao lado de seu pae, na comedia *As joias de familia*. Um anno depois apresentou-se no palco de S. Carlos, no drama *Ricardo III*, d'onde passou, em outubro d'esse mesmo anno, para o Normal, representando o drama *Sabina Maupin*. Foi especialmente, no theatro de D. Maria que João Rosa se evidenciou ao lado de artistas notaveis, como: Emilia Adelaide, Emilia Candida, Emilia

das Neves, Antonio Pedro, Tasso, Santos e Taborada. Do Normal passou para a Trindade, Principe Real, Variedades, voltando para o theatro de D. Maria como um dos empresarios. Pela reforma do Normal terminou a empreza *Rosas & Brazão*, passando então para o theatro D. Amelia onde se conservou, até a alguns annos, em que pela sua precaria saude, se viu obrigado a abandonar a scena.

Entre o vasto repertorio que brilhantemente vincou o seu nome, citaremos as peças: *Abade Constantino*, *Luiz XI*, *Othelo*, *Marquez de Villemor*, *Hamlet*, *Martyr*, *Marquez de la Seiglière*,

Henrique III, Nóbres e plebeus, Lagartixa, Regente, Affonso II, Leonor Telles, Alfageme de Santarem, Alcacer Kibir, Triste ciuvinha, O Pantano, Castello Historico, Estrangeira, Guerra em tempo de paz, Duque de Vizeu, Severa, Velhos, Madrugada, Cruz da Esmola, Princeza de Bagdad, D. Cesar de Bazan, Cardeal Richelieu, Amigo das mulheres, Morta, Zazá, Semi-virgens, Segredo da Confissão, Sociedade onde a gente se aborrece, etc., etc., e por ultimo, As fogueiras de S. João e A ceia dos Cardeaes.

O eminente artista falleceu na casa de Saude Portugal-Brazil, d'onde o corpo foi trasladado para a egreja dos Martyres e d'ahi se realizou o cortejo funebre para o cemiterio do Alto de S. João, sendo depostas sobre o feretro muitas corôas.

Da imponencia que revestiu a ultima homenagem prestada a tão prestimoso vulto, só poderemos dizer, que traduziu fielmente, o que elle fôra como artista e como homem. Diversas classes sociaes se acharam largamente representadas e todas se unificaram na mesma idéa de preito a quem soube tão alto elevar a arte dramatica nacional.

As varandas dos theatros de D. Maria, Avenida, Príncipe Real e Rua dos Condes estiveram cobertos de crepes todo o dia do funeral.

No cemiterio realisaram-se diversos turnos e junto do jazigo da familia Rosas, onde a urna ficou depositada usaram da palavra os srs. Eduardo Schwalbache, Dr. Augusto Castro, Santos Tavares, Antonio Pinheiro e Simões Coelho.

Theatros

S. Carlos. — Uma das noites mais gloriosas para o nosso theatro lyrico, foi, sem duvida, a da reaparição da nossa distincta compatriota, Maria Judice da Costa, cantora das mais illustres e que reúne aos seus muitos conhecimentos sobre a arte musical, os de comediante, contando não pequeno numero de notaveis creações, na sua tão vasta galeria artistica.

Foi na *Gioconda*, na encantadora partitura de Ponchielli, que a sr.^a Judice da Costa, com o seu fulgurante talento, e a sua formosissima voz de oprano dramatico, imprimiu verdadeiras scintillações de arte em toda a sua difficil parte de protagonista, que a assistencia cobriu de entusiasticas manifestações de apreço, e, em especial, ao terminar o duetto do 2.^o acto com o contralto, sr. Hottrowska, executado com irreprehensivel correcção e vigoroso colorido.

Tiveram tambem as honras da noite a sr.^a Mantelli, no papel de cega, e o tenor Giorgi no de *Enzo Grimaldo*, o que, em verdade, nem sempre succede e que veio valorisar mais a audição da *Gioconda* na presente época.

Completaram o bom conjunto que a opera teve, o barytono Nani, o baixo Dammaco, o

luzido corpo de baile e a proficiente direcção da orchestra, sob a intelligente batuta do maestro Mascheroni.

Com a *Manon*, a deliciosa partitura de Massenet, reapareceu no nosso theatro lyrico o tenor Carpi, que conta no publico innumeras sympathias pelas suas excepcionaes qualidades de cantor distincto, e não menos apreciaveis dotes de comediante, o que novamente registou com brilho, recebendo, por isso, uma imponente manifestação, muito em especial, na romanza do *sonho*, que teve de bisar. A seu lado, no papel de protagonista a sr.^a Carmen Toschi ouviu tambem bastantes applausos pelo correcto desempenho que deu a toda a sua difficil parte, resultando que a audição da *Manon*, fosse acolhida com bastas demonstrações de agrado.

A sr.^a Judice da Costa que, como dissemos, interpretára a *Gioconda*, de fôrma a merecer os mais calorosos elogios, manteve os seus bons creditos na *Aida*, obtendo da critica conscienciosa os merecidos louvôres, que não podem ser tomados á conta de favores de compatriotas, pois que, em todas as scenas lyricas do estrangeiro, o seu nome está, de ha muito, consagrado.

Toda a sua difficil parte do spartitto de Verdi, executou com inexcédível correcção, mormente os duettos do 2.^o e 3.^o actos com o tenor De Tura, que pela sua voz vibrante e bem timbrada, deu ao papel de *Radamés* o devido colorido.

Mas, sem desmerecer do valor dos diversos artistas a que nos temos referido, justo é frisar, que a estreia da sr.^a Rosina Storchio na *Traviata*, constituiu uma das noites mais sensacionais da presente temporada lyrica em S. Carlos, onde, de ha muito, não vimos melhor.

Desde a aria do 1.^o acto, a sr.^a Storchio arrebatou a platêa com a sua linda voz e arte de bello canto a que allia uma figura attrahente, olhar insinuante e conhecimentos profundos de bem representar. E' uma artista em toda a accepção da palavra, o que, de sobejo, demonstrou pelo relevo aprimorado que imprimiu á *Traviata*, que no *carnet* do nosso theatro lyrico, e registou como um dos acontecimentos mais memoraveis d'aquella casa de espectaculos.

O tenor Carpi e o barytono Nani foram felizes cooperadores, sendo unanimes os applausos a estes artistas que, com a sr.^a Storchio compuzeram o bello tercetto da *Traviata*.

Passando á *Manon* interpretada pela distincta *prima-donna*, sr.^a Storchio, quasi nos esquecemos do desempenho da *Traviata*, tal foi a maneira deveras superior como a executou a gentil cantora; quer nas phrases sentimentaes, quer nas de grande tensão dramatica, o trabalho da sr.^a Rosina Storchio comprovou a fama de que goza, como artista emérita e veio confirmar, que é, de facto, na *Manon*, que ella tem a sua melhor corôa de gloria.

Artistas assim honram a empreza que os escriptura.

Deu-nos por ultimo a empreza Anahory, conforme manda o contracto, a opera nova para

Lisboa, *Hansel e Gretel*, do maestro Humberlinck, cuja musica se destaca pelos effeitos de orquestração e na qual se notabilisou a batuta de Mascheroni. Filiada na escola wagneriana, *Hansel e Gretel*, encerra verdadeiros primores artisticos, sendo, talvez, no 2.º acto aquelle em que mais se accentúa e se caracteriza o estylo de Wagner, sem deixar de apresentar bastante originalidade na sua composição orchestral.

As sr.^{as} Jeanne e Martha Morini, Mantelli e Otkowska e o barytono Rossi formaram o grupo de artistas que executou a opera, revelando conhecel-a nos seus menores detalhes.

D. Maria. — Attingiram desusado brilhantismo os saraus realizados no Normal, com o erudito concurso do delicado poeta, sr. Lopes Vieira e o distincto homem de letras, sr. Abel Botelho, os quaes, perante um selecto auditorio, revelaram, mais uma vez, a pujança dos seus talentos dissertando, entre fremitos de applausos, o primeiro sobre a persistencia do lyrismo na nossa raça, e o segundo sobre os poetas dramaticos portuguezes.

Referindo-se o sr. Abel Botelho, ás diversas evoluções porque tem passado o theatro nacional, desde a sua origem, enalteceu, com a sua fluente palavra, os nomes de Gil Vicente, Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Camões e Garrett, focando as suas individualidades com extraordinario colorido, e vinculando com expressiva erudição, as suas influencias na dramaturgia nacional, a qual, ainda hoje, se inspira na obra de Gil Vicente; e sempre com propriedade, descreveu Abel Botelho, a decadencia dos seculos xvi e xvii sob a influencia dos jesuitas e da Arcadia, d'onde seguidamente traçou, com delicadeza de estylo e rasgos oratorios, o perfil de Garrett, uma das mais brilhantes glorias da litteratura patria, a que deu com Herculano, vigoroso e proficuo impulso.

Durante esta brilhantissima conferencia, os artistas: Jesuina Motili, Carlos dos Santos e Mendonça de Carvalho, recitaram um trecho do *Auto das barcas*; Delphina Cruz, uns versos ao Natal, canção popular de Castello de Neiva; Luiz Pinto, um trecho dos *Amphytriones* e Cecilia Machado, outro da *Pátria de Compadres*; Palmyra Torres e Maria Mattos leram passagens da tragedia *Castro*, de Antonio Ferreira e Christiano de Sousa, recitou um trecho da tragedia *Catóo*.

Finda a conferencia, o actor Ignacio recitou muito bem o *monologo do Vaqueiro*, para o qual o sr. Lopes Vieira escreveu um prologo, que o actor Mello disse admiravelmente. Completou o sarau a comedia *Salto Mortal*, do sr. Lopes de Mendonça e o 2.º acto da peça *Peraltas e Secias*, do sr. Marcellino de Mesquita.

Um senão, porém — Diminuta concorrência!

E' realmente desolador para quantos se interessam por coisas de theatro, ver, que o Normal, raramente tem nas suas recitas espectadores para um terço da lotação do theatro. E e no presente, essa ausencia do publico mais se accentúa, certo é, que já nos tempos dos Rosas e Brazão, a cujo elenco pertenciam,

como hoje, artistas de merito incontestavel e eram levadas á scena peças, cujo valor litterario e theatral ninguem poderá negar-lhes, a concorrência era diminuta, comparada com a que affluía aos outros theatro, sem que, para tal, houvesse uma razão clara ou pelo menos accetavel.

E' porque n'essa época se representava mal, ou porque a escolha do repertorio era des acertada? — Certamente que não. Não é portanto, em absoluto, hoje, razão do facto, o representar-se mal no theatro de D. Maria, como a alguem ouvimos, pois, muitos dos artistas de então, ali se encontram ainda, e se acham escripturados outros, como Ignacio, Adelina Abranches e Augusta Cordeiro, cujo merito pessoa alguma pôde pôr em duvida, e o desditoso Fernando Maia, que uma terrivel enfermidade detem presentemente, n'uma casa de saude.

E' verdade, que o desempenho d'algumas das peças, ultimamente levadas á scena no palco do Normal, se tem resentido da falta de afinação no conjunto, dando-se o caso até de algumas figuras prejudicarem o trabalho d'outras, mas não é, a nosso ver, este o unico, nem mesmo o principal factor da pouca concorrência nos espectaculos do Normal; são elles d'outra natureza e taes, que só uma boa direcção poderá destruir. O que não é possivel é um barco singrar no meio de tenebroso vendaval.

Fechemos este parenthesis e digámos duas palavras ácerca da comedia *O burguez fidalgo*, traducção do sr. Eduardo Garrido e que obteve um successo de gargalhada. Basta dizer-se que a peça é de Molière e que Eduardo Garrido a traduziu, para se avaliar do seu valor firmado em 3 actos de genuina graça portugueza, sem perda da do original e que teve para mais, uma bella encenação de Augusto de Mello e um magnifico desempenho por parte das primeiras figuras, como: Joaquim Costa, Mello, Ignacio, Lucinda e Adelina Abranches.

D. Amelia. — Desde a *première* da peça *Amor á antiga*, que o sr. Augusto de Castro firmou o seu nome no theatro, e se ella constitue o seu melhor trabalho no genero, não ha duvida, que o drama, ultimamente representado no D. Amelia, *Vertigem*, encerra qualidades muito apreciaveis de psychologia e de estylismo que o tornam muito recommendavel, bastando o 1.º acto e a fôrma como estão desenhados todos os caracteres, para valorisar a obra que, sem favor, confere ao auctor, um logar distincto entre o nos sos escriptores dramaticos.

Emquanto ao desempenho o dizermos que elle foi correctissimo, é accentuarmos o merito dos artistas que compõem o elenco do D. Amelia, pois que, a peça do sr. Augusto Castro pertence ao numero das difficeis de representar, pelo relevo que alguns dos papeis exigem para a reproducção fiel dos seus caracteres, e assim — Maria Falcão, Luz Velloso, Augusto Rosa e Azevedo, nos primeiros papeis, e Chaby, Henrique Alves, Antonio Pinheiro, Jesuina Saraiva e Zulmira Ramos nos secundarios, deram um desempenho á peça que em

poucas temos visto tão correcto e harmonico. Auctor e artistas foram muito applaudidos em todos os finais d'acto.

Duas artisticas festas se realisaram tambem no elegante theatro da Rua do Thesouro Velho: a festa de Augusto Rosa, com a encantadora peça de Pinero, *Casa em Ordem*, e a de Eduardo Schwalbach, com a farça em 1 acto, *Feira do Diabo* e três actos da comedia *Os Positiços*, recebendo ambos, d'uma assistencia numerosa e elegante, a devida homenagem aos seus talentos, um, como mestre da scena; outro como brilhante comediographo. Ambos foram muito brindados. De peça de grande espectáculo *Santa Inquisição*, do sr. Julio Dantas, nos occuparêmo. no numero seguinte dos *Serões*.

Trindade. — Duas peças alternando que cahiram por completo, no agrado do publico — *Viuva Alegre* e *Sonho de Valsa*. Em cada recita... um *casão*. No proximo numero trataremos da *Moirá de Silves*, primoroso original de Lorjô Tavares.

Gymnasio. — Os felizes auctores da comedia, *O olho da providencia*, srs. Xavier da Silva e João Bastos, dotaram o repertorio do Gymnasio com uma nova comedia *O dr. Zebedeu*, que cahiu, em absoluto no agrado do publico, contando as enchentes pelas recita, o que não admira, pois que a peça é das melhores, d'aquelle theatro quer pela graça que resalta de phrase para phrase, quer pelo imprevisito que corre parêlhas com o comico das situações, trabalhadas com engênho e preceitos de technica theatral.

Feita sob os moldes das peças do Gymnasio, resente-se, um pouco, da falta de novidade, mas nem por isso perde em valor, pois que, do primeiro ao ultimo acto consegue despertar a gargalhada, produzindo os mesmos *trucs* o effeito desejado.

Valle, Cardoso, Jesuina Marques, Alda de Aguiar e Farrusca deram aos seus papeis uma boa interpretação, bem com, Monteiro, Pedro Machado, Vieira Marques, Miguel Pereira, Rosa d'Andrade, Palmyra Ferreira e Laura Hirsch.

Lá diz o dictado antigo:—para amigos mãos rôtas—mas não é a sim tratando-se da comedia, *No Resalto*, do nosso collega Raphael Ferreira, pois que, a amizade não exclue a franqueza e da mesma forma como diriamos que era mau, dizemos, que a sua comedia possui todos os requisitos para se conservar largo tempo no cartaz.

Agradou e agradou-nos, sem reserva, felicitando-o duplamente pelo seu trabalho, que tem originalidade, muito espirito e não recorre a *trucs* e a dictos equivocos para despertar o ri. o.

São 3 actos bons que se afastam da habitual graça com mudança apenas de secenario.

No proximo numero falaremos da comedia *Contradansa do divorcio*, traducção do sr. Freitas Branco e que subiu á scena em festa artistica do apreciado actor Cardoso.

Principe Real. — Cumpre-se o nosso vaticinio:—A revista *Sol e Sombra* continúa dando

enchente: successivas e vae até ás 200 representações se não exceder esse numero.

Colyseu dos Recreios.—O mesmo successo que a companhia italiana infantil, alcançou com a *Lucia*, *Somnambula* e outras operas e diversas operetta, e a que nos referimos no nosso ultimo numero com merecido elogio, obteve no *Fra Diavolo* e, muito principalmente na *Tosca*, cantada com primor por esse grupo de pequeninos artistas, que muitos outros desejariam sequer egualar.

E quem conhece essa partitura de Puccini, sabe bem quanta difficuldade tem, e que só bons cantores conseguem n'ella fazerem-se applaudir.

A manifestação attingiu o delirio no final da opera, sem que, um só dos espectadores deixasse de ovacionar os bellos interpretes: Dora Theor, Vittorio Gamba e Luigi Panatt. Pode-se dizer que fecharam com chave d'ouro as recitas d'essa bella companhia.

Seguidamente effectuou-se a estreia d'uma outra de variedades, attractivo predilecto do publico de Lisboa e que obteve tambem legitimo triumpho pelos diversos numeros de novidade e de valor que executaram. Todas as noites, enchetes, e se repetem os applausos.

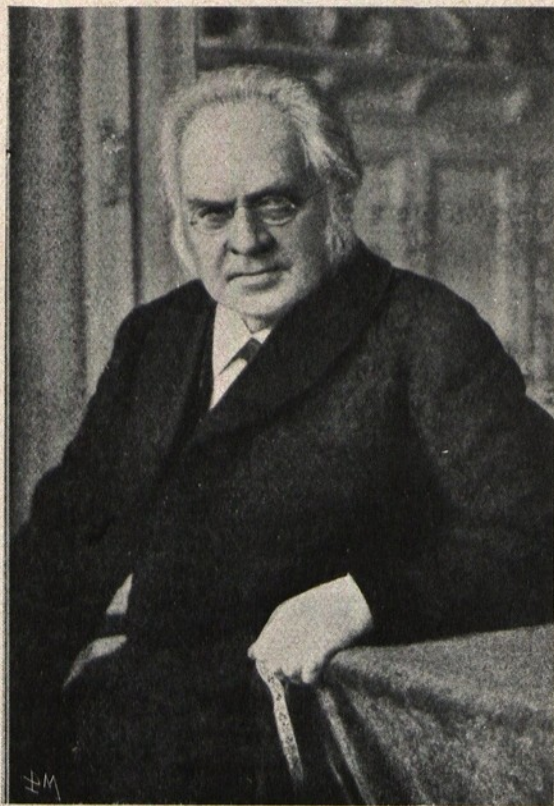
Julio Guerra

Julio Guerra, que foi um photographo amador dos mais estudiosos e de mais realce no nosso meio artistico, poz de parte as camaras, as lentes, todo esse volumoso e dispendioso arsenal da photographia, para se dedicar com



toda a paciencia da sua indole privilegiada, com todo o entusiasmo do seu espirito culto, á arte do embutidor. O que Julio Guerra tem conseguido é verdadeiramente assombroso. Ha moveis trabalhados por elle que são um as ombro e que podem ser collocados ao lado dos que saem das mãos das mais afamadas celebridades no genero.

Bjærnstjerne Bjørnson



Está gravemente doente na sua terra o eminente poeta, litterato e publicista norueguez Bjærnstjerne Bjørnson.

Nascido em Kvikne em 1832, filho de um pastor, concluiu os seus estudos em Christiania e estreou-se então nas letras, publicando no jornaes artigos e novellas. Após uma viagem pelo estrangeiro assumiu a direcção do theatro de Christiania, durante os annos de 1865-1867.

Como jornalista pronunciou-se pela separação da Noruega e da Suecia, foi investido na chefia do partido republicano e desafiou para um duello o rei Oscar por lho criticar uma das suas obras (1879).

Foi condemnado a um anno de prisão e depois empreendeu outra viagem ao estrangeiro, viveu em Paris desde 1882 a 1886, e regressou em seguida ao seu paiz.

Empreendeu novas viagens e em 1897 effectuou conferencias sobre Victor Hugo. Como poeta, os seus trabalhos mais notaveis são: *Arnlyot Gelline*, poema épico (1870) e *Poesias e contos*. Como romancista publicou numerosas obras que tiveram grande successo. Citaremos: *Synnoeve Solbakkeu*, *Arne*, *A filha da pescadora*, *Magnhilde* e *A herança dos Kurts*. Escreveu para o theatro: *Halte-Hulda*, *Entre os Combates*, *Sigurd Slemb*, *Maria Stuart na Escossia*, *Os recém casados* (cujo successo foi enorme), *Uma fallencia* (a sua obra

prima), *Leonarda*, *O novo systema*, *Monogamia e polygamia*, etc.

Algumas destas peças, onde a par de reparáveis defeitos se assignalam brilhante preditados, teem sido representadas nas principais capitães da Europa e especialmente em Paris. Bjærnson, que foi cognominado — O Victor Hugo norueguez, — junta a um talento cheio de pujança, uma imaginação vigorosa, um enthusiasmo excessivo mas sincero, um amor ardente pela verdade.

Augusto Gil

A poesia que neste numero publicamos do inspirado e suggestivo poeta Augusto Gil, é do seu livro *Luar de Janeiro*. No proximo mez faremos a apreciação da sua nova obra *Canto da Cigarra*, obra em tudo digna d'esse insigne homem de letras, um dos mais robustos talentos da geração actual.

Marechal Hermes da Fonseca

Uma enorme maioria de votos acaba de conferir ao marechal Hermes da Fonseca, o elevado cargo de chefe de estado da Republica dos Estados Unidos do Brasil. Militar illustradissimo, veterano da guerra do Paraguay, figura extremamente sympathica no exercito brasileiro, espirito lucido, scientificamente educado, gosa da merecida fama de possuir a par d'estas qualidades, as de um caracter honesto e as de uma alma bondosa.



MARECHAL HERMES DA FONSECA

A candidatura**«campista»**

HAMLETO

Ser ou não ser... o presidente!

(Caricatura que amavelmente nos foi enviada por um illustre artista brasileiro a propósito da eleição presidencial no Brasil)

**FARINHA
LACTEA NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.



Musica dos Serões

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Eulalia Ferreira

MINUETE

Original de José M. Correia

Londontine

Handwritten musical score for a piece titled "Londontine". The score is written on ten staves, organized into five systems of two staves each. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 2/4. The notation includes various musical symbols such as notes, rests, accidentals, and dynamic markings. The piece is divided into sections labeled "1a Ver", "2a Ver", and "Trio". The "Trio" section begins on the eighth staff. The score concludes with a double bar line and a final chord.

1a Ver

2a Ver

1a Ver

2a Ver

Trio

1a Ver

2a Ver

Trio

Handwritten musical score on aged paper, featuring multiple staves with notes, rests, and dynamic markings. The score includes various musical notations such as treble and bass clefs, key signatures (one sharp), and time signatures (4/4). The notation is dense, with many beamed notes and slurs. The word "Ped." (Pedal) is written on the left side of the first staff. The word "cres" (crescendo) is written on the fourth staff. The word "Volto" is written on the right side of the last staff. The word "Volto" is also written on the right side of the last staff. The word "Volto" is also written on the right side of the last staff.

Handwritten musical score for a hymn, featuring ten systems of two staves each. The music is in G major and 4/4 time. The lyrics "Gee" are written below the bottom staff of each system. The score includes various musical notations such as treble and bass clefs, key signatures, time signatures, notes, rests, and dynamic markings.